



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
BACHARELADO EM TURISMO

**LETÍCIA MELGAÇO DE AGUIAR**

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO (CAMPINA GRANDE/PB):  
CONSIDERAÇÕES SOBRE ADJETIVOS COMPARATIVOS, SUPERLATIVOS  
E SUSTENTABILIDADE**

BRASÍLIA – DF

2018

**LETÍCIA MELGAÇO DE AGUIAR**

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO (CAMPINA GRANDE/PB):  
CONSIDERAÇÕES SOBRE ADJETIVOS COMPARATIVOS, SUPERLATIVOS E  
SUSTENTABILIDADE**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Co-Orientador: Prof. Dr. Esdras Matheus Silva Matias

BRASÍLIA – DF

2018

AAG282m Aguiar, Leticia Melgaço de  
O Maior São João do Mundo (Campina Grande/PB):  
Considerações sobre adjetivos comparativos, superlativos e  
sustentabilidade / Leticia Melgaço de Aguiar; orientador  
Iara Lúcia Gomes Brasileiro; co-orientador Esdras Matheus  
Silva Matias . -- Brasília, 2018.  
109 p.

Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de  
Brasília, 2018.

1. O Maior São João do Mundo. 2. Campina Grande/PB. 3.  
Desenvolvimento sustentável. 4. Dimensões da  
sustentabilidade. 5. Impactos do turismo. I. Brasileiro,  
Iara Lúcia Gomes, orient. II. Matias , Esdras Matheus  
Silva, co-orient. III. Título.

**LETÍCIA MELGAÇO DE AGUIAR**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

**O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO (CAMPINA GRANDE/PB):  
CONSIDERAÇÕES SOBRE ADJETIVOS COMPARATIVOS, SUPERLATIVOS  
E SUSTENTABILIDADE**

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro – Orientadora

---

Prof. Dr. Esdras Matheus Silva Matias – Co-Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivany Câmara Neiva – Avaliadora Interna

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Livia Cristina Barros da Silva Wiesinieski – Avaliadora Externa

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Neuza de Farias Araújo – Suplente

Brasília, 05 de Julho de 2018.

*À minha avó Rosa Bueno “In  
memorian” que fazia o melhor e mais  
gostoso bolo de milho, e aos meus pais  
Maria & Jamil por todo amor, apoio e  
por serem minha fonte de inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos derramadas em minha em minha vida.

Aos meus pais, Maria Aparecida Melgaço de Aguiar e Jamil Pereira de Aguiar, por todo amor incondicional, apoio, carinho e compreensão ao longo da vida e principalmente durante a realização deste trabalho. Obrigada por tudo que já fizeram e fazem por mim todos os dias.

Aos meus irmãos, Leandro Melgaço de Aguiar e Leiliany Melgaço de Aguiar pela cumplicidade e amizade.

Ao meu namorado Diogo Correia da Silva, por todo amor, apoio, paciência, incentivo diário e por ter me ajudado e me acalmado em vários momentos precisos.

À minha família por ser minha base de amor, em especial, minha avó Maria Da Paz, tia Tereza, madrinha Terezinha, Jean, Geane e Maurício.

Às minhas primas e meus primos: Gabriela Santos, Sarah Santos, Sabrina Santos, Gisele Santos, Ana Beatris, Marco Aurélio, Paulo Roberto, Antônio Carlos e Thiago Franco. Muito obrigada por todos os momentos, vocês são essenciais na minha vida!

Às minhas amigas e meu amigo do grupo “Vai comer no ru hoje?”: Jacqueline Salles, Lays Pugas, Letícia Lira, Priscila Gomes e Rafael Valverde. Muito obrigada por tudo que vivemos juntos, só nós sabemos o que passamos e que sorte a nossa de termos tido uns aos outros ao longo dessa jornada.

Aos amigos e amigas que fiz durante o curso, em especial: Alyne Albuquerque, Bianca Cabral, Daniel Noble, Flávia Monteiro, Fylype Monimo, Gustavo Assis, Helder Guedes, João Paulo, Lorryne Messias, Manoel Mendes, Maria Clara, Paula Schulz, Sarah Andrades e Taylane Campos. Muito obrigada pelos momentos compartilhados!

Às minhas amigas: Lauhana Martins, Luana Clécia, Priscila Lima e Rosilene Oliveira, que mesmo distantes se fizeram muito presentes na minha vida.

À coordenação que faço parte no Ministério do Turismo, CGPRO: Cristiano Borges, Fabiana Oliveira, Rafaela Lehmann, Nayara Marques, Laís Campelo, Thaís Moura, Bárbara Souza e Carolina Fávero. Muito obrigada por todo incentivo que vocês me deram, tenho muito orgulho de fazer parte dessa equipe maravilhosa.

À Polaris Jr. e as pessoas que conheci ao longo do tempo que fiz parte da empresa.

Aos professores do CET e de outros departamentos da UnB, obrigada por todos os ensinamentos ao longo desses anos.

Ao simpático “tio Bacana” por toda alegria e cuidado.

Um agradecimento especial a todas as pessoas que foram essenciais para a obtenção dos dados dessa pesquisa. Muito obrigada por terem tirado um tempinho para conversarem comigo pessoalmente e por terem respondido o questionário *online*.

A todas as pessoas que não mediram esforços e me ajudaram de alguma forma, em especial: Juliana Villarim, Renata Lima, Katia, Fátima e Duci Moura.

Ao Esdras Matias, por todo apoio na pesquisa. Sou muito grata por toda ajuda, por todas as nossas conversas e por tudo que fez por mim, muito obrigada de coração!

Fechando com chave de ouro, à maior e melhor orientadora, Iara Lúcia Gomes Brasileiro. Você é minha motivação diária, te agradeço por todos os momentos vividos durante a graduação e principalmente nessa reta final do curso. Você foi extremamente importante para a realização dessa pesquisa. Muito obrigada por dividir sua vida comigo, serei eternamente grata por tudo que passamos juntas. Você é luz!

## RESUMO

A festa de São João de Campina Grande mais conhecida como “O Maior São João do Mundo” (MSJM) é realizada durante trinta dias consecutivos no Parque do Povo, sede do festejo junino desde a sua inauguração. Atualmente, o evento é organizado por uma parceria público e privada. Este trabalho teve como problemática de pesquisa a questão dos benefícios que a cidade de Campina Grande na Paraíba ganha ao realizar o evento considerado como “o maior São João do mundo”. Ser maior em quê, para quê, para quem ou por quê? O objetivo geral da pesquisa foi identificar e analisar os impactos positivos e negativos resultantes dessa alcunha do evento, a partir dos conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável. O método de pesquisa do estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas, pesquisa de campo, questionário *online* e análise de conteúdo. Foram separados três grupos de análise. Grupo um: entrevistados da população (EP); grupo dois: gestores entrevistados (GE) e grupo três: respondentes da pesquisa *online* (RPO). Em relação às dimensões da sustentabilidade (ambiental, cultural, social, política e econômica), buscou-se identificar e analisar os impactos positivos e negativos gerados pelo MSJM na opinião dos entrevistados da pesquisa de campo e dos respondentes da pesquisa *online*, quanto às cinco dimensões da sustentabilidade. O resultado da pesquisa mostrou que a economia é o impacto positivo mais citado e a falta de segurança para os frequentadores da festa é o impacto negativo mais lembrado.

Palavras chave: O Maior São João do Mundo; Campina Grande/PB; Desenvolvimento sustentável; Dimensões da sustentabilidade; Impactos do turismo.

## ABSTRACT

The São João's party which happens in Campina Grande, mainly known as "O Maior São João do Mundo" (MSJM) (The Greater Saint John of the World), is held during thirty consecutive days at Parque do Povo, the area where the June party take place since inauguration. Nowadays, the event is organized by public and private's association. The search objective of this work was the problematic questions about benefits whom the city of Campina Grande in Paraíba receive when performing the event considered as "the world biggest São João". Be greater in what, for what, for whom or why? The general objective of the research was to identify and analyze the positive and negative impacts result by this designation of the event, from the concepts of sustainability and sustainable development, presenting bibliographic research, semi-structured interviews, field research, online questionnaire, and content analysis. Three analysis groups were separated. Group one: population interview (EP); group two: managers interview (GE), and group three: online questionnaire respondents (RPO). Regarding the sustainability dimensions (environmental, cultural, social, political, and economical) it was explored identification and analysis of the positive and negative impacts generated by MSJM considering the field research interviews and the online questionnaire respondents as to the five sustainability dimensions. The search result indicated that economy is the positive consequence most cited and the security absence is the brunt for the party visitors that is most evoked.

**Keywords:** The Greater Saint of the World; Campina Grande/PB; Sustainable development; Sustainability dimensions; Tourism impacts.



## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

**CET:** Centro de Excelencia em Turismo

**CGPRO:** Coordenação-Geral de Produtos Turisticos

**CNUMAD:** Conferencia das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento

**EMBRATUR:** Instituto Brasileiro de Turismo

**EP:** Entrevistados da População

**GE:** Gestores Entrevistados

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDHM:** ndice de Desenvolvimento Humano

**MSJM:** O Maior São João do Mundo

**MTUR:** Ministério do Turismo

**ONU:** Organização das Nações Unidas

**PB:** Paraíba

**PBTur:** Empresa Paraibana de Turismo

**PIB:** Produto Interno Bruto

**PP:** Parque do Povo

**RPO:** Respondentes da Pesquisa Online

**TCC:** Trabalho de Conclusão de Curso

**TV:** Televisão

**UNB:** Universidade de Brasília

**VAB:** Viação Aérea Bahiana

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba .....	29
<b>Figura 02:</b> Palhoção de Campina Grande.....	36
<b>Figura 03:</b> Primeira logomarca: Espigas de milho <i>Sabugilda</i> e <i>Milharildo</i> .....	36
<b>Figura 04:</b> Folder do São João.....	37
<b>Figura 05:</b> Construção da pirâmide .....	38
<b>Figura 06:</b> Parque do Povo em 1986 .....	39
<b>Figura 07:</b> Barracas no Parque do Povo 1996.....	39
<b>Figura 08:</b> Barracas no Parque do Povo .....	40
<b>Figura 09:</b> Montagem das estruturas do MSJM .....	41
<b>Figura 10:</b> Grade da festa do MSJM .....	42
<b>Figura 11:</b> Vista para a pirâmide do MSJM .....	42
<b>Figura 12:</b> Pirâmide do Maior São João do Mundo de Campina Grande .....	43
<b>Figura 13:</b> Decoração da pirâmide da edição de 2018 do MSJM .....	43
<b>Figura 14:</b> Apresentação da Quadrilha Junina Moleka .....	43
<b>Figura 15:</b> Apresentação da Quadrilha Junina Moleka .....	44
<b>Figura 16:</b> Vista para o palco do MSJM .....	44
<b>Figura 17:</b> Vista aérea do Parque do Povo .....	44

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> Com o passar dos anos você acha que a festa passou por mudanças? .....	65
<b>Gráfico 02:</b> Mudanças identificadas na festa.....	66
<b>Gráfico 03:</b> Pontos positivos que a festa traz para a cidade .....	71
<b>Gráfico 04:</b> Você se sente seguro (a) na festa?.....	75
<b>Gráfico 05:</b> Você já passou por alguma situação constrangedora dentro ou fora da festa?.....	79
<b>Gráfico 06:</b> Pontos negativos que acontecem na cidade .....	83

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Relação dos entrevistados da população.....	55
<b>Quadro 02:</b> Relação dos gestores entrevistados.....	55
<b>Quadro 03:</b> Incongruências do questionário <i>online</i> .....	57
<b>Quadro 04:</b> Representação dos grupos da pesquisa .....	58
<b>Quadro 05:</b> Impactos na dimensão ambiental.....	87
<b>Quadro 06:</b> Impactos da dimensão cultural .....	87
<b>Quadro 07:</b> Impactos da dimensão social .....	88
<b>Quadro 08:</b> Impactos da dimensão política.....	89
<b>Quadro 09:</b> Impactos da dimensão econômica .....	89

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Impacto econômico gerado pelo São João de Campina Grande 2017 .....	41
<b>Tabela 02:</b> Perfil socioeconômico do público da pesquisa de campo .....	59
<b>Tabela 03:</b> Setores dos gestores.....	61
<b>Tabela 04:</b> Perfil socioeconômico do público da pesquisa <i>online</i> .....	61
<b>Tabela 05:</b> Local de moradia .....	63
<b>Tabela 06:</b> Quantas vezes você foi à festa? .....	63
<b>Tabela 07:</b> Questões sobre o lixo.....	85

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS .....	09
LISTA DE GRÁFICOS.....	11
LISTA DE QUADROS .....	12
LISTA DE TABELAS .....	13
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: UMA BREVE HISTÓRIA DA FESTA .....	17
1.1 ORIGEM NO MUNDO.....	17
1.2 CHEGADA AO BRASIL.....	19
1.3 TRADIÇÕES JUNINAS .....	25
CAPÍTULO 2: LÓCUS DA PESQUISA .....	29
2.1 CAMPINA GRANDE .....	29
2.1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS.....	30
2.2 O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.....	34
CAPÍTULO 3: TURISMO E SUSTENTABILIDADE .....	45
3.1 TURISMO .....	45
3.1.1 TURISMO CULTURAL.....	46
3.2 SUSTENTABILIDADE.....	49
3.2.1 DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE .....	51
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA.....	53
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
REFERÊNCIAS .....	94
APÊNDICES .....	98
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A POPULAÇÃO .....	99
APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS GESTORES .....	102
APÊNDICE C: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA ONLINE.....	103

## INTRODUÇÃO

As festas de devoção aos santos são um dos principais atrativos turísticos do Brasil, distinguindo-se, assim, como grande potencial para o turismo nacional. Por isso mesmo, o estudo desses símbolos e manifestações culturais é de grande importância para o planejamento e desenvolvimento do turismo em diversas localidades do país. É fato que o turismo vem se tornando um dos recursos mais utilizados para movimentar a economia dos lugares. Contudo, muitas vezes, na sua concepção, quase sempre têm sido esquecidas as questões de natureza ambiental e social, priorizando-se o olhar mais direcionado ao viés político que privilegia o crescimento econômico. Essa orientação é, sem dúvida, importante, mas se for a única a ser obedecida, o desenvolvimento real esperado tenderá a não se manter no tempo, ou seja, será insustentável. Para que ocorra a prosperidade que se espera e deseja, devem ser levados em conta os princípios da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável que, por sua vez, se baseiam na justiça social, precaução ambiental e na viabilidade econômica. Com isso, “qualquer projeto de cunho econômico, político, social ou cultural deve levar em conta o impacto ambiental e os seus reflexos na qualidade de vida das populações” (FONTELES, 2004, p. 39).

A problemática dessa pesquisa partiu do pressuposto da seguinte questão: o evento considerado “o maior São João do mundo” traz benefícios para a cidade de Campina Grande na Paraíba? Algumas perguntas ajudaram na abordagem desta problemática: O que torna um evento maior ou melhor que outro? Que consequências esse adjetivo e esse entendimento trazem para o evento ou, mesmo, para a cidade em que ocorre? Ser maior em quê, para quê, para quem ou por quê? Não é só a cidade de Campina Grande que chama para si o título de “maior”. Essa é uma competição já conhecida particularmente entre os nordestinos, uma vez que a cidade de Caruaru/PE afirma ter o “maior” São João. Diante dessa disputa, pergunta-se: Que consequências um evento considerado como “maior” traz para a cidade que o realiza?

Os impactos do turismo não são constituídos em eventos pontuais. Fazem parte de um processo constante de mudança que acontece em decorrência de uma causa específica como, por exemplo, algum serviço ou uso de um equipamento turístico. A interação dos turistas com a comunidade e com os meios receptores provoca impactos na natureza e na sociedade em que essas atividades ocorrem (RUSCHMANN, 2012).

Logo, há necessidade em equilibrar esses efeitos, de modo a não somente proteger a identidade da população receptora, como cuidar do seu ambiente, das questões sociais como educação e saúde, proporcionando-lhe melhores condições de vida com geração de emprego e distribuição de renda. Contudo, a mensuração de impactos é difícil, por serem subjetivos (RUSCHMANN, 2012).

Os impactos no desenvolvimento turístico sobre patrimônio natural e cultural são percebidos local, regional, nacional e internacionalmente. A intensidade dos impactos, tanto positivos como negativos, pode apresentar-se nesses diferentes níveis. Em alguns casos, os impactos não são relevantes e, em outros, comprometem as condições de vida ou a atratividade das localidades turísticas (RUSCHMANN, 2012, p. 36).

Desse modo, o **objetivo geral** da pesquisa é “Identificar e analisar os impactos positivos e negativos resultantes da alcunha de “o maior São João do mundo” para o evento realizado em Campina Grande/PB, a partir dos conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável”.

Para que o objetivo geral fosse alcançado, foram traçados os seguintes **objetivos específicos**:

- Contextualizar a história da festa de São João realizada na cidade de Campina Grande/PB e o surgimento do adjetivo de “maior do mundo”.
- Discutir a importância do turismo cultural para o desenvolvimento local.
- Levantar dados sobre os aspectos ambiental, cultural, social, político e econômico da cidade de Campina Grande, particularmente no que se refere ao evento junino.

A realização deste trabalho partiu do interesse pessoal da pesquisadora em adentrar na temática do São João, pois havia muita curiosidade em explorar mais a relação de uma festa e seu impacto na localidade realizadora. Outra razão que se fez muito importante para a escolha desse tema, foi o fato de a pesquisadora ser estagiária do Ministério do Turismo. Na sua coordenação em que trabalha são realizadas ações ligadas aos festejos juninos do Brasil. Isso despertou-lhe o interesse em se aprofundar no assunto, para que, num futuro próximo, os resultados obtidos da pesquisa possam ser utilizados pelo setor público na realização de ações voltadas à divulgação e apoio a essas festas.



Após a escolha do tema, a pesquisadora descobriu que “tem sangue de paraibana”, pois sua avó materna é do estado da Paraíba, e uma surpresa, ela é da própria cidade que realiza “O Maior São João do Mundo”, Campina Grande. Com isso, o interesse em abordar os impactos da festa na cidade só foram mais acentuados, pois o esforço da pesquisadora em trabalhar com aspectos positivos e negativos de uma festa que é realizada em outro estado, só aumentou a vontade de construir um trabalho que possibilite o uso em prol de benefícios e melhorias para a cidade de Campina Grande.

Um adendo: a pesquisadora nunca participou da festa do “Maior São João do Mundo”. No entanto, sabia da necessidade de visitar o local, percorrer as ruas, conversar com as pessoas em uma pesquisa de campo. Assim, antes do início da festa (a pesquisa de campo foi realizada no início de maio e a pesquisa *online* foi fechada no dia 31/05/2018), viajou até a cidade para realizar *in loco* suas observações. Assim, os dados levantados se referem às festas realizadas até 2017, uma vez que a edição de 2018 ainda estava por vir, apesar de muito próxima. A pesquisa buscou apreender a opinião dos frequentadores da festa, pessoas que já foram inúmeras vezes e que puderam observar os vários aspectos que mudaram ao longo do tempo, relacionados a cinco dimensões da sustentabilidade como se verá no decorrer do texto.

O trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos, considerações finais, referências e apêndices. No primeiro capítulo encontra-se a fundamentação dos conceitos relativos aos festejos juninos, onde foi feito um breve histórico da origem da festa no mundo, como foi sua chegada ao Brasil e algumas tradições da festa de São João. O segundo capítulo aborda dados atuais e alguns aspectos históricos da cidade de Campina Grande, de modo a contextualizar o lócus da pesquisa, no caso, “O Maior São João do Mundo”. O terceiro capítulo trata sobre o turismo, adentrando no segmento do Turismo Cultural e sua importância para o desenvolvimento local, a questão da sustentabilidade e as dimensões: ambiental, cultural, social, política e econômica. O quarto capítulo refere-se à metodologia da pesquisa. Neste caso a abordagem foi qualitativa, e os objetos utilizados para o alcance dos resultados foram: pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas, pesquisa de campo e questionário *online*. Depois da coleta dos dados foi feita análise do conteúdo nos resultados obtidos.

Posteriormente, no quinto capítulo, são analisados os resultados da pesquisa de campo e da pesquisa *online*. Por fim, temos as considerações finais, as referências e os apêndices.

## CAPÍTULO 1: UMA BREVE HISTÓRIA DA FESTA

### 1.1. ORIGEM NO MUNDO

Lima e Andrade (1983) conceituam festa como um conjunto de cerimônias, rituais, coletivas, e de caráter comemorativo. Cerimônias no sentido de atos ou série de atos relacionados ao profano ou ao religioso; rituais porque envolvem poderes ou virtudes que são capazes de produzir determinados efeitos; coletivas porque a sua realização é em função da cooperação da comunidade e, de caráter comemorativo porque recordam fatos ou acontecimentos tradicionais da sociedade. Ainda de acordo com as autoras (1983, p. 159) as festas estão divididas em quatro categorias:

[...] podem ser cíclicas, religiosas fixas e móveis, e cívicas. As cíclicas são periódicas anuais, e dependem do calendário eclesiástico; as religiosas fixas realizam-se no dia ou em torno do dia do santo ou orixá; as móveis são para os santos ou orixás, e se efetuam em épocas diversas do ano; cívicas, as relacionadas a acontecimento históricos.

A festa se destaca por estar dentro das manifestações da vida social nos agrupamentos humanos, e seu aparecimento data das mais remotas eras (ARAÚJO, 1973), “certamente quando o *homo faber*, deixando de ser mero coletor de alimentos, praticamente da técnica de subsistência da catança, passou a produzi-los, plantando.” (ARAÚJO, 1973, p. 11). Para este mesmo autor (1973, p. 11):

Há na aurora das festas aquela preocupação mágica de agradecer a natureza ou suplicar para que ela, entidades supraterras ou divindades, não permitam as pragas, danos ou malefícios nas plantações, praticando portanto ritos protetivos e produtivos.

A origem das festas brasileiras realizadas no mês de junho – juninas, portanto, é bem antiga: remonta às tradições dos pagãos, antigos povos da Europa, Ásia e África, que antigamente faziam festividades às divindades protetoras da fertilidade e da colheita quando a chegada do verão se aproximava do Hemisfério Norte (TRIGUEIRO, 1995). Assim, para muitos historiadores, o surgimento da festa tem relação ao solstício de verão que acontecia na Europa, Oriente Médio e Norte da África. Nessa época “os povos celtas, bretões, bascos, sardenhos, egípcios, persas, sírios e sumérios criavam expressões de fertilidade para promover o crescimento da vegetação e a fartura das colheitas” (REIS, 2003, p. 9).

Segundo Trigueiro (1995, p. 153):

Não é apenas uma coincidência a data hagiográfica dos festejos juninos. Os antigos rituais agrários, no Velho Mundo, por ocasião do solstício de verão, que ocorre entre os dias 22 e 23 de junho, marcavam o início da colheita dos cereais. A relação do homem com a terra era muito forte e os ritos de fertilidade do plantio estavam também associados à fertilidade humana. Plantar e colher era mais que ato profano.

Inúmeras religiões determinam datas para comemorações de fatos litúrgicos nos variados cantos do mundo. Com o passar do tempo as comemorações foram adicionando “o engalanamento, as máscaras, os disfarces, os trajes custosos e garridos, a música, o baile, a procissão, o préstito, a liturgia, o exibicionismo” (ARAÚJO, 1973, p. 11). No decorrer do tempo a festa foi se associando a elementos “como padroeiros, entidades sobrenaturais, mais tarde substituídas pelos santos do hagiológico<sup>1</sup> católico romano.” (ARAÚJO, 1973, p. 11).

Mesmo que hoje, as festas juninas sejam uma manifestação católica, “as Festas de São João já existiam antes do catolicismo” (REIS, 2003, p. 9), são anteriores ao cristianismo, quando eram ligadas aos ciclos naturais e marcavam a passagem do tempo (LUCENA FILHO, 2007), como já dito anteriormente.

De acordo com Reis (2003, p. 29):

Existem fatos e fenômenos contraditórios narrados a respeito das festas em homenagem a São João, isto, na nossa suposição, está relacionado com a origem desta louvação, que é deveras antiga e têm grande vinculação com a aculturação do Sol e à fertilidade celebrada por datas comemorativas e chegadas do verão, de origem dos egípcios, quando festejavam os resultados positivos das boas colheitas. Os gregos continuaram com estas homenagens, tendo como seus seguidores, mais tarde, os romanos. No território cristão, sob o Império da Roma, foi preservado e acabou incorporado aos romanos às louvações a São João Batista.

Deste modo, a Igreja Católica resolveu adaptar as comemorações dos festejos de São João, transformando-as em manifestações cristãs. Foi por meio do catolicismo, “que houveram influências decisivas para a transformação de uma manifestação profana em festa-louvação de caráter especificamente religioso numa homenagem a São João Batista.” (REIS, 2003, p. 28). Os tempos de poder absoluto da Igreja Católica se perduraram na Idade Média, onde era imposto com “terror, de modo a perdurar o temor

---

<sup>1</sup> Relativo a santos; catálogo de santos (Houaissonline).

popular e classificar quase tudo como proibido e pecado, as destas despontaram como ocorrência social de caráter benevolente.” (NÓBREGA, 2010, p. 40).

Para formar o conjunto do *ano eclesiástico*<sup>2</sup>, certos dias foram dedicados ao culto divino pela Igreja Católica, onde a distribuição das festas é feita em dois grupos distintos, o primeiro são as festas do Senhor e o segundo são os dias comemorativos aos santos (ARAÚJO, 1973). Para Franco (1917), nenhum outro culto se popularizou tanto, penetrou mais longe nas almas das pessoas do que o de São João Batista e Santo Antônio:

[...] os dois santos populares por excellencia da raça portugueza, aquelles cuja celebração é a festa da multidão, é a festa da infância, é a festa dos pobres e dos simples, com todas as crendices e abusões próprias da ingenuidade popu'ar. (FRANCO, 1917, p. 148).

Segundo Etzel (1995, p. 34):

Durante o mês de junho há mais três outros dias não santos mas festivos da Igreja. São os tradicionais dias de Santo Antônio a 13; São João a 24 e São Pedro e São Paulo 29. São datas de festividades eminentemente familiares em franco contraste com o dia de Corpus Cristi (*sic*). Santo Antônio é tradicional na devoção do povo por ser o santo casamenteiro e pai dos pobres. São João, o Batista, é filho de Santa Isabel. Neste dia sobem os balões, prolongamento da fogueira que, segundo a lenda, anunciava o nascimento daquele que viria a batizar Jesus. Isabel era estéril, mas um anjo deu a boa nova acontecida pelos desígnios de Deus. Lucas: 1,7 - “E não tinham filhos porque Isabel era estéril”, 1, 12 - “O anjo lhe disse, Zacharias não temas; porque a tua oração foi ouvida e Isabel, tua mulher, dará a luz um filho, e lhe porás o nome de João”. São Pedro, o primeiro Chefe da Igreja e tradicional “porteiro” do céu encerra as festas juninas tão do agrado do povo luso-brasileiro.

## 1.2 CHEGADA AO BRASIL

As festas juninas fazem parte de um ciclo de festejos que foram transportados da Europa para o Brasil. A comemoração é feita especialmente por conta da colheita do milho, onde a plantação coincide com o dia 19 de março, no qual o catolicismo homenageia São José e esta homenagem é estendida até o final do mês de julho, quando os católicos fazem homenagem a Ana, esposa de Joaquim, pais de Maria, mãe do menino Jesus. Por questões econômicas e por razões lúdicas, nesse período as pessoas que moravam em áreas urbanas se deslocavam para o campo (LUCENA FILHO, 2007). “A passagem dos festejos religiosos dos templos para as ruas em cânticos e folguedos

---

<sup>2</sup> “Calendário religioso”

data, segundo a literatura, da Idade Média e introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses” (VARGAS, 2014, p. 260).

Segundo o Ministério do Turismo (2016), os festejos juninos ou festas de São João, podem ser considerados atrativos culturais, uma vez que possuem elementos e características próprias, por exemplo, gastronomia típica, danças, músicas tradicionais, ornamentação e indumentária que fazem referência ao passado rural do Brasil. Reis (2003) destaca que as festas estão tomando conta do Brasil de ponta a ponta, pelo simples fato de contar com raízes caipiras que são adotadas pelo povo rural. Por sua vez, Chianca (2006) pondera que a festa de São João, por ser uma festa popular, está revelando ano a ano uma dinâmica política, econômica e social das cidades. Logo, a festa do interior reinventa o rural, onde os habitantes estão sendo representados pelo migrante no espaço urbano.

Os jesuítas trouxeram as festas juninas para o país no século XVI, logo, os festejos religiosos passaram dos templos para as ruas e se transformaram em cânticos e folguedos. Com isso, dia após dia a festa de São João se adapta ao território brasileiro (RIBEIRO, 2002; VARGAS, 2014; CHIANCA, 2013).

Conforme afirma Amaral (1998, p. 58):

O constante festejar brasileiro, de caráter essencialmente religioso, de fato não é recente a literatura dos viajantes nos prova isto. Chegando ao Brasil, muitos deles ficavam simplesmente perplexos quando, já a partir da porta das primeiras igrejas avistadas, e por todo o percurso das inúmeras procissões que se realizavam constantemente, contemplavam as imensas “alas” compostas por carros alegóricos. Neles, gente de todas as raças fantasiada dos mais diversos personagens, ricamente vestidos e adornados, corporações de ofício e irmandades religiosas, os grupos de dançarino e músicos, desfilavam, lado a lado, todos juntos. Desta multidão compacta sobressaía uma imensa quantidade de cruces, pendões e estandartes, sacudidos e agitados efusivamente ao som do trovejar de ensurdecadores e excessivos fogos de artifício.

Há dois modos de se referir a essas festas: “joaninas” e “juninas”. Em relação a essas terminologias Vargas (2014) considera que por conta da popularidade de São João, a síntese dos festejos é nomeada como festas “joaninas”. Entretanto, Ribeiro (2002) pondera que para diferenciar as festas pagãs de Juno com a festa de São João, a Igreja Católica passou a chamá-las de “joaninas”, mas pelo fato de serem realizadas no mês de junho ficaram mais conhecidas como “juninas”. Para Reis (2003) existem diferenças entre as terminologias junino e joanino. A terminologia joanino veio assim

que nosso país foi colonizado, só que a partir da junção de outras culturas na festa de São João e pelos santos que também são homenageados no mês de junho, foi se alargando o calendário das festas, passando a se tornar festejos juninos.

Reis (2003) considera que as raízes da origem das festas no Brasil não divergem das origens mundiais, pois elas utilizam o tempo em fases distintas, onde há ritos específicos que reverenciam datas para assinalar a passagem de um ciclo para o outro. “Desta feita, entre os seres humanos primitivos, as principais festas coincidem com o início da primavera, a colheita dos frutos e o final da atividade do setor primário” (REIS, 2003, p. 24).

Ribeiro (2002, p. 6) destaca que:

As celebrações se mostravam muito eficazes para atrair a atenção dos indígenas para a mensagem catequizadora dos padres, em especial as festas que conjugavam fogueiras, rezas e alegria. O período das festas juninas coincidia, ainda, com o época do ano em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade. Essa coincidência de comemorações fez com que as festas juninas se tornassem, rapidamente, uma das preferidas da população. Além disso, em muitas regiões do Brasil, era a época da seca, quando os rios baixos e o solo seco deviam ser preparados para o próximo plantio. Os roçados do ano anterior ainda continham mandioca, cará, inhame, batata-doce, abóbora e abacaxi. Além do que, era o período da colheita do milho, do feijão e do amendoim. Tanta fartura era considerada uma bênção e devia ser comemorada. A tradição manteve-se até os dias hoje, principalmente nos meios de predominância rural, fazendo das festas juninas um momento de festa civil e agradecimento religioso.

O São João é a principal festa do solstício de inverno realizada em todo o território brasileiro, onde as demais são satélites. A festa “traz em seu bojo os apelos da arqueocivilização, é o ritual pagão que se trasladou para o catolicismo romano que lhe deu como padroeiro um santo cuja data agiográfica se localiza no período solsticial” (ARAÚJO, 1973, p. 18), época em que o milho se destaca no Brasil por estar nos inícios das colheitas.

Para Trigueiro (1995, p. 155):

O ciclo junino se caracteriza pelas suas danças e músicas, comidas típicas da época, os coloridos dos balões e bandeirolas, pela demonstração de fé aos três santos e pela participação dos jovens. Neste aspecto é importante ressaltar que os festejos juninos proporcionam uma oportunidade de sociabilidade entre os adolescentes e os jovens. A participação dos adolescentes e jovens nos festejos juninos não serão uma reminiscência dos antigos ritos de fertilidade humana, que estavam associados aos ritos de fertilidade da terra. Viva São João.

Chianca (2013) explicita que não é preciso ser estudioso para entender que o São João ano após ano é capaz de mobilizar milhares de brasileiros tanto da cidade quanto do campo, com diversas expressões em vários contextos, sempre lembrando que é uma festa familiar, de vizinhos, de amizade e de amor. “As festas juninas são também um retrato das contribuições culturais de cada povo à cultura brasileira” (RIBEIRO, 2002, p. 6). O Brasil por ser um país com várias áreas e regiões folclóricas e de grande extensão territorial, observa-se que as manifestações do folclore da região Norte e Nordeste ganham destaque no período solsticial do verão e as da região Centro-Oeste e Sul ganham mais evidência no período solsticial do inverno (ARAÚJO, 1973).

Com base nos solstícios, as festas religioso-profanas podem ser classificadas em dois grupos, que envolvem as calendárias<sup>3</sup>, as de padroeiros e outras, que podem ser distribuídas em festas do ciclo do verão e do ciclo do inverno, “porque não resta dúvida do poder que existe nos solstícios de congregar ou dispersar os membros de um agrupamento humano, principalmente aqueles que vivem no meio rural, ligados à técnicas de subsistências” (ARAÚJO, 1973, p. 12). Segundo essa autora o período solsticial não é o dia do solstício e sim aqueles dias que estão próximos, os que antecedem ou sucedem o dia. São eles os que marcam as estações extremas: o inverno e o verão. “Aqui a geografia é apenas uma *ancilla folclórica*, daí usarmos a expressão solsticial - *que vem ou sucede no solstício, para caracterizar um período de dias* – grifo no original” (ARAÚJO, 1973, p. 12).

Por conta da expansão do turismo e do planejamento de *marketing*, as festas juninas ganham força no Brasil em 1980 e passam a ser transformar em produtos desejáveis (COSTA, 2016). Ribeiro (2002) destaca que pelo fato das festas populares estarem ganhando bastante espaço na mídia, isso fez com que os meios de comunicação pudessem descobrir as festas como produto turístico, fazendo com que as festas estejam aptas para captação de recursos do Estado para sua implementação como evento oficial.

Para o Ministério do Turismo (2017), os produtos turísticos de festejos juninos são o:

conjunto de atrativos, equipamentos e serviços oferecidos em torno de um evento/uma celebração popular de origem religiosa, motivadora do deslocamento de turistas de junho a agosto, caracterizada por gastronomia, danças e músicas, trajes e ornamentação que remetem às tradições e identidades locais.

---

<sup>3</sup> Que estão previstas no calendário anual.

No início da década de 1980, as festas populares de cunho junino, passaram a se transformar em eventos com características mercadológicas, feições de espetáculo com algumas marcas profanas, e por conta disso começaram a ser atrações turísticas e fontes geradoras de renda tanto para a comunidade local quanto para a região (LUCENA FILHO, 2007).

As comemorações de São João no Brasil e na região Nordeste estão remetidas a uma história que vai além do mar, está bem distante. Essas festas assumiram características próprias com o enraizamento em todo o país e em cada região. Apesar dessas comemorações estarem sendo modificadas e estarem longe de sua forma original, elas estão sendo focos de atenção por estarem atraindo multidões. Estas festividades são consideradas de tradição e representantes da cultura nordestina e estão inseridas no calendário oficial de comemorações (MORIGI, 2007).

O fato de São João ser o santo mais festejado no país, principalmente na região Nordeste, resulta que as festas estão crescendo cada vez mais e este crescimento traz significativas transformações. As festas tradicionais estão se inserindo na modernidade: vem se transformando, se modificando em decorrência das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade de adaptação das tradições festivas, ou seja, estão se reinventando, e sendo redescobertas não só pelas populações locais como identidade, pelo reconhecimento da mídia, pelo turismo e pelos turistas. (RIBEIRO, 2002).

É fato que algumas cidades estão sendo transformadas em produtos de consumo massificado (MENESES, 2004). Isso tem provocado sérios problemas na apreensão, interpretação e comunicação do patrimônio histórico local, resultando em exclusão social, pois o planejamento turístico de alguns municípios muitas vezes não atende algumas questões infra-estruturais para preservação da cidade e inclusão da população. Somente por meio do planejamento será feita a inclusão da população para usufruto do bem patrimonial em que se insere e para sua transformação no bem de consumo que deseje. Nas palavras de Meneses (2004, p. 27):

A falta de planos diretores de ocupação urbana, de obras infra-estruturais que possibilitem a preservação dos conjuntos arquitetônicos, de formas de prevenção de acidentes (como os incêndios, por exemplo) e de planejamento de eventos culturais pode ser fator de exclusão de vidas e de possibilidades econômicas para a própria sobrevivência da aglomeração enquanto bem patrimonial, identidade, herança e tradição.



As tradições populares das festas juninas ganharam com a apropriação da indústria cultural e com isso obtiveram uma nova dimensão que passa a se transformar para adequar-se a uma nova realidade sócio-cultural (TRIGUEIRO, 1995). Assim, algumas festas estão sendo transformadas em grandes shows com espetáculos, e o resultado dessa transformação pode fazer com a festa perca o seu sentido, tornando-a apenas objeto de consumo, quando, anteriormente, eram histórias sobre moradores e convidados que a comunidade contava a si mesma (RIBEIRO, 2002). Carvalho, já em 1977, alertava para o perigo dessas modificações quase descontroladas:

As festas folclóricas brasileiras estão tomando, em quase todo o país, um rumo suicida. A cultura de massa, atuando como um agente transformador, modifica e descaracteriza os espetáculos realmente populares, tornando-os às vezes cópias ridículas daquilo que foram, quando não os levam a imitar programas de televisão. Além disso, o próprio interesse que os espetáculos tradicionais despertam no homem do povo parece diminuir, à medida que se afastam de suas raízes culturais. (CARVALHO, 1977, p. 69)

Observa-se que para alguns autores, a apropriação da indústria cultural que acarreta as modificações nos festejos está fazendo as festas perderem suas tradições e até a identidade local. Portanto, ao se buscar agradar os que estão vindo de fora, com o tempo, vai-se perdendo a essência original. É preciso, portanto, atentar-se para o fato de que “o importante é o acompanhamento da evolução dos fatos culturais sem perder o rumo da história e das novas tecnologias” (TRIGUEIRO, 1995, p. 155).

As festas, os costumes, as danças, os folguedos e as histórias orais podem servir para atrair o interesse e a atenção de muitas pessoas para conhecerem mais do costume de um lugar, despertando assim desejo em vivenciar a festa junto com a comunidade. Contudo, isso só será possível quando uma cidade tiver consciência do seu potencial, para, junto com organizações e parcerias, poder transformar as manifestações culturais em atrativos turísticos “possibilitando, assim, oportunidades de negócios e empregos além da valorização da arte e identidade local” (MARTINS, 2003, p. 64).

Dessa forma, as culturas populares passam por grandes mudanças e reformulações na sociedade em que vivemos. Tanto o Estado quanto a iniciativa privada têm fomentado o desenvolvimento de um novo mercado de bens culturais, onde não se afasta a tentativa de atropelar a dinâmica natural. “Não se pode, apenas, criticar esses novos caminhos, mas compreendê-los, conviver e acompanhar-lhes as transformações. A festa tradicional transmutando-se em megaevento é uma tendência atual” (LUCENA FILHO, p. 39). No entendimento desse autor, a transformação da festa em megaevento

é uma tendência atual, e para isso é preciso avaliá-la enquanto estratégia de política cultural, direcionada para o desenvolvimento do turismo, da geração de renda e de empregos, que construa novas formas de comunicação que possam incentivar a autoestima das pessoas que estão integradas nas comunidades onde os eventos acontecem.

As nossas construções culturais são formas de consumo, que podem conservar ou podem transformar essas construções em “materiais” e “imateriais”. A massificação do consumo pode causar transformações radicais, “chegando a destruí-lo” (MENESES, 2004, p. 26). Os produtos midiáticos estão sendo criados para o seu consumo ser feito de uma forma mais rápida e assim serem substituídos por novos produtos, com o objetivo de “dar vazão a um mercado que está constantemente estimulado e agressivo.” (MENESES, 2004, p. 26).

Para Morigi (2007, p. 42):

as festas juninas tornaram-se pontos de encontro, atraindo multidões, modificando os bairros, as vilas, as cidades e, principalmente, através da mediação do seu imaginário, provocando a alteração no espírito das pessoas. A festa junina, mais do que um foco atrativo, encantador e aglutinador de pessoas, transformou-se em um sentimento regional, capaz de congregar em torno de si os valores culturais da tradição local e regional.

### **1.3 TRADIÇÕES JUNINAS**

Algumas tradições dos festejos juninos ainda continuam sendo representadas nos dias atuais e ainda continuam em nosso imaginário, como as “superstições, adivinhações, crenças, agouros, fogueiras, danças e comidas típicas” (TRIGUEIRO, 1995, p. 154). Em conformidade com Trigueiro, Gomes (2011) ressalta que os símbolos característicos desse ciclo são a “fogueira, as quadrilhas, o forró, as comidas típicas e, mais recentemente, os espetáculos e os cenários dos grandes eventos festivos.” (GOMES, 2011, p. 102). As festas costumam ter destaque pela sua capacidade em proporcionar as relações sociais e pelos valores simbólicos que podem ser concebidos no espaço social e cultural. Com essa linha de pensamento, Morigi (2007) salienta que sem sombra de dúvidas, a festa junina condensa em si os elementos da cultura local e regional, fazendo com que haja uma âncora entre a tradição nordestina e o imaginário social.

Lucena Filho (2007) ressalta que na véspera do dia 24 de junho é tradição acender fogueiras e fazer reunião com a família em seu entorno. Este momento é quando a cidade e o campo celebram os santos de junho que, por sua vez, têm coincidência com a colheita do milho. Isso motivou o desenvolvimento dos festejos populares em que predomina uma gastronomia própria, onde as danças e as músicas se adaptam à condição climática. “É todo um conjunto de tradições que ainda se conserva.” (LUCENA FILHO, 2007, p. 19).

Ao passar dos anos as comemorações portuguesas passaram a agregar variações regionais no território brasileiro, ainda se conserva o louvor aos santos, confraternização religiosa comum no mês de junho. Durante os anos vários elementos singulares foram incluídos nas comemorações, apesar disso, as festas juninas permanecem como guardiãs dessa tradição secular que é o festejar em volta do fogo. A celebração da fertilidade é simbolizada pelo casório e pelo banquete que é habitual em festas juninas, já as oferendas deram espaço para as simpatias, pedidos de graças e adivinhações que as pessoas fazem aos santos (RIBEIRO, 2002).

As festas são celebradas em várias cidades do interior do Nordeste, podendo ser de três, sete a quinze dias em sequência, só que na cidade de Campina Grande a festa chega a ser comemorada durante 30 dias consecutivos. Nas vésperas do São João as pessoas se mobilizam e se aglutinam em casas de família. São nessas vésperas que acontecem as adivinhações, simpatias que são típicas do catolicismo popular (MORIGI, 2007).

Em relação às fogueiras, Morigi (2007, p. 101) aborda que:

o fogo é apresentado como um ser social e assume caracteres ambíguos - ele é reverenciado e temido ao mesmo tempo - e também é um aglutinador entre elementos da natureza e da cultura. Pode-se afirmar que a fogueira, no contexto e no imaginário da festa, ocupa um papel de mediação, na medida em que este ente social solda, junta diversos fragmentos simbólicos da festa e coloca-os ao seu redor, sem, contudo, fundi-los totalmente. A fogueira aparece como uma imagem condensada da festa que se reproduz no imaginário dos participantes e sempre vem conectada com outros elementos, como a dança, a música e as comidas típicas.

“O culto ao fogo está cada vez mais presente nos festejos juninos, não ficando apenas limitado à roda da fogueira, mas aos sofisticados espetáculos pirotécnicos” (TRIGUEIRO, 1995, p. 154). Para o autor, as quadrilhas estão se desenvolvendo e inovando cada vez mais, deixando de lado aquele cenário de matuto desdentado, que

tem as roupas com remendos e os chapéus de palha rasgados, para que seja mostrado luxo e beleza, com o incremento de novas coreografias chegando até usar passos de ginástica aeróbica.

Trigueiro (1995) considera que a quadrilha está em um processo de transformação, estruturando-se para deixar de ser uma dança e se transformar em um folguedo. “O simples ato de festejar ou de “brincar quadrilha” transforma-se em um disputado festival, incorporando novos valores simbólicos, efeitos estéticos e técnicas, tornando-se um produto cultural rentável e midiático.” (GOMES, 2011, p. 111).

Existe uma dança que chama nossa atenção pelo simples fato de ser executada somente em uma determinada época. A dança acaba se tornando um símbolo da festa pelas suas variações locais e pela presença em quase todo o país. É a quadrilha. Só que a “quadrilha não foi sempre “dança junina”, nem “dança caipira”. Ao contrário: ela era dançada em nossas cidades e campo, em qualquer mês do ano” (CHIANCA, 2013, p. 12).

De acordo com a autora a quadrilha foi trazida ao Brasil pela Corte Imperial Portuguesa, no ano de 1808 fazendo muito sucesso desde que chegou ao país. A dança já era moda em salões aristocráticos na Europa e no Brasil, e então passou a divertir os carnavais e os bailes solenes da Corte do campo e da cidade. A popularização da quadrilha refletiu no Brasil no mesmo processo histórico onde a Europa obteve conhecimento no século XVI, “quando as danças palacianas restritas às cortes e à aristocracia se transformaram em danças de salão da alta e média burguesia” (CHIANCA, 2013, p. 12).

A quadrilha por ser identificada com o “interior”, ela está associada aos migrantes e à festa junina (CHIANCA, 2013). Logo, podemos observar que os dançarinos de quadrilha junina costumam estar fantasiados de “rurais”, onde as roupas são remendadas, as cores são fortes sendo que não há nenhuma elegância: “o cidadão constrói aos poucos uma imagem pejorativa e caricatural dos migrantes pobres, o que revoltou e continua revoltando muitas pessoas que vêem nisso um sinal de inferiorização dos homens do campo” (CHIANCA, 2013, p. 13). No entanto, as quadrilhas tradicionais que conhecemos atualmente são versão popular da dança nobre que tornou-se junina, popular e dançada na cidade pelos caipiras.

A quadrilha é feita por duas filas de casais que estão alinhados de frente a frente, que seguem as ordens de um animador que os orienta na sequência dos passos de duas filas que não estão competindo entre si, e sim que estão compondo um conjunto evolutivo e harmonioso de passos (CHIANCA, 2013). Segundo Chianca (2013, p. 13), os dançarinos estão todos caracterizados como “caipiras” que ao dançar se reúnem para o casamento de um matuto que engravidou a noiva, com isso ele tenta fugir, mesmo com a presença das autoridades religiosas e da lei, onde é capturado nas tentativas de fuga. “Ao final tudo termina bem, e todos saúdam: “Viva os noivos!”. A quadrilha é parte do baile da festa dos noivos, que são seus personagens principais.” (CHIANCA, 2013, p. 13).

As quadrilhas reiteram os laços sociais importantes, como o da relação dos vizinhos, da família, do trabalho e da escola e colaboram para a manutenção das redes sociais que são fundamentais aos grupos envolvidos. Desde a chegada ao Brasil no século XIX, as quadrilhas estão se modificando e se reinventando a cada dia que passa, provando assim que é uma tradição popular com vitalidade e vida longa. Existem outros tipos de quadrilhas além da forma tradicional. A estilizada é a mais conhecida e traz muitas modificações a essa base. Com essa quadrilha há maior liberdade de expressão, coreografia e enredo (CHIANCA, 2013).

Logo, Chianca (2013, p. 14) afirma que:

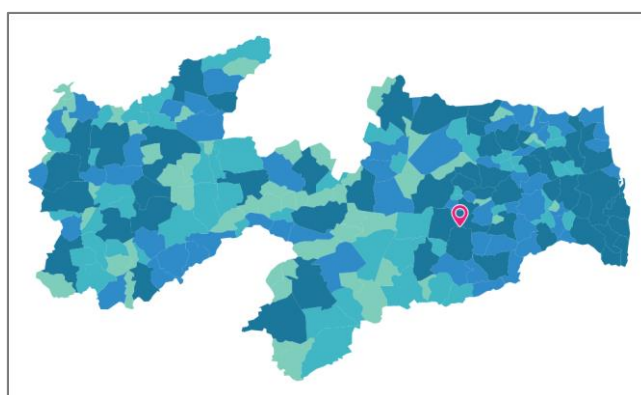
É nessa ambivalência do tradicional e da sua atualização que a quadrilha segue sua história. Seria inútil tentar estabelecer um critério de autenticidade ou de valor para uma dança que revela que esses elementos não são antagônicos, opostos nem inimigos. Cada quadrilha sintetiza essas e outras motivações apresentando versões diferentes dessa tradição, que chegou até nos como uma dança nobre, estrangeira e importada e hoje faz parte indiscutível da nossa cultura popular, tornando-se um importante espetacular e da sociabilidade na festa contemporânea.

## CAPÍTULO 2: LÓCUS DA PESQUISA

### 2.1 CAMPINA GRANDE

O município de Campina Grande está localizado no estado da Paraíba, na região oriental do Planalto da Borborema. Fica a cerca de 120 km da capital João Pessoa. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2017), atualmente o município possui cerca de 410.332 habitantes, distribuídos numa área de 593,026 km<sup>2</sup>, resultando numa densidade demográfica de 648,31 hab/ km<sup>2</sup>.

Figura 01: Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba



Fonte: (IBGE, 2018).

A cidade está inserida na microrregião de Campina Grande, pertencente à mesorregião Agreste Paraibano e faz limites ao Norte com os municípios: Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã, ao Sul com Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas, ao Leste com Riachão do Bacamarte, e a Oeste com Boa Vista. A partir da divisão territorial, datada de 2001, o município está constituído de quatro distritos: Campina Grande, Catolé, Galante e São José da Mata.

Segundo o IBGE (2010), a renda do trabalhador formal é de 2,2 salários mínimos. Em relação à população total, a proporção de pessoas ocupadas é de 27,3% (IBGE, 2015). O índice médio de mortalidade infantil na cidade é de 12,71 para 1.000 nascidos vivos (IBGE, 2014). A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) é de 97,6% (IBGE, 2010). O Índice de Desenvolvimento da cidade é de 0,720 (IDHM, 2010). O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é de R\$ 19.696,95 (IBGE, 2015). Os setores de serviços e indústria serviços são destaques na economia (IBGE, 2015). Cerca de 84,1% dos domicílios possuem esgotamento sanitário adequado (IBGE, 2010),

82,5% dos domicílios urbanos em vias públicas têm arborização (IBGE, 2010) e uma faixa de 19,4% dos domicílios urbanos em vias públicas contam com urbanização adequada, ou seja, presença de bueiro, caçada, pavimentação e meio-feio (IBGE, 2010).

Os acessos ao município via terrestre se dão pelas Rodovias BR 230 (Transamazônica), BR 104, que cruza a cidade no sentido Leste-Oeste e Norte-Sul, e pela BR 412 que faz ligação com o interior de Pernambuco e com Cariri. O município conta com o Aeroporto Presidente João Suassuna; há, também, um Terminal Rodoviário de Passageiros.

### 2.1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

No final do século XVII ocorreram os primeiros povoamentos da localidade. Naquela época, vários moradores começaram a estruturar comércios e indústrias. A localidade foi consolidada e se tornou ponto obrigatório de parada dos tropeiros<sup>4</sup>. Em 1787 com a denominação de Vila Nova da Rainha, mais tarde, subiu à categoria de cidade no dia 11 de outubro de 1864, com o nome de Campina Grande (QUEIROZ, 2008).

Alguns aspectos históricos da cidade de Campina Grande serão tratados por meio de informações coletadas de material audiovisual do Museu Digital de Campina Grande/Paraíba. Esse material foi coletado pela pesquisadora no dia 9 de maio de 2018.

- **Eventos e festas**

Nas últimas décadas a cidade de Campina Grande ficou reconhecida como uma cidade que está dedicada ao turismo de eventos culturais e religiosos. Tal reconhecimento está ligado às amplas festividades de Nossa Senhora da Conceição no início do século XX, quando o município recebeu visitantes das cidades circunvizinhas. Campina Grande, quase nesse mesmo período, impulsionou o seu carnaval. Era um carnaval de rua que, ao mesmo tempo, fazia parte de famosos bailes nos clubes sociais da cidade. Depois dos anos setenta, o carnaval entrou em pleno declínio e só na década posterior, no ano de 1989 houve a criação de um carnaval fora de época, chamado de

---

<sup>4</sup> Assim conhecidos por exercerem o importante papel econômico, social e cultural dos condutores de bois, cavalos e mulas, entre outros animais.

Micarande. O auge da Micarande se deu no ano de 1990 quando o estilo *axé-music* foi impulsionado no cenário fonográfico do Brasil. Este carnaval encerrou as suas festividades no ano de 2008.

Campina Grande ficou conhecida como uma cidade de grandes eventos, em destaque para o Encontro da Nova Consciência Cristã e da Consciência Cristã, eventos que atraem um grande público. Além destes, a cidade sedia dezenas de outros encontros ligados a outras religiões, como católica, espírita, muçulmana e judaica. Contudo, de todos estes eventos que fazem parte da história da cidade, o mais importante é o São João, mais conhecido como “O Maior São João do Mundo”, que foi criado em 1986 no governo de Ronaldo Cunha Lima, hoje com mais de 30 anos de história ligada as festividades juninas.

Houve outros eventos culturais com bastante significado para a cidade, como os Festivais de Violeiros, Festival Internacional de Música, Festival de Inverno e os Festivais de Teatro Amador. Somando a esses eventos a cidade também sedia vários eventos ligados às universidades e faculdades do setor público e privado e eventos acadêmicos que ocorrem em diversas épocas do ano.

- **Estação Ferroviária e Automóvel**

A inauguração da Estação Ferroviária no ano de 1907 pela empresa *Great Westen*, constituiu-se em um marco no desenvolvimento econômico e social da cidade de Campina Grande. A partir desse período, a cidade teve uma maior troca econômica e cultural com diversas cidades, uma delas o Recife, no Círculo do Algodão.

O primeiro automóvel da marca *Studebaker* a chegar na cidade de Campina Grande, foi conduzido pelo Dr. Serafico da Nóbrega no dia 13 de abril de 1914. Nessa época as estradas eram péssimas e estavam acostumadas a transporte animal. Nessa década a elite social passou a adquirir automóveis que faziam circulação nas ruas que pouco a pouco foram adaptadas para receber essa novidade. Só na década seguinte, em 1926, o serviço de transporte coletivo de passageiros passou a funcionar.



- **Transporte aéreo**

A construção do campo de pouso do Aeroporto João Suassuna teve início no ano de 1942, no sítio Ligeiro. Algumas empresas nacionais de transportes aéreo, como por exemplo a VAB (Viação Aérea Bahiana), a partir de 1947 começaram a realizar serviços contínuos que tinham voos para Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Somente nos anos de 1950, o aeroporto teve qualidade mínima para funcionar, com a ajuda do Ministério da Aeronáutica.

- **Serviços telegráficos**

A partir do ano de 1896, os serviços telegráficos começaram a funcionar na cidade de Campina Grande, no governo de Álvaro Machado (1892-1896). O prédio onde a estação telegráfica funcionava ficava na antiga Cadeia Pública, que hoje funciona o Museu Histórico de Campina Grande. Em 1933 houve a inauguração dos Correios e Telégrafos da cidade. No início de 1918 o serviço telefônico passou a existir, só que apenas no ano de 1937 o Centro Telefônico Automático foi inaugurado.

- **Comunicação impressa**

A comunicação impressa teve seu início no ano de 1888, com a fundação do jornal Gazeta do Sertão. O Diário da Borborema surgiu em 1957. Em 1971 foi fundado o Jornal da Paraíba. Por conta da crise do jornalismo impresso, nos anos de 2012 e 2016 o Jornal da Paraíba e o Diário da Borborema deixaram de circular.

- **Comunicação radiofônica**

Jovelino Farias, mais conhecido como Gaúcho foi quem prestou os primeiros serviços radiofônicos para a cidade de Campina Grande. Em 1938 ele instalou o serviço de autofalante na Rua Marques do Herval. No final da década quarenta, Campina Grande ganhou as primeiras emissoras de rádio: a Rádio Cariri (1949), a Rádio Borborema (1949) e a Rádio Caturité (1950). A primeira emissora de frequência modulada (FM) da cidade surgiu em 1978, a Campina Grande FM.

- **Televisão**

Em 1950 o paraibano Assis Chateaubriand criou a primeira emissora brasileira de televisão, a TV Tupi. Foi ele, também, quem levou a primeira emissora de televisão para o Estado da Paraíba, a TV Borborema que foi inaugurada em 14 de março de 1966. A TV Paraíba, afiliada à Rede Globo, entrou ao ar em 1987. No ano de 2006 surgiu a TV Itararé, primeira televisão educativa da cidade.

- **Cinema**

O cinema chegou à cidade de Campina Grande com a inauguração do Cinema Brasil, em 1909. O cineteatro Apolo (1912) e o Fox (1918) foram inaugurados no ano de 1910. Essas foram as principais casas de exibição até os anos 1930. Já nos anos de 1930 dois dos mais importantes cinemas de Campina Grande foram inaugurados, o Cine Capitólio (1934) e o Cine Babilônia (1939). Os dois cinemas funcionaram até o final do século XX. Alguns cinemas de bairros foram inaugurados nos anos 1940, os mais famosos dessa época foram o Cine Avenida e o Cine São José (1945).

- **Abastecimento de água**

Durante décadas a cidade de Campina Grande teve um precário abastecimento de água. Em 1927 por meio da adutora de Puxinanã/Grota Funda, a cidade pôde ter a primeira experiência de água encanada. Somente depois que foi construída a adutora de Vaca Brava, localizada em Areia na Paraíba, foi que se iniciou o serviço de esgoto e de água na cidade, chegando a existir sete chafarizes com cerca de 30 instalações sanitárias em domicílios. A população de Campina Grande foi crescendo e as instalações das casas não deram conta das necessidades do povo; logo, nos anos 1950 houve a construção do Açude Epitácio Pessoa, em Boqueirão, inaugurado no ano de 1958. Em 2017 foi concluída a Transposição do Rio São Francisco<sup>5</sup>. Somente depois desse aporte hídrico o Açude Epitácio Pessoa conseguiu manter a quantidade de água suficiente, mesmo que sofra um longo período de estiagem.

---

<sup>5</sup> “O projeto de transposição prevê a construção de dois canais: o Eixo Norte, que levará água para os sertões de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, e o Eixo Leste, que beneficiará parte do sertão e as regiões agreste de Pernambuco e da Paraíba” (CASTRO, 2009, p. 71).

- **Abastecimento elétrico**

A inauguração da luz elétrica na cidade se deu em 1920, por meio da firma J. Brito & Cia, que depois foi chamada de Força e Luz. Anteriormente a esse período as ruas da cidade eram iluminadas por um serviço precário de gás. Em 1944 foi construída uma Central Elétrica, por conta dos vários problemas nesse serviço. Contudo, os problemas só foram resolvidos depois da construção da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, inaugurada em 1956.

- **Diversidade arquitetônica**

Ao longo da primeira metade do século XX, a cidade de Campina Grande passou por várias mudanças significativas na sua arquitetura. Por mais que tenha passado por uma destruição de conjuntos de edificações nas últimas décadas, ainda é possível identificar alguns edifícios construídos em estilos como o Neoclássico, o Eclético e da Arquitetura Moderna. Na área comercial há um predomínio histórico de edifícios em *Art Déco*, principalmente nas ruas Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro. Com a urbanização do centro da cidade, em 1930 e 1940, ocorreu um conjunto de reformas urbanas com predominância de linhas geométricas.

## **2.2 O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**

Já foi mencionado que as festas juninas são mais expressivas na região Nordeste. No entanto, não é apenas nessa região que elas ocorrem; também acontecem em outros estados brasileiros. Portanto, é na região Nordeste que a festa junina se torna mais significativa com as tradições, como as comemorações feitas com fartura de comidas típicas, apresentações de quadrilhas, com o casamento matuto e com o ritmo mais representativo da região, o forró (COSTA, 2016).

Lucena Filho (2007, p. 35) vai além:

O festejo junino há poucas décadas, era apenas uma comemoração tradicional, que reunia famílias e comunidades locais para reverenciar santos católicos – Santo Antônio, São João e São Pedro – no mês de junho, período da safra do milho e das comidas feitas à base desse cereal. Período de noites frias, que ensinavam as pessoas se aquecerem em volta das fogueiras. A dinâmica da cultura popular fez evoluir essas simples atividades de lazer para

a condição de um ciclo de festas que no, Nordeste de hoje, são acontecimentos que chegam a durar trinta dias contínuos.

No ano de 1983, o então prefeito, deu formato diferente para a festa, com a proposta “de atender às demandas da cadeia produtiva de eventos.” (NÓBREGA, 2010, P. 45). Segundo a autora (2010, p. 92):

Logo após a primeira edição do Maior São João do Mundo, de 1984, Ronaldo [Cunha Lima] procurou na cidade um espaço para a construção de um parque, encontrando-o próximo ao Açude Novo, um espaço imenso chamado de Coqueiros de Zé Rodrigues.

Assim, a história do São João de Campina Grande teve início nos Coqueiros Zé Rodrigues. Um fato lembrado por Rodrigues<sup>6</sup> (informação pessoal, 2018), é que o São João já existia na cidade muito antes disso, pois em 1979 já existia a quadrilha da floresta que, nessa época, já comemorava 10 anos. “Há registros antigos que no período junino os campinenses já realizavam festas juninas no lugar, com fogueiras, comidas típicas e quadrilhas” (MUSEU DIGITAL DE CAMPINA GRANDE, 2018).

Para Nóbrega (2010, p. 45):

Na década de 1980 as comemorações de São João passam a ser realizadas de acordo com estratégias decididas pelo poder público municipal. O prefeito Enivaldo Ribeiro (mandato de 1979 a 1982) deslocou o evento dos bairros para centralizá-lo no Palhoção, um grande e rústico barracão montado com madeira e coberto com palhas de coqueiros. A festa começava a atender à lógica do desenvolvimento sustentável, de modo a impulsionar o avanço econômico de CG.

De 1983 a 1985 o Parque do Povo era apenas uma palhoça, como pode ser observado na Figura 02. Naquela época já estava escrito na entrada “O Maior São João do Mundo”. Rodrigues (2018) considerou: “uma palhoça desse tamanho ser o Maior São João do Mundo é muita pretensão”.

---

<sup>6</sup> Idealizadora do Memorial do Maior São João do Mundo, ex-presidente da PBTur.

Figura 02: Palhoção de Campina Grande



Palhoção de Campina Grande; um pequeno arraial em 1983.  
 Fonte: Diário da Borborema/PB.

Fonte: Diário da Borborema/PB, 1983.

O evento “O Maior São João do Mundo<sup>7</sup>” foi inaugurado no dia 31 de maio de 1986 e apadrinhado politicamente pelo poeta e então prefeito da cidade. Cerca de 15 mil pessoas foram ao Parque do Povo na noite de inauguração (LUCENA FILHO, 2007).

Um fato que chama atenção na primeira logomarca do São João (Figura 04): o nome do prefeito. A partir de 1988 esse uso foi proibido e em 1989 já não apareceu mais o nome do gestor no cartaz. Os folders que eram feitos antigamente continha toda a programação da festa, por exemplo, havia a listagem de todas as quadrilhas que fariam apresentação naquele período junino (Rodrigues, informação pessoal, 2018). Atualmente, a divulgação da programação é feita em *sites* e perfis de *instagram* relacionados à festa.

Figura 03: Primeira logomarca: Espigas de milho *Sabugilda e Milharildo*

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo, 2018.

<sup>7</sup> No ano de 1984 o evento passou a fazer parte do calendário de eventos da EMBRATUR (Cgretalhos). Em 2017, a proposta de Campina Grande ficou entre os cinco municípios selecionados para participar de “ações de promoção, comunicação e apoio à comercialização” (MTUR, 2017).

Os cartazes da época não levavam o nome de “O Maior São João do Mundo”. Como pode ser observado na Figura 03, era uma coisa singela: “Venha brincar o São João com a gente, danças folclóricas, fogueiras, fogos, forró e palhoção, comidas típicas, som, luz e alegria”.

Figura 04: Folder do São João



Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo, 2018.

Segundo Costa (2006, p. 65):

[...] a festa junina recebe o slogan de *Maior São João do Mundo*, passando a ser comemorada num período maior, durante quase trinta dias. É então instituído o casal de espigas de milho, *Sabugildo* e *Milharilda*, como a *logomarca* oficial da festa, explorada em anos seguintes em todo o material de divulgação do evento.

A cidade recebe um novo equipamento urbanístico no dia 14 de maio de 1986, o Parque do Povo que foi construído em uma área com 27 mil metros quadrados, em seguida o espaço foi ampliado para 42 mil metros quadrados, hoje em dia o espaço já conta com 42,5 mil metros quadrados. Para apresentação das quadrilhas juninas, foi construída uma estrutura que tem semelhança a uma Pirâmide. A Pirâmide acabou se estabelecendo como o centro da festa, sendo um espaço que atrai várias pessoas para arrastarem o pé para dançarem forró. A Pirâmide já foi denominada com outros nomes, como Forródrômo e Templo do São João. (COSTA, 2016; NÓBREGA, 2010).

Figura 05: Construção da pirâmide



Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo, 2018.

Em 1989 foi construída a Vila Nova da Rainha no Parque do Povo. Este nome fazia alusão a Campina Grande antes de se tornar cidade. Nesse espaço foram colocados os artesãos para venderem seus produtos. Atualmente a Vila continua no Parque do Povo, só que não tem muito artesanato, porque já existe a Vila do Artesão que funciona o ano inteiro. Complementando a ideia de Rodrigues (2018), Costa (2006) enfatiza que “a vila do Artesão é outro espaço da gestão pública do município para os artesãos, com maior ênfase no São João, por se tratar de um lugar permanente para estimular o trabalho da categoria o ano inteiro.” (COSTA, 2006, p. 75).

Com isso, a Vila Nova da Rainha deu impulso para que os artesãos pudessem se capacitar, pois existem diferenças no modo de fazer de cada artesanato (RODRIGUES, informação pessoal, 2018). Logo, foi por meio da Vila que esses trabalhos, começaram a ser valorizados, pois hoje os artesãos têm seu espaço. Rodrigues (informação pessoal, 2018) salienta que:

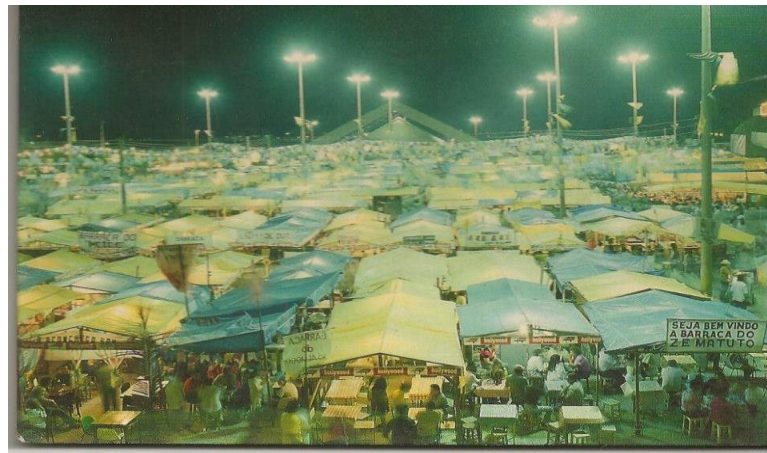
Quando eu comecei a trabalhar aqui a ideia era, quando eu via era bichinho de pelúcia. Pelúcia não é artesanato e eu sabia que existia artistas da terra, só faltava reunir, organizar e apresentar, pega um trabalho bem feito, uma coisa maravilhosa, se joga em qualquer canto desvaloriza o trabalho, a vila serviu para dar essa valorização.

A festa junina de Campina Grande que acontece em um espaço urbano sofreu diversas mudanças com o passar dos anos, como pode ser observado logo abaixo nas Figuras 06, 07 e 08. Cada gestor que estava no poder da cidade alterava o sentido da festa, formatava o evento tido como espetáculo para atrair o maior número de turistas (COSTA, 2006).

Em relação aos patrocinadores na festa, Lucena Filho (2007) diz que:

A participação das empresas privadas em projetos culturais desse porte e natureza vem crescendo consideravelmente na região Nordeste, em especial durante os festejos que integram os ciclos natalinos, juninos e do carnaval; as empresas investem grandes somas de recursos como patrocinadoras, transformando os espaços dos eventos em vitrines para seus produtos, serviços e marcas.

Figura 06: Parque do Povo em 1986



Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo, 2018.

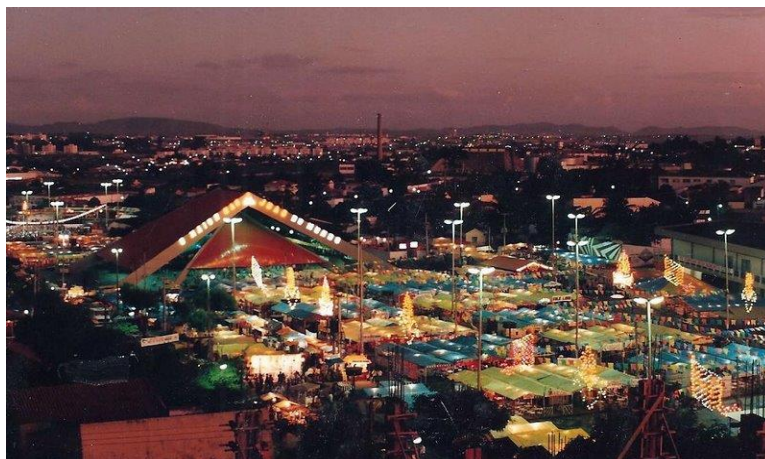
Figura 07: Barracas no Parque do Povo 1996



Fonte: Cácio Murilo, 1996.



Figura 08: Barracas no Parque do Povo



Fonte: CG Retalhos, 2009.

Na década de 1980, as festas populares relacionadas ao ciclo junino se transformaram em eventos com algumas características de mercado, com marcas profanas e junto disso se tornaram atrações turísticas capazes de ser fontes geradoras de renda tanto para a comunidade como para a região (LUCENA FILHO, 2007).

Um detalhe significativo para Lucena Filho (2007, p. 25) é:

a festa se constituir em um palanque para políticos que por lá desfilam e despejam seus discursos verbais e comportamentais para o público presencial e, quando possível, para os públicos da mídia nacional, regional e local. O acontecimento, embora ocorra entre cenários e atrações do mote do “O maior São João do Mundo” – onde predominam os símbolos, mitos e ícones tradicionais da festa junina – foi transmudado em evento que visa evidenciar marcas que agregam elementos diversificados da cultura nordestina, representando valores e sentimentos de pertencimento dos grupos regionais e locais. A conversão da festa num produto com função mercadológica que tendo obtido expressiva participação das entidades públicas e, em especial, das empresas privadas, traduz a apropriação do universo simbólico da festa junina, enquanto estratégia mercadológica e institucional, para dar visibilidade a produtos e serviços, agregando valores da cultura regional e local às campanhas e ações comunicativas por elas desenvolvidas junto à comunidade.

A constituição da festa do Maior São João do Mundo é feita pela celebração que aguça os sentidos dos visitantes nos trinta dias de festa. Essa experimentação está relacionada aos “cenários multicoloridos, repletos de música, culinária à base de milho, bebidas, dança, rituais religiosos – tanto os da liturgia da igreja católica, quanto os do catolicismo popular – que a tornam uma fruição compartilhada por todos os participantes” (LUCENA FILHO, 2007, p. 31).

Os impactos econômicos da festa são aspectos trabalhados pelos formuladores e executores do evento, que estão sempre os encarando como desafios de superação (COSTA, 2006). “A cada edição do evento, a alusão aos resultados econômicos gerados pelo evento festivo e a sua contribuição para o desenvolvimento da cidade são largamente reforçados.” (COSTA, 2006, p. 78). Pode ser observada na Tabela 01, a receita total pelo São João 2017:

Tabela 01: Impacto econômico gerado pelo São João de Campina Grande 2017

<b>Impacto Econômico Final gerado pelo São João de Campina Grande 2017</b>				
A receita total gerada pelo São João 2017 foi estimada em				
<b>R\$ 188.585.415,40</b>				
Informações	2013	2015	2017	Variação
Impacto gerado pelos turistas	R\$ 48.295.585,05	R\$ 62.008.338,35	R\$ 62.101.026,21	0,1%
Impacto gerado pelos excursionistas	R\$ 8.458.506,25	R\$ 10.169.134,81	R\$ 13.869.310,44	36,4%
Impacto gerado pela população local	R\$ 45.087.476,96	R\$ 56.603.566,27	R\$ 60.061.906,77	6,1%
Impacto indireto gerado pela população local	R\$ 59.110.507,06	R\$ 49.765.735,36	R\$ 52.553.171,98	5,6%
<b>Total</b>	<b>R\$ 160.952.075,32</b>	<b>R\$ 178.546.774,79</b>	<b>R\$ 188.585.415,40</b>	<b>5,6%</b>

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico – Prefeitura de Campina Grande, 2018.

Com a Tabela 01, podemos observar o grande impacto econômico da festa do Maior São João do Mundo na cidade de Campina Grande nos últimos três anos.

Nas Figuras (09, 10 e 11) abaixo, algumas fotos da montagem do MSJM tiradas no início de maio pela própria pesquisadora.

Figura 09: Montagem das estruturas do MSJM



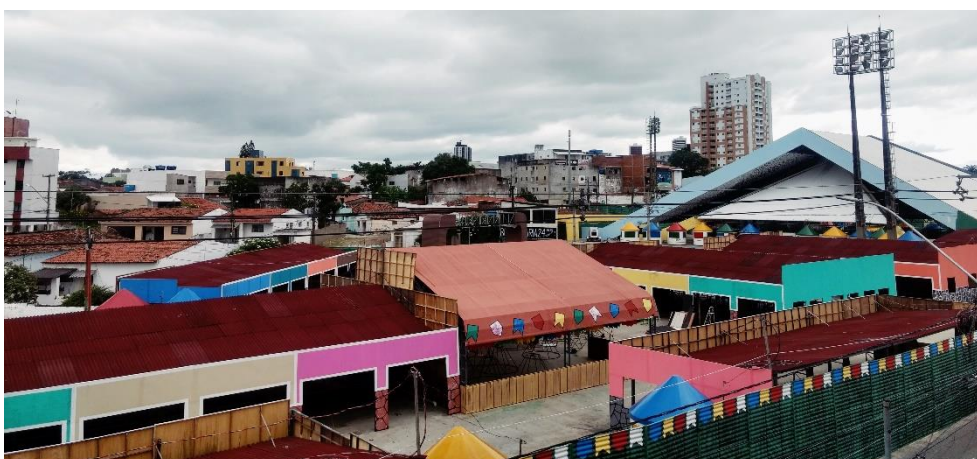
Fonte: Letícia Melgaço de Aguiar, 2018.

Figura 10: Grade da festa do MSJM



Fonte: Letícia Melgaço de Aguiar, 2018.

Figura 11: Vista para a pirâmide do MSJM



Fonte: Letícia Melgaço de Aguiar, 2018.

A seguir, as Figuras (12, 13, 14, 15, 16 e 17) mostram alguns aspectos atuais da festa do “O Maior São João do Mundo” em 2018, por exemplo, a estrutura, decoração da Pirâmide, apresentação da Quadrilha Junina Moleka<sup>8</sup>, multidão da festa e vista aérea do Parque do Povo.

---

<sup>8</sup> Campeã em 2018 do concurso de quadrilhas juninas em Campina Grande.

Figura 12: Pirâmide do Maior São João do Mundo de Campina Grande



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

Figura 13: Decoração da pirâmide da edição de 2018 do MSJM



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

Figura 14: Apresentação da Quadrilha Junina Moleka



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

Figura 15: Apresentação da Quadrilha Junina Moleka



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

Figura 16: Vista para o palco do MSJM



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

Figura 17: Vista aérea do Parque do Povo



Fonte: Emanuel Tadeu, 2018.

## **CAPÍTULO 3: TURISMO E SUSTENTABILIDADE**

### **3.1 TURISMO**

Por ser um fenômeno social, o turismo tem o turista como o principal agente provocador da atividade. O deslocamento temporário desse ator pode provocar mudanças culturais e sociais na localidade visitada, pois, ao viajar, as pessoas se deslocam para outros lugares, que possuem outras culturas. Isso faz com que haja maior interação entre os diversos tipos sociais, cumprindo assim um papel fundamental no processo de socialização (DIAS, 2008), mas pode, também, causar grandes e graves mudanças locais.

O turismo implica no deslocamento de grande número de pessoas, que ao viajarem, passam a ser habitantes temporários dos locais, criando assim múltiplos impactos na comunidade ou sociedade receptora (MONTORO, 2003). Dessa forma, pode provocar alterações na cultura local, pois é um produto “consumido no local”, contribuindo fortemente para modificações dos hábitos da comunidade receptora (DIAS, 2003).

[...] papel positivo, à medida que o turismo leva informação, novas tendências, novidades, contatos interculturais que provocam a aproximação entre diferentes povos etc. Ocorre que há muitos aspectos negativos que podem acontecer devido a esses contatos: perda de valores tradicionais, perda da identidade cultural, que de modo geral levam ao aumento da prostituição e de crimes como tráfico de drogas, roubos etc. (DIAS, 2003, p. 55)

Além das modificações que o autor aborda, existem preocupações causadas pelo turismo em uma localidade (MONTORO, 2003) como: aumento do lixo, principalmente o plástico; pressão sobre a infraestrutura do saneamento básico; transformações nas paisagens.

Se bem planejada, a atividade pode servir como auxílio na minimização de problemas uma localidade, servindo como fonte geradora de benefícios para a sociedade (FERRETI, 2002; DIAS, 2008).

De todos os impactos causados pelo turismo, o econômico é o que fica mais visível, podendo incidir diretamente sobre a vida das pessoas, de imediato, ou trazendo implicações em outras dimensões da sua realidade.

O lixo gerado por turistas na localidade receptora, por exemplo, é um problema preocupante que pode atingir várias dimensões. Pelo fato de muitas cidades não possuírem um local apropriado para despejo desses resíduos, o lixo acaba sendo disperso em locais não apropriados. Essas questões precisam ser trabalhadas com ações de curto prazo, de modo a não prejudicar o saneamento básico da cidade (FERRETI, 2002).

Segundo Dias (2008, p. 119):

[...] em qualquer de suas vertentes, [o turismo] é uma atividade fundamentalmente de interações entre pessoas. [...] Seu deslocamento provoca um movimento de outros agentes sociais em diversas partes da sociedade, induzindo mudanças culturais, políticas, econômicas, ambientais, sociais e culturais (DIAS, 2008, 119).

Dessa forma, os impactos do turismo são mudanças que podem afetar direta ou indiretamente a sociedade anfitriã ou o território. Essas mudanças podem ser econômicas e sociais, positivas ou negativas (CAMARGO, 2009).

### **3.1.1 TURISMO CULTURAL**

A construção da identidade de um povo é feita pela memória, logo, o turismo cultural tem o escopo da preservação da cultura fazendo dela um produto turístico. Há uma relação entre o turismo e a cultura, pois o turismo faz apropriação das tradições rentabilizando-as para se tornarem sustentáveis. As pessoas que buscam esse segmento têm como foco conhecer o patrimônio material e imaterial do local.

O turismo cultural é a chave ideal para auxiliar na preservação dos bens do patrimônio cultural, porque além da preservação, faz com que os visitantes conservem e respeitem os patrimônios (DRUMMOND, 2007).

Os fatores culturais dentro de uma localidade podem ser transformados em recursos de atração dos visitantes que vão favorecer para o desenvolvimento turístico sustentável daquele local (BRITO, 2013). O turismo cultural serve como instrumento da própria atividade para valorizar, preservar o patrimônio cultural e o desenvolvimento sustentável (MTUR, 2010). Portanto, “o turista sempre está em busca de situações que não lembrem o seu cotidiano: procura o diferente, o exótico, o verde que não vê pela sua

janela todos os dias, festas que não terá a possibilidade de presenciar no local onde mora” (FERRETI, 2002, p. 92). Existem alguns elos que servem de contato entre o turista e a comunidade local, são eles: as festas, a música, a culinária, a literatura e o artesanato. (FERRETI, 2002). O Ministério do Turismo (2010) conceitua o segmento Turismo Cultural como:

as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (MTUR, 2010, p. 13)

Ainda:

a relação entre a cultura e a atividade turística não pode ocorrer sem a necessária compreensão das formas de caracterização e estruturação pertinentes ao segmento. O desenvolvimento desse tipo de turismo deve ocorrer pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do patrimônio histórico e cultural e geração de oportunidades de negócios no setor, respeitados os valores, símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades (MTUR, 2010, p. 11).

Dessa maneira, a cultura também se apropria do turismo na formatação das expressões culturais (BRITO, 2013).

Com isso, esse segmento:

[...] estimula os factores culturais dentro de uma localidade transformando-os em recursos que atraem visitantes e favorecem o desenvolvimento turístico sustentável local. Este tipo de turismo deve ser implantado com algum cuidado uma vez que deve procurar revalorizar o quotidiano da localidade e não inventar uma manifestação cultural para só ser mostrada ao visitante (BRITO, 2013, p. 3).

No entanto, a cultura pode se tornar uma mercadoria descaracterizada em virtude de sua mercantilização, que pode induzir a mudança da arte local para agradar o turista (FERRETTI, 2002). Concordando com essa ideia, Dias (2008) considera que as:

expressões culturais podem perder seu significado mais profundo por causa da intensa comercialização. Por outro lado, o turismo pode também provocar um renascimento de antigas formas de arte, mesmo que às vezes misturadas com influências de outras culturas (DIAS, 2008, p. 144).

O desenvolvimento do turismo em uma localidade não necessariamente deve ser só o crescimento econômico dos setores específicos da atividade, mas, também, um desenvolvimento integrado que possa promover a inclusão social, melhorar a qualidade de vidas das pessoas, preservar as paisagens naturais e culturais e satisfazer os



visitantes. Resumindo, um desenvolvimento sustentável que tenha integração entre os aspectos econômico, cultural, social e ambiental (MURTA, 2009).

Por ser um país muito diversificado em expressões culturais e paisagens, o Brasil tem um potencial muito forte para o desenvolvimento do turismo cultural. Com isso, há de explorar e organizar eventos culturais, shows e manifestações tradicionais. No entanto, há desafios que precisam ser enfrentados para esse desenvolvimento, como o planejamento e gestão dos patrimônios, por meio de políticas que integrem a cultura e a educação, além de pesquisas para conhecer o perfil dos visitantes e dos turistas culturais (MURTA, 2009). Com isso, para essa autora (2009, p. 144-153) há quatro desafios a serem enfrentados:

O primeiro desafio é consolidar uma gestão transversal da cidade que dê conta de suas características multifuncionais e tenha continuidade administrativa. [...]. O segundo desafio é desenvolver uma estratégia de comunicação do patrimônio com moradores, comerciantes, estudantes, visitantes e turistas. [...]. O terceiro desafio é a inclusão social. Os centros históricos só podem se sustentar com pessoas que habitem e aí exerçam suas atividades, e recebendo turistas. É essencial envolvê-las no planejamento e nas atividades de renovação e qualificação urbanas, tentando, quando possível, fixar as populações tradicionais em melhores condições sociais, econômicas, culturais e ambientais. [...]. O quarto desafio é escolher e implementar estratégias de conservação e requalificação urbanas que busquem atender às necessidades do visitante e do turista, bem como enriquecer a qualidade de sua experiência (MURTA, 2009, p. 144-153).

Cabe ressaltar que a ausência de planejamento para o setor “acentua o caráter predatório de atividades de massa não contempladas com planos e programas integrados de desenvolvimento que possibilitem a integração harmônica entre os turistas, as populações locais e seus recursos culturais e naturais” (MENDONÇA, 2003, p. 47).

A comunidade precisa ter participação no projeto turístico de um destino, e este deve ter como base o desenvolvimento sustentável para que o turista tenha consciência da necessidade da preservação e possa respeitar a cultura local. (FERRETI, 2002). A falta de planejamento da atividade turística pode acarretar em problemas que poderão afetar a comunidade como um todo (DIAS, 2008). O turismo cultural só sobrevive em um destino se os turistas se sentirem seguros. (SWARBROOKE, 2000).

Conhecer as culturas e as expressões dos processos históricos é condição fundamental para a condução de um desenvolvimento turístico que possibilite a integração harmoniosa dos turistas, da população local e do meio ambiente (MENDONÇA, 2003).

O turismo cultural possui peculiaridades vantajosas para a inclusão social, sendo uma estratégia de desenvolvimento para que a cultura popular seja valorizada tanto como atrativo ou produto turístico (TOMAZZONI, 2009). “É preciso que haja, entretanto, uma gestão adequada da relação turismo-cultura, a fim de satisfazer essa expectativa e não frustrar os defensores do turismo cultural, como estratégia de desenvolvimento econômico e social” (TOMAZZONI, 2009, p. 108).

### **3.2 SUSTENTABILIDADE**

A Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no século XVIII “promoveu o crescimento econômico e abriu as perspectivas de maior geração de riqueza, que por sua vez traria prosperidade e melhor qualidade de vida” (DIAS, 2008, p. 29). Contudo, o crescimento econômico se deu de forma desordenada, e a humanidade acompanhou uma degradação constante do meio ambiente. Alguns problemas ambientais foram trazidos pela industrialização, “como alta concentração populacional devido à urbanização acelerada; consumo excessivo de recursos naturais, [...] alguns não renováveis (petróleo e carvão mineral, [...]); contaminação do ar, do solo, das águas; e desflorestamento” (DIAS, 2008, p. 30).

Conseqüentemente a essas preocupações com o meio ambiente, os países consolidaram documentos, cartas, eventos e conferências. Exemplos dessas iniciativas são a publicação do Relatório Clube de Roma (1972), a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Urbano (Estocolmo, 1972), o Relatório Brundtland, ou Nosso Futuro Comum (1987), a Agenda 21, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD, 1992) (DIAS, 2008).

A Conferência Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento – mais conhecida como Rio-92 ou Eco-92 possibilitou um maior interesse internacional no debate sobre turismo e a sustentabilidade do turismo. Alguns tópicos foram incluídos nas declarações elaboradas pelos países, como o turismo e o desenvolvimento sustentável, o turismo e a biodiversidade, turismo e ética e o impacto social do turismo (MONTORO, 2003). “O desenvolvimento sustentável obedece ao duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica” (SACHS,

2008, p. 36). O crescimento econômico precisa levar em consideração os impactos positivos no âmbito social e ambiental, para assim estar atrelado ao desenvolvimento (SACHS, 2008).

A sustentabilidade envolve a compreensão de diferentes dimensões e cenários para alcançar um conjunto de possibilidades de desenvolvimento da atividade (BENI, 2006). No entendimento de Sachs (2009), a sustentabilidade tem oito dimensões principais:

- **Social:** Busca o alcance de um patamar de homogeneidade social, onde a distribuição da renda seja justa e o emprego seja pleno, com qualidade de vida, e se tenha, de forma igualitária, acesso aos recursos e serviços sociais.
- **Cultural:** Instiga a estabilidade harmoniosa entre respeito à tradição e inovação.
- **Ecológica:** Refere-se à preservação da potencialidade do capital da natureza em sua produção de recursos renováveis, limitando o uso de recursos que não sejam renováveis.
- **Ambiental:** Empenha-se no interesse em realçar a capacidade de restaurar as características dos ecossistemas naturais.
- **Territorial:** Procura uma configuração urbana e rural balanceada, onde se tenha um melhoramento do ambiente urbano para a superação das diferenças que são inter-regionais, estabelecendo estratégias que visem o desenvolvimento ambiental de áreas ecológicas fragilizadas obtendo-se a conservação da biodiversidade.
- **Econômica:** Baseia-se no desenvolvimento econômico equilibrado e seguro, com capacidade de modernizar os instrumentos de produção, para que haja autonomia na pesquisa científica e na tecnológica.
- **Política (nacional):** Busca fazer com que a democracia esteja definida e apropriada para os direitos humanos; que a parceria entre os empreendedores seja eficaz para a o desenvolvimento da capacidade do Estado na implementação de projetos, em níveis razoáveis e de coesão social.
- **Política (internacional):** Idealiza o sistema de prevenção de guerras da ONU, para garantir paz na cooperação internacional. Baseia-se no princípio da

igualdade. Busca ter controle do princípio da precaução para a gestão do meio ambiente e dos recursos naturais. Faz prevenção das mudanças globais negativas, proteção à diversidade cultural e biológica, além do acompanhamento do patrimônio global que é a herança da comunidade.

### 3.2.1 DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

A seguir serão mostrados conceitos e diretrizes das dimensões que serão trabalhadas nesta pesquisa.

A **sustentabilidade ambiental** só será efetivada se houver uma aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos para preservar as reservas naturais. Políticas de despoluição de reservas aquáticas e de reflorestamento, gestão do consumo de água, são estratégias fundamentais para o desenvolvimento sustentável (TOMAZZONI, 2009). As diretrizes da dimensão ambiental (BENI, 2006) são: proteção de ecossistemas, mudança climática e poluição atmosférica, resíduos sólidos, gestão de recursos hídricos e saneamento, poluição visual - gerenciamento do impacto visual.

A dimensão ambiental para Beni (2006), no Turismo, significa que:

[...] o ambiente para o turismo pode ser compreendido primeiramente como atrativo - as belezas cênicas de áreas naturais, os diversos componentes dos ecossistemas devidamente interpretados, a qualidade do ar, o silêncio e o contato com a natureza fazem parte de muitos produtos turísticos. No entanto, o meio ambiente pode ser visto como o elemento que recebe as resultantes dos usos dos atrativos, serviços e de outras atividades relacionadas ao turismo (BENI, 2006, p. 99).

A **sustentabilidade cultural** está relacionada à preservação e valorização dos patrimônios, das tradições e dos costumes (TOMAZZONI, 2009). Beni (2006) aponta suas diretrizes (BENI, 2006) como: conservação da herança cultural, conservação e uso do patrimônio histórico, meios de interpretação e difusão cultural, manutenção da autenticidade cultural.

A dimensão cultural para Beni (2006) considera:

o impacto do turismo sobre a cultura local está amplamente constatado em todos os destinos turísticos. De um lado, a cultura, no sentido amplo, é um dos componentes da oferta turística e algumas de suas opções mais específicas fazem parte do produto turístico. De outro, as dimensões do fluxo turístico e suas atividades afetam, indubitavelmente, os processos culturais da

população local, podendo acarretar, em condições extremas, inclusive, seu desaparecimento ou substituição por uma nova cultura emergente (BENI, 2006, p. 111).

A **sustentabilidade social** está relacionada com a melhor distribuição de renda, reduzindo as diferenças sociais (GOMES, 2004). Logo, “isso significa erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais. Em resumo, implantar a velha e desejável justiça social” (NASCIMENTO, 2012, p. 56). As diretrizes da dimensão social (BENI, 2006) são: influência na dinâmica da população, dinâmica do mercado de trabalho, capacitação para o turismo, educação, saúde, ordenamento territorial e habitação.

No entendimento de Beni (2006),

a contribuição para a sustentabilidade social pode ser assumida com a implementação de ações que promovam a satisfação contínua das necessidades básicas humanas como alimento, água, saúde, segurança, liberdade, emprego e recreação, fundamentada na melhoria da qualidade de vida da população pobre (BENI, 2006, p. 103).

A **sustentabilidade político-institucional** “pressupõe cuidados com os interesses coletivos e processos decisórios, e com a capacidade institucional para normatizar e implementar os caminhos democraticamente escolhidos” (BENI, 2006, p. 114). As diretrizes da dimensão político e institucional apontadas por BENI (2006) são: marco normativo, planos e programas, instrumento de implementação de políticas.

A dimensão política e institucional para Beni (2006) trata que:

Muitas evidências indicam que a forma de operar do mercado não tem sido suficiente para atender aos interesses públicos, o que implica a necessidade de estruturas que realizem a mediação dos interesses, façam escolhas e implementem ações capazes de corresponder ao planejamento estabelecido (BENI, 2006, p. 114).

A **sustentabilidade econômica** pressupõe o aumento eficiente “da produção e do consumo com economia crescente de recursos naturais, com destaque para recursos permissivos como as fontes fósseis de energia e os recursos delicados e mal distribuídos, como a água e os minerais” (NASCIMENTO, 2012, p. 55). As diretrizes da dimensão econômica na concepção de Beni (2006) são: geração e distribuição de renda, expansão da formação de capital, melhoria no balanço de destino das receitas, geração de postos de trabalho.

## CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

Este estudo teve como lócus de pesquisa a festa do Maior São João do Mundo, que acontece na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. O objetivo da pesquisa é a identificação e a análise dos impactos positivos e negativos da festa denominada “O Maior São João do Mundo” na cidade de Campina Grande/PB. O problema da pesquisa girou em torno dos benefícios que a cidade tem ao realizar uma festa caracterizada como “maior”. A abordagem deste caracteriza-se em pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, pois “procura coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência como parte de qualquer estudo” (YIN, 2016, p. 23).

Os objetos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas, pesquisa de campo, questionário *online*. Posteriormente, realizou-se a análise dos dados coletados. Com isso, o trabalho foi construído em três etapas: coleta de dados, sistematização e por último, a análise de conteúdo. A análise de conteúdo sonda o conhecimento daquilo que está atrás das palavras, para buscar outras realidades por meio das palavras (BARDIN, 1977).

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p. 9).

Para Gil (2002, p. 133) a análise qualitativa é:

menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002, p. 133).

A pesquisa qualitativa tem suas limitações quando realizada de forma presencial, com entrevistas e pesquisas de levantamento, pois algumas questões podem aparecer e dificultar a obtenção dos dados. Por exemplo, os participantes moram longe, não estão preparados para se reunir com os pesquisadores. Essas limitações da pesquisa

qualitativa podem ser trabalhadas se a decisão do pesquisador for realizar seu estudo *online*. As entrevistas por *e-mail* ou por outros meios virtuais, *online*, podem ocorrer dentro das ferramentas de metodologias dos pesquisadores sociais. Isso significa que faz-se uso da *internet* para aplicação dos métodos que são utilizados principalmente para responder as questões de pesquisa (FLICK, 2013). Dessa forma, “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes” (GODOY, 1995, p. 63).

Inicialmente, foi feita pesquisa bibliográfica para levantamento dos conceitos teóricos. Depois elaborou-se o instrumento de pesquisa, para atender as entrevistas semi-estruturadas, com perguntas abertas e fechadas. Após a elaboração da carta de apresentação da pesquisadora para os gestores, houve a tentativa de marcação de entrevistas pelos *e-mails*. Foram enviados *e-mails* para o Prefeito; Secretário de Saúde; Secretário de Educação; Secretário de Finanças; Secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente; Secretário de Planejamento, Gestão e Transparência; Secretário de Administração e Secretário de Cultura, sem sucesso na obtenção de respostas. Após a tentativa pelo *email*, foram realizadas ligações para as secretarias para a marcação de entrevistas com os gestores, sem sucesso com as ligações.

A pesquisadora viajou até o estado da Paraíba para fazer as entrevistas semi-estruturadas com a população e com os gestores. A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 7 e 11 de maio de 2018. Foram feitas 30 (trinta) entrevistas áudio gravadas, com a permissão prévia dos entrevistados. Essas entrevistas estão divididas em dois grupos: População e Gestores<sup>9</sup>, sendo 21 (vinte e uma) pessoas abordadas aleatoriamente pertencentes ao grupo da população e 09 (nove) gestores da cidade, 05 (cinco) do setor público e 04 (quatro) do setor privado. Outra forma de obtenção de dados foram as entrevistas feitas por telefone, duas com moradores e uma entrevista com um gestor. Foi utilizado o aplicativo “Gravador de chamadas” (baixado no *Play Store*) para gravação das entrevistas via telefone. Houve uma visita ao Museu de Arte Digital de Campina Grande e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico onde foram recolhidos materiais impressos e de audiovisual.

Apesar de muitos dos entrevistados moradores de Campina Grande terem afirmado não se importar com sua identificação, as entrevistas com a população não

---

<sup>9</sup> A marcação de entrevistas com os gestores só foi possível na pesquisa de campo.

serão identificadas, pois é importante pensar na confidencialidade das transcrições (GIBBS, 2009). Serão referidos como entrevistado 1, 2, 3 assim por diante. A seguir (Quadro 01), temos a relação dos entrevistados da população.

Quadro 01: Relação dos entrevistados da população

POPULAÇÃO				
DATA	ENTREVISTADOS	SEXO	IDADE	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
07/05/2018	1	F	63	Técnica em contabilidade
07/05/2018	2	F	35	Turismóloga
07/05/2018	3	M	56	Funcionário público municipal
07/05/2018	4	F	54	Auxiliar de serviços gerais
07/05/2018	5	M	65	Contínuo (Entregador de documentos)
08/05/2018	6	M	43	Entregador de água mineral
08/05/2018	7	F	46	Gari
08/05/2018	8	M	17	Estudante e Auxiliar comercial
08/05/2018	9	F	33	Auxiliar de serviços gerais
09/05/2018	10	M	39	Vigilante
09/05/2018	11	F	26	Historiadora e Monitora de exposição
10/05/2018	12	F	54	Técnica em enfermagem
10/05/2018	13	F	39	Advogada
10/05/2018	14	M	32	Músico e Segurança
11/05/2018	15	F	48	Professora e Autônoma
11/05/2018	16	M	34	Assessor da federação das indústrias
11/05/2018	17	M	54	Cenógrafo
11/05/2018	18	M	50	Professor
11/05/2018	19	M	31	Estudante
11/05/2018	20	M	55	Não informado
11/05/2018	21	M	47	Químico industrial e Eletricista

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O Quadro 02 traz a relação dos gestores entrevistados:

Quadro 02: Relação dos gestores entrevistados

GESTORES			
DATA	ENTREVISTADOS	SEXO	INSTITUIÇÃO
09/05/2018	1	M	Autocar Turismo
09/05/2018	2	M	Tábua de Carne
09/05/2018	3	M	Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência
09/05/2018	4	F	Vila do Artesão
09/05/2018	5	F	Vila do Artesão
10/05/2018	6	F	Secretaria de Desenvolvimento Econômico
10/05/2018	7	M	Coordenação de Desenvolvimento Local



10/05/2018	8	M	Bar do Cuzcuz
10/05/2018	9	M	Manoel Carne de Sol

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O questionário foi elaborado utilizando-se a ferramenta *Google Docs*. Foi realizado um pré-teste com cinco pessoas, uma delas frequentadora da festa por vários anos. Depois do pré-teste foram feitas algumas alterações pontuais no questionário para que ficasse mais fácil o entendimento. Com isso, resultaram 23 (vinte e três) perguntas fechadas e 08 (oito) perguntas abertas. A divulgação/abertura pública foi feita dia 09/05/2018 e o fechamento foi no dia 31/05/2018. O questionário foi divulgado em redes sociais, como grupos de universidades, grupos da cidade de Campina Grande, grupos de caronas e páginas do *Facebook* relacionados ao São João e a Campina Grande, *Whatsapp*, *Instagram* e *YouTube*.

Devido à publicação do questionário em um dos grupos da plataforma do *Facebook*, uma assessoria de televisão entrou em contato com a pesquisadora para realizar uma entrevista sobre a temática do TCC. A entrevista ocorreu no dia 11/05/2018 com a TV Itararé, em que se buscou entender qual o interesse da pesquisadora em abordar esse tema, a relação do festejo com o Ministério do Turismo. Isso contribuiu para a divulgação do questionário. A entrevista foi divulgada ao vivo dia 23/05/2018 na página da televisão e posteriormente foi publicada na conta do *YouTube* da TV Itararé no dia 24/05/2018, com o seguinte título "TCC sobre São João"<sup>10</sup>, o link para a matéria se encontra no rodapé e nas referências.

A pesquisa *online* foi finalizada dia 31 de maio de 2018, com 693 (seiscentas e noventa e três) respostas. O *Google Docs* tem a função de gerar uma planilha automática com todas as respostas separadas em colunas. Isso facilitou a análise de conteúdo da amostra. A planilha foi baixada e transformada em tabela automática, pois esta função do Excel permite uma melhor visualização das respostas. Ao analisar as respostas verificou-se a incongruência em alguns dados que foram apagados e retirados do total de respondentes, como mostrado no Quadro 03:

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ba1ofcXt1pE&t=2s>

Quadro 03: Incongruências do questionário *online*

<b>INCOMPATIBILIDADE</b>	<b>APAGADAS</b>
Campos vazios – apenas com a hora de preenchimento.	2
Respostas preenchidas iguais em curto intervalo de tempo.	4
Respondentes que não foram à festa*.	33
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>

\*Resposta era fundamental para a pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Depois da retirada das 39 (trinta e nove) respostas incongruentes do questionário *online*, obtiveram-se 653 (seiscentas e cinquenta e três) respostas válidas que foram analisadas na pesquisa.

Depois das entrevistas de campo, foi feita uma soma para contabilização de horas de entrevistas: chegou-se a mais de 07 (sete) horas de gravação. As entrevistas foram transcritas, e isso possibilitou maior compreensão dos dados analisados (GIBBS, 2009). As entrevistas foram digitadas no programa da *Microsoft Word* e separadas nas questões que foram abordadas. Chegou-se a mais de 90 (noventa) laudas de conteúdo das transcrições. “O tipo mais comum de dado qualitativo usado em análise é o texto, que pode ser uma transcrição de entrevistas ou notas de campo de trabalho etnográfico ou outros tipos de documentos” (GIBBS, 2009, p. 9).

Para contabilização das alternativas marcadas do questionário do *Google Docs*, usou-se a função localização e substituição do *Microsoft Word*, pois este programa possibilita a contagem das respostas de forma mais simples, visto que se obteve uma amostra grande de respostas. As perguntas fechadas foram trabalhadas na análise em forma de porcentagem e foi feita uma análise de conteúdo das respostas abertas seguindo Kozinets (2014, p. 46):

[...] seu método de pesquisa deve ser diretamente relacionado para fornecer dados e análise capazes de responder a questão de pesquisa que você quer investigar. O método que você escolhe para fazer sua pesquisa deve depender da natureza e do âmbito de sua questão.

A pesquisa é uma apreensão do olhar dos frequentadores da festa do Maior São João do Mundo, para compreensão dos impactos positivos e negativos da festa na cidade de Campina Grande/PB.

## CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objeto da presente pesquisa é “O Maior São João do Mundo” da cidade de Campina Grande que fica a 120 km da capital do estado da Paraíba, João Pessoa.

Neste capítulo são analisados dois objetos que serviram para a obtenção dos dados: as entrevistas semi-estruturadas e os questionários *online*. Nas entrevistas de campo, buscou-se pessoas moradoras ou que já moraram na cidade e que já tivessem frequentado a festa de São João, pois isso permitiria chegar ao objetivo da pesquisa que é a análise da percepção dos impactos positivos e negativos da festa na cidade, por seus moradores.

Como já mencionado, o recorte temporal da pesquisa de campo ocorreu no período de 07/05/2018 a 11/05/2018, sendo obtidas 30 (trinta) entrevistas, que foram divididas em dois grupos: população e gestores. Foram 20 (vinte) entrevistas com moradores da cidade de Campina Grande e uma entrevista via telefone com uma moradora de João Pessoa que já morou em Campina Grande. Foram feitas 09 (nove) entrevistas com gestores da cidade, tanto do setor público como do privado. Assim, totalizando 30 (trinta) entrevistas semi-estruturadas.

A pesquisa *online* com o questionário do *Google Docs* recebeu respostas do dia 29/04/2018 ao dia 31/05/2018, sendo obtidas 653 (seiscentas e cinquenta e três) respostas válidas para o objetivo dessa pesquisa, que levou em conta apenas as respostas das pessoas que foram ao menos uma vez à festa.

A representação das respostas está dividida em três grupos: Entrevistados da população, Gestores entrevistados e Respondentes da pesquisa *online*. Para facilitar o entendimento e em qual grupo a pergunta/resposta se encaixam, foi feita a seguinte sistematização:

Quadro 04: Representação dos grupos da pesquisa

Nº	GRUPOS	REPRESENTAÇÃO/SIGLA
1	Entrevistados da população	EP
2	Gestores entrevistados	GE
3	Respondentes da pesquisa <i>online</i>	RPO

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Recorde-se, ainda, que nesta pesquisa, buscou-se identificar quais são os impactos positivos e negativos da festa na cidade, levando-se em consideração cinco dimensões da sustentabilidade: ambiental, cultural, social, política e econômica. Na opinião dos frequentadores da festa, ao final da análise, serão mostrados os Quadros (05, 06, 07, 08 e 09) com os impactos positivos e negativos do Maior São João do Mundo quanto às dimensões da sustentabilidade.

A análise de conteúdo dos dados será abordada na seguinte ordem:

1. Surgimento da festa na cidade, como era antigamente;
2. Quais foram as mudanças que a festa passou;
3. Como a festa está atualmente;

Primeiramente, será mostrado o perfil socioeconômico do Grupo 1 da pesquisa de campo (Entrevistados da população – EP). Como pode ser observado na Tabela 02, o gênero mais representativo da pesquisa de campo foi o sexo masculino com 42,85%; a faixa etária com maior expressividade foi de com pessoas entre 25 a 59 anos (85,71%); o grau de escolaridade da grande maioria é superior completo (38,09%) e sucessivamente, ensino médio completo ou superior incompleto com 28,57%. A maioria dos(as) entrevistados(as) são pessoas solteiras (47,61%) e as três opções de renda familiar que mais obtiveram respostas foram: as que recebem de três a cinco salários mínimos (28,57%); até um salário mínimo (19,04%); os outros 14,28% recebem de um a dois salários mínimos.

Tabela 02: Perfil socioeconômico do público da pesquisa de campo

<b>CATEGORIAS</b>	<b>ALTERNATIVAS</b>	<b>REPRESENTAÇÃO (%)</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	42,85%
	Masculino	57,14%
<b>Idade</b>	Menos de 18 anos	4,76%
	18 a 24 anos	0
	25 a 59 anos	85,71%
	60 anos ou mais	9,52%
<b>Grau de escolaridade</b>	Sem instrução ou Fundamental incompleto	0
	Fundamental completo ou Médio incompleto	23,80%

Tabela 02: Perfil socioeconômico do público da pesquisa de campo (Cont.)

<b>CATEGORIAS</b>	<b>ALTERNATIVAS</b>	<b>REPRESENTAÇÃO (%)</b>
<b>Grau de escolaridade</b>	Médio completo ou Superior incompleto	28,57%
	Superior completo	38,09%
	Pós-graduação (Especialização/Mestrado e/ou Doutorado)	4,76%
	Não informado	4,76%
<b>Estado civil</b>	Solteiro (a)	47,61%
	Casado (a)	38,09%
	Desquitado (a) ou separado (a) judicialmente	0
	Divorciado (a)	9,52%
	Viúvo (a)	0
	Outro	0
	Não informado	4,76%
<b>Renda familiar</b>	Sem rendimento	4,76%
	Até um salário mínimo	19,04%
	De um a dois salários mínimos	14,28%
	De dois a três salários mínimos	9,52%
	De três a cinco salários mínimos	28,57%
	De cinco a dez salários mínimos	14,28%
	De dez a vinte salários mínimos	4,76%
	Mais de vinte salários mínimos	0
	Não informado	4,76%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As informações do perfil socioeconômico do Grupo 2 (Gestores entrevistados – GE) não foram levantadas, visto que a pesquisa com este grupo foi uma abordagem com perguntas abertas levando em consideração sobre a importância do São João para a

cidade e sua contribuição nas cinco dimensões da sustentabilidade. A única comparação entre gestores é pelo setor pertencente, como poder ser observado na Tabela 03 a seguir:

Tabela 03: Setores dos gestores

SETORES	REPRESENTAÇÃO (%)
Público	55,55%
Privado	44,44%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Agora será mostrado o perfil socioeconômico do Grupo 3 da pesquisa *online* (Respondentes da pesquisa *online* – RPO). Observando a Tabela 04 a seguir, podemos analisar que o gênero mais expressivo da pesquisa foi o sexo feminino (67,68%); as duas faixas etárias mais participativas da pesquisa *online*, foram pessoas entre 25 a 59 anos (54,51%) e com 18 a 24 anos (42,41%); o grau de escolaridade dessas pessoas foi ensino médio completo ou ensino médio incompleto com 49,15% das respostas. A maior parte dos respondentes são pessoas solteiras (72,43%), as três rendas familiares mais marcadas foram: de um a dois salários mínimos (24,50%), seguida de cerca de 18,52% que recebem de três a cinco salários mínimos; os outros 18,37% recebem de dois a três salários mínimos.

Tabela 04: Perfil socioeconômico do público da pesquisa *online*

CATEGORIAS	ALTERNATIVAS	REPRESENTAÇÃO (%)
<b>Sexo</b>	Feminino	67,68%
	Masculino	32,31%
<b>Idade</b>	Menos de 18 anos	1,53%
	18 a 24 anos	42,41%
	25 a 59 anos	54,51%
	60 anos ou mais	1,53%
<b>Grau de escolaridade</b>	Sem instrução ou Fundamental incompleto	0
	Fundamental completo ou Médio incompleto	1,99%
	Médio completo ou Superior incompleto	49,15%

Tabela 04: Perfil socioeconômico do público da pesquisa *online* (Cont.)

CATEGORIAS	ALTERNATIVAS	REPRESENTAÇÃO (%)
<b>Grau de escolaridade</b>	Superior completo	24,34%
	Pós-graduação (Especialização/Mestrado e/ou Doutorado)	24,50%
<b>Estado civil</b>	Solteiro (a)	72,43%
	Casado (a)	18,83%
	Desquitado (a) ou separado (a) judicialmente	1,07%
	Divorciado (a)	3,06%
	Viúvo (a)	0,91%
	Outro	3,67%
<b>Renda familiar</b>	Sem rendimento	3,82%
	Até um salário mínimo	11,94%
	De um a dois salários mínimos	24,50%
	De dois a três salários mínimos	18,37%
	De três a cinco salários mínimos	18,52%
	De cinco a dez salários mínimos	15,31%
	De dez a vinte salários mínimos	5,97%
	Mais de vinte salários mínimos	1,53%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A maioria das pessoas que foram entrevistadas e que responderam à pesquisa de campo é de Campina Grande. Como pode ser observado na Tabela 05, 95,23% dos entrevistados moram na cidade e 79,47% dos respondentes da pesquisa *online* também moram em Campina Grande. Com isso, nota-se uma participação bem efetiva dos próprios moradores da cidade na pesquisa.

Tabela 05: Local de moradia

PERGUNTA	GRUPOS	ALTERNATIVAS	REPRESENTAÇÃO (%)
Mora em Campina Grande?	Entrevistados da pesquisa de campo – Grupo 1	Sim	95,23%
		Não	4,76%
	Respondentes da pesquisa <i>online</i> – Grupo 3	Sim	79,47%
		Não <sup>11</sup>	20,52%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na pesquisa de campo procurou-se saber, também, quantas vezes participaram da festa. A grande maioria respondeu que já foi mais de 10 vezes para a festa; apenas uma entrevistada afirmou que só foi cinco vezes. A Tabela 06 traz o resultado da pesquisa *online*, em porcentagem das respostas obtidas. A maioria das pessoas (65,39%) já foi mais de 10 vezes para festa. As pessoas dos dois grupos, portanto, afirmam ter ido à festa mais que 10 vezes.

Tabela 06: Quantas vezes você foi à festa?

PERGUNTA	GRUPOS	ALTERNATIVAS	REPRESENTAÇÃO (%)
Quantas vezes foi à festa?	Respondentes da pesquisa <i>online</i> – Grupo 3	Só 1 vez	5,35%
		2 a 5 vezes	18,22%
		6 a 10 vezes	11,02%
		Mais de 10 vezes	65,39%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com o perfil socioeconômico dos grupos traçados, local de moradia e quantidade de vezes que frequentaram a festa, será discutido as alterações que a festa sofreu na opinião dos grupos. Torna-se essencial que seja mostrada a visão do morador e de quem já morou na cidade, pois acompanharam o crescimento e as mudanças da festa.

Ao observar as respostas sobre como a **festa era antigamente**, confirma-se que começou pequena, com uma palhoça nos Coqueiros Zé Rodrigues, onde hoje é o Parque do Povo. Antigamente a festa era aberta e tinha mais cantores da região nordeste que tocavam principalmente o forró “pé-de-serra”. A festa em si era mais tradição, por ser algo mais familiar. Em relação às barracas que são colocadas no São João, antigamente

<sup>11</sup> Os 20,52% de pessoas do Grupo 3 que não moram na cidade sede do São João, moram em cidades espalhadas por 19 unidades federativas do Brasil, sendo 18 estados (Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe) e o Distrito Federal.



qualquer pessoa tinha autonomia para colocar barraca na festa. Abaixo podem-se ler alguns relatos sobre alguns aspectos da festa de antigamente:

*A festa começou com o ex prefeito Enivaldo Ribeiro que hoje é vice prefeito, num lugar que antigamente chamava os Coqueiros de Zé Rodrigues e hoje é o Parque do Povo, aquilo ali foi feito no governo de Ronaldo, foi ampliado, foi feita as melhorias necessárias, foi feita a pirâmide (EP-16).*

*[...] ela começou pequenininha, né, começou no chiado da chinela, começou lá o forrozin [sic], que era aquela coisa de família, as famílias iam para um palhoção que hoje é o Parque do Povo (EP-2).*

*[...] antigamente era mais os cantores da região nordeste (EP10).*

*O Parque do Povo também começou com uma Palhoça. [...] antigamente, o São João no Nordeste era uma festa de rua. Existiam as quadrilhas nos bairros, que era uma coisa assim [...] muito marcante (EP-2).*

*Antigamente, os maiores shows eram no final de semana, sexta, sábado e domingo, e de segunda a quinta era [sic] shows de artistas da terra, menos conhecido, menos divulgados (EP-3).*

*[...] antigamente era bem aquele forró pé-de-serra, em que abria a nossa cultura (GE-5).*

*O São João de Campina Grande era tradição, era muito bom mesmo (EP-12).*

*[...] antes o Parque do Povo era totalmente aberto, era totalmente aberto (EP-13).*

*[...] pra quem começou cada barraca era lona da sua cor, azul, amarela, parecia um favelão nos primeiros, era folclórico era lindo (EP-17).*

*[...] antigamente todo mundo podia vir e botar uma barraca (EP-19).*

*[...] antigamente não tinha essa grade (EP-19).*

*[...] no início aquele terreno onde era o Parque do Povo era piso de barro, as barracas eram de madeira, no início não, era típico de sítio, era as barracas tudo de madeira coberto com palha (EP-3).*

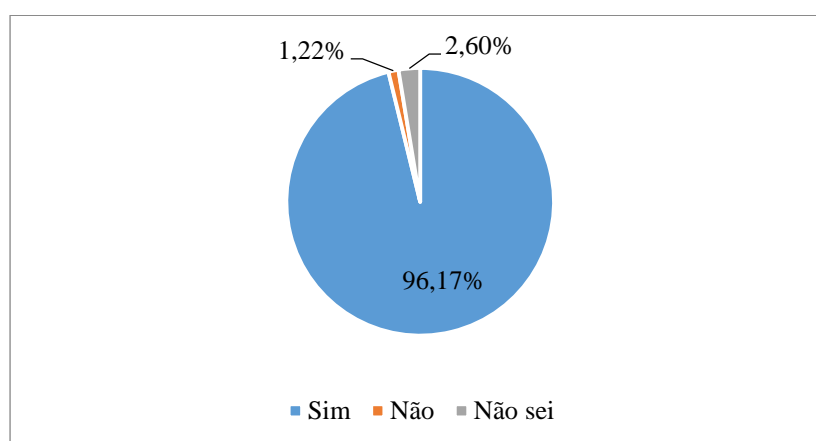
A festa passou por várias **mudanças** desde a sua primeira realização, tendo sido bastante modificada durante os anos sob os diversos governos da cidade de Campina Grande.

No questionário *online*, representado no Gráfico 01, foi perguntado para as pessoas se acreditavam que com o passar dos anos a festa passou por mudanças. A maior parte das pessoas do questionário *online* (96,17%) respondeu que, sim, a festa passou por mudanças. Na pesquisa de campo, todos os entrevistados alegaram que a festa passou por mudanças, logo abaixo podemos verificar duas respostas dos entrevistados da pesquisa de campo (EP-8) e (GE-7):

*A festa tá vivendo de mudanças, atualmente, agora é... tá vivendo de mudança; mudanças boas e mudanças ruins, só que tá mais pra um que pra outro (EP-8).*

*O São João tá completando 35 anos esse ano né? então toda mudança que você puder imaginar já aconteceu. Inclusive a primeira mudança de que não existia Parque do Povo, passou a existir Parque do Povo; aí depois teve o São João descentralizado nos bairros, depois essa ideia mudou, voltou a concentrar só no Parque do Povo ai apareceu a Vila do Artesão, não tinha apareceu a Feira de Artesanato que não tinha, apareceu o Sítio São João que não tinha. Então a festa é uma festa que vem crescendo muito; então todo ano tem uma novidade, todo ano tem uma coisa que é assim, um degrau a mais nessa jornada. Com relação a mudança da festa, particularmente, ela vai se adequando a necessidade do público, a última necessidade grande mesmo, foi da organização e de segurança. Então, saiu da gestão pública pra privada, pra otimizar segurança e infraestrutura (GE-7).*

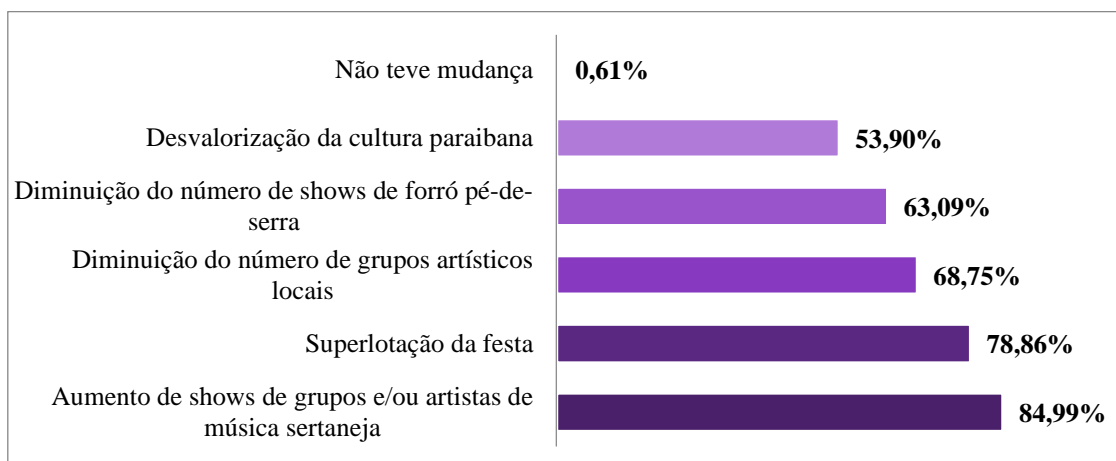
Gráfico 01: Com o passar dos anos você acha que a festa passou por mudanças?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As pessoas que responderam ao questionário *online* tiveram a opção de marcar quais mudanças identificaram na festa ao longo dos anos. Várias alternativas poderiam ser escolhidas. Também tinham opção de incluir novas mudanças, que serão mostradas no decorrer desse resultado. No Gráfico 02 está representada a opinião dos respondentes quanto às mudanças da festa. A maioria das pessoas respondeu que o quesito que mais teve mudança foi o aumento de *shows* de grupos e/ou artistas de música sertaneja – 84,99%. A segunda mudança foi a superlotação da festa, chegando a 78,86% dos apontamentos. A terceira resposta foi a diminuição do número de grupos artísticos locais, com 68,75% das opções. A diminuição do número de *shows* de forró pé-de-serra chegou a ser marcado por 63,09% das pessoas e a desvalorização da cultura paraibana ficou com 53,90% de marcações. As mudanças com seus percentuais, podem ser conferidas no Gráfico 02, logo abaixo:

Gráfico 02: Mudanças identificadas na festa



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com as respostas dos grupos no quesito de “mudanças por que a festa passou”, serão analisados alguns pontos sobre questões que sofreram modificações na opinião dos grupos pesquisados.

Uma mudança que foi bem expressiva nas respostas dos grupos, foi a questão da **segregação** ou **exclusão** do público. Por exemplo, antigamente todas as pessoas ficavam no mesmo patamar, não havia camarotes, só que com o passar do tempo, com o crescimento da festa, as pessoas que estavam à frente da organização decidiram criar um espaço para camarotes e áreas *vips*. Com isso, houve a privatização de espaços e só quem tem condições e pode pagar usufrui da melhoria feita nessas áreas. Outra questão relacionada à segregação foi o alto investimento que as pessoas têm que fazer para colocar barraca no Parque do Povo. Antigamente era um valor simbólico, “hoje em dia quem tem dinheiro é que lucra mais” (EP-6).

Algumas pessoas de baixa renda deixaram de frequentar a festa por acharem que precisam pagar, porque de 2017 para 2018 a festa se tornou fechada<sup>12</sup> – o local em que é realizada foi, literalmente, fechado, segundo os organizadores, para melhorar o controle. Outras pessoas não entram em barracas por não terem condições de pagar por aquele alimento. Alguns relatos abordaram a questão da diminuição dos ambulantes: afirmam que o número foi bastante reduzido. Outra questão levantada nas respostas foi a respeito dos produtores de cachaça artesanal que não podem mais vender seus produtos na festa, visto que só entram “comes e bebes” de quem patrocina a festa. Além desses aspectos, algumas pessoas relataram o pouco espaço que as quadrilhas e os grupos de danças têm

<sup>12</sup> Cercada com grades (Figura 10, p. 42).

atualmente, por conta de “tudo ter virado competição”. Abaixo, a opinião de algumas pessoas:

*Segregação com pagamento de camarotes (RPO-11)*

*Segregação do público com camarotes pagos e areas vips [sic] (RPO-251).*

*Diminuição no número de carroceiros na festa, onde antes haviam 150, foi reduzido para 50; além do aumento do espaço dos camarotes, e o considerável valor cobrado por noite (RPO-402).*

*A organização da festa foi terceirizada, fazendo com que os produtores de cachaça artesanal da região não pudessem mais vender seus produtos dentro do Parque do Povo (já que só entra bebida do patrocinador) (RPO-514).*

*Excesso de participação dos grandes empresários e reflexos em privatizações para melhoria e conforto apenas de pessoas que pagam (RPO-562).*

*“Elitização” da festa (RPO-631).*

*“Camarotização” (RPO-619).*

*Tiraram os camelôs, os ambulantes local de anos e anos que trabalham nas festas, deram só prioridade aos grandes empresários, deixou muitas famílias sem emprego, mudou a cultura da festa. Muitos aspectos (RPO-617).*

*A festa eu acho que a mudança ela ficou um pouco privatizada né e tirou muito direito nosso que somos da cidade. Por exemplo, a gente só pode beber o que eles desejam, só pode comer o que eles desejam. Você não tem nenhum tipo de opção sobre [...] os seus próprios desejos. Quer dizer, foi obrigado a consumir o que eles quer [sic] (EP-21).*

*É muito elitizado, tem gente que não vai pro Parque do Povo com medo, com vergonha porque não pode entrar numa barraca. Se você quer tomar uma cerveja, uma caipiroska, tem gente que tem que ficar lá embaixo, porque lá em cima é diferente, você vê os tipos de pessoas que estão lá em cima né. Na primeira parte de cima onde só tem as barracas mais elitizadas. Antigamente a gente colocava as barracas na parte de cima. Porque veja bem se hoje eu quisesse colocar, quisesse colocar uma barraca ali no Parque do Povo, eu não conseguiria lá em cima. Muito dinheiro pra fazer ali (EP-12).*

*A festa está a cada ano sendo vendida a um grupo local que está controlando a festa, e que tende (e é o pensamento de muitos) que a festa que ainda é popular, como o próprio nome do local diz o parque do povo, venha a ser vendida de vez ou parcialmente para grupos empresariais fazerem lucro em uma festa que é do povo, tendo em vista também que nesse ano de 2018 os houve uma diminuição de mais de 100 vendedores ambulantes (RPO-283).*

*[...] fechar para o público, muito desagradável sobre isso.. Aqui era uma festa que todo mundo fazia parte [...] agora ta ai essa lata de sardinha fechando ai tudo ai sem as funções do povo se divertir né, o povo mais humilde, o povo mais tranquilo [...] passa essa situação ai. (EP-21).*

*[...] houve um corte, uma ruptura do que era o São João pra o que é atualmente, através desse conceito da estilização (EP-11).*

*[...] exclusão de vendedores/ambulantes pequenos (RPO-216).*

*Só trabalha quem tem condição de investir porque é muito caro pra investir aí dentro pra trabalhar com barraca (EP-19).*

*[...] muito caro as coisas aí dentro, nem todo mundo entra, apesar de que já fecharam aí pra você ver, tem gente, a população pobre não vem, porque pensa que paga pra entrar, da classe baixa mesmo, eles não vem, só que vem é classe média pra cima (EP-19).*

*Pouco espaço para quadrilhas e grupos de danças, hoje só existe a competição e pronto (RPO-80).*

A **estrutura** da festa para as pessoas foi outra mudança indicada nas questões descritivas. Algumas pessoas disseram que no decorrer dos anos houve uma elitização da festa, uma privatização do espaço. Com isso, de acordo com os respondentes, tanto a segurança quanto a infraestrutura pioraram. Uma questão bastante abordada foi a de a festa estar fechada, cercada. Muitos acreditam que isso fez com que a festa deixasse de ser popular, deixasse de ser do povo. Alguns relatos sobre a estrutura:

*Mudanças continuas no layout que não otimizam o espaço (RPO-112).*

*Diminuição do espaço da festa (RPO-216).*

*A estrutura física do evento, a padronização das barracas (RPO-309).*

*Falta de segurança e infraestrutura piorada depois da privatização (RPO-328).*

*Melhoria estrutural insignificante para comportar a superlotação da festa. A superlotação da festa ocasiona um aumento na percepção de insegurança. Houve, com o decorrer dos anos, uma elitização da festa, bem como uma "privatização" (RPO-332).*

*A disponibilização da estrutura física prejudica muito as barracas do local (RPO-464).*

*[...] cercamento da festa que deveria ser popular (só pra comparar imagina o carnaval de Olinda cercado? Não dá, né ? Menos barracas. (RPO-619).*

*[...] principalmente por ser fechada, foi uma grande mudança, porque ninguém sai. Eu gostava de vir e ficava fazendo o que quer. Passou por essas regras [...], de fechar a rua até tal hora e não abrir mais pra ninguém e não entrar mais carro pra fazer baderna, tudo que faziam antes não fazem mais. (EP-1).*

*O ano passado passou né, por mudanças gigantescas, montagem, estrutura da organização (EP-14).*

*[...] foi uma festa que realmente antes o Parque do Povo era totalmente aberto, era totalmente aberto, não tinha essa questão de catracas pra você entrar, não tinha essa segurança na verdade, por acaba sendo uma forma de segurança e com o passar do tempo como foi ficando uma festa muito grande, é que querendo ou não é conhecido como Maior São João do Mundo, então assim, houve mudanças assim impressionantes (EP-13).*

*[...] olha por exemplo, não era fechado isso daqui, não tinha esses paredão [sic] daqui, aí agora já tem, dois anos que tem esse paredão daqui, complicou né. Apertou, as vias tudo fechadas (EP-20).*

A questão da **descaracterização** da festa durante os anos foi outro ponto bem apontado nas mudanças que aconteceram. A cultura em si para algumas pessoas não é mais a mesma que antigamente; a festa não tem mais as características que tinha. Percebe-se pela fala dos entrevistados e das respostas do questionário *online* que houve uma desvalorização da cultura, exclusão de cantores da região, introdução de outros ritmos que não fazem parte do São João que estão entrando na festa, como sertanejo, axé e pagode. A seguir podem ser conhecidos apontamentos do público da pesquisa nessa questão da descaracterização da festa.

*Descaracterização da festa com proposta inicial em 1986 (EP-64)*

*Aumento no número de grandes restaurantes que não são de comidas típicas e diminuição de barracas menores, com comidas regionais (RPO-99).*

*Elitização da festa que antes era do povo, praticamente privatizando todos os espaços e com preços inacessíveis, além da completa descaracterização da festa que abusa de sertanejo, axé e outros ritmos como pagode que nada têm de semelhança com nossa cultura (RPO-178).*

*Mudança na organização das barracas; Maior quantidade de estandes com fins publicitários (havaianas, Trident, etc); Fechamento dos portões do parque do povo mais cedo para evitar superlotação (RPO-322).*

*Ficou mais elitizada, descaracterizando a festa. Particularmente, gostava muito mais quando surgiu, na década de oitenta (RPO-477).*

*Com a desvalorização da cultura local e do sentido que tem a comemoração em questão, os gastos públicos aumentam, a cultura acaba, não há investimento nas outras áreas como segurança e saúde... Enfim... Estão destruindo uma identidade que muito lutou para ser reconhecida e ganhar espaço, mas só se importam com lucros! (RPO-506).*

*Eu acho que passou sim, bastante, mais assim em termos de cantores, que antigamente era mais os cantores da região nordeste, aí estão misturando muito com centro-oeste, sul e sudeste (EP-10).*

*[...] a questão cultural é a que a gente sente falta realmente do forrozão pé-de-serra, não que os eletrônicos ou sertanejos não sejam bons, mas assim eu não vejo porque um cantor de axé aqui pra nós, vem fazer no Parque do Povo, nos 30 dias de festa de SÃO JOÃO (EP-13).*

*Muitas, muitas mudanças, principalmente o desrespeito a cultura, principalmente nesse sentido, assim, houve melhorias, ouvem, mas se perdeu um pouco da cultura (EP-15).*

*[...] as comidas que tinha antigamente não tem mais [...] as bandas que tinham aqui da nossa região que tocava [...] essa estrutura não tinha essa estrutura de ferro, era estrutura de madeira onde era montado [...] Na forma manual mesmo, o pessoal chegava e montava sua estrutura aí e tudo [...]*

*decoreção era mais rústica pra nossa região. Como ele é uma pessoa que não tem condição né? não tem mais como ele trabalhar aí dentro, ele trabalhou 25 anos aí (EP-19).*

*Outro problema que a gente sofre essa crítica muito grande é o mix de você por exemplo, uma festa onde você traz sertanejo, você traz outros gêneros musicais, mas assim, felizmente ou infelizmente é uma forma que tem de captar recurso e a festa termina sendo gratuita pro povo, porque tem essa captação que garante a gratuidade, se nós fossemos fazer a festa toda pública, ia quebrar os cofres públicos (GE-3).*

Outra mudança evidenciada na pesquisa foi a **exclusão** da população nos processos decisórios da festa. Atualmente, cantores de fora têm muito mais espaço no evento do que cantores locais, que fazem parte da cultura paraibana. Em relação aos ambulantes, houve uma diminuição no número de vendedores, e isso prejudica e desfavorece os benefícios sociais que a cidade ganhava com a festa. Apontou-se, também, a falta de participação da população em decisões que são de grande importância para os moradores. Alguns registros sobre este item:

*Zé Ramalho vem sendo excluído há alguns anos já, depois que uma empresa privada passou a organizar, eles preferem trazer os cantores que estão fazendo sucesso no cenário nacional, não importando o ritmo e estilo musical (RPO-74).*

*Diminuição do número de vendedores ambulantes, o que desfavorece muito a população, que antes era mais beneficiada com esse tipo de evento (EP-143).*

*Privatizaram a festa, excluíram o povo e descaracterizam a festa (RPO-338)*

*Aos poucos estão privatizando a festa. Com o tempo a população que vive de uma renda durante a festa será excluída da mesma” (RPO-350).*

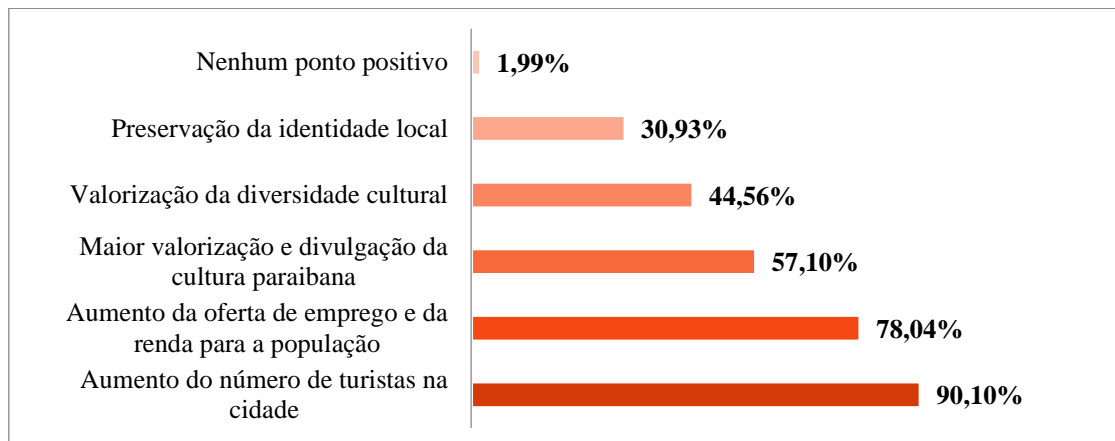
*A população campinense não participa das decisões mais importantes acerca da festa (segurança, atrações, estrutura física, critérios de inclusão/exclusão de venda de determinados produtos etc). Isto é, a população, de um modo geral, encontra-se alijada do processo decisório que envolve o evento. Ao passo, que é induzida pela mídia e pelas autoridades, dos diversos segmentos, que estão envolvidas na organização do evento de que ele é perfeito. Quem decide tudo são as autoridades. Em suma, a festa não é para o povo” (RPO-332).*

Essas foram algumas mudanças que a população de Campina Grande, frequentadora do “Maior São João do Mundo” apontou. Todavia, há resultados ou impactos considerados **positivos** que a festa traz, e que serão descritos e discutidos a seguir.

A economia, geração de emprego e renda foi o ponto mais ressaltado pelas pessoas ouvidas. Os recursos financeiros que entram na cidade, a agitação do comércio, os meios de hospedagem lotados foram pontos bem expressivos nas respostas. O

Gráfico 03 a seguir mostra os pontos positivos que as pessoas que responderam o questionário *online* marcaram. Os dois aspectos mais expressivos, foram o aumento do número de turistas na cidade, chegando a 90,10% das respostas, seguido do aumento da oferta de emprego e da renda para a população, com 78,04% de marcações.

Gráfico 03: Pontos positivos que a festa traz para a cidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Vários outros benefícios foram listados no item aberto do questionário, “outros” e nas entrevistas semi-estruturadas de campo. A visibilidade nacional que a cidade tem por conta da festa, foi um item bem evidenciado. O movimento que a festa faz na economia da cidade foi outro ponto bastante mencionado. Apresentam-se, a seguir, algumas percepções dos entrevistados e dos respondentes do questionário acerca dos **pontos positivos** que a festa traz para a cidade:

*[...] aumenta o emprego para as pessoas, todo mundo fica arranjando um biquinho para fazer, entendeu, durante os 30 dias. Gera muita renda nesse mês aqui. [...] todo mundo ganha um pouco, todo mundo, da pessoa que arruma a rua, apanha o papel no chão, passa a noite varrendo a rua, o lixinho no chão, até as pessoas que estão por dentro. [...] pessoal que canta, o pessoal, o forrozeiro que toca, é uma renda fantástica pra todo mundo. Todo mundo ganha um pouco. Tornou-se um calendário, caiu no calendário nacional. Campina Grande tá muito bem divulgada. Muito organizado (EP-1).*

*[...] parceria com o airbnb (EP-2).*

*[...] acontece uma superlotação da cidade que pra alguns podem ver como ponto negativo, eu vejo como ponto positivo porque isso movimenta a economia (EP-16).*

*[...] a gente gosta de São João, tá no sangue (EP-18).*

*Eu acredito que primeiro na economia, a economia tem uma, ela é bem, existem alguns números que relatam que a gente tem um momento de mais de 70% né de do PIB da cidade nesse período, [...] é importante porque ele vai beneficiar desde aquele senhorzinho que vai vender a pipquinha dele, o*



*pipoqueiro, até o grande empresário que faz um evento grande como a Vila Forró no São João. [...] tenho certeza, um dos benefícios é a questão econômica [...] a gente pode inserir nesse contexto a questão cultural, porque fortalece a cultura. [...] no São João a gente tem um projeto que é o Recicla Campina, e aí todas as latinhas que são recicladas, todos os materiais recicláveis da festa eles são retirados e são cooperativas que fazem esse trabalho [...] muitos empregos temporários e muitos deles no comércio se tornam depois, empregos fixos, porque assim, a economia aumenta, as pessoas vão comprar muito no comércio (EP-2).*

*[...] a rede hoteleira tá sempre 100% de hospedagem, é difícil você encontrar a hospedagem no final de semana, porque em Campina Grande na época de São João, além disso é bom para os restaurantes é bom também para os comerciantes que negociam no Parque do Povo, isso aí, atrai muito é muito bom pra cidade (EP-3).*

*[...] os turistas vêm pra gastar o dinheiro. [...] é muito bom porque eles mostram, tem a festa, tem os artesanatos também [...] que eles gostam muito de ver e de comprar (EP-4).*

*A verba, um turista vem, aí conhece, aí já convida outro amigo, no outro ano já trás. [...] queria que não tivesse violência né, porque aí viria mais gente, muito bom, eu acho muito bom mesmo, porque dinheiro pra todo mundo né, para os hotéis, para os grandes e os pequenos né, até pras pessoas da reciclagem é bom né, consome mais, ganha mais (EP-7).*

*Traz a cultura, a mídia porque como Paraíba é vista como uma cidade matuta pra alguns lugares né? não vamos generalizar, aí traz cultura, mostra que a gente tem cultura, que a gente também sabe organizar alguma coisa, que a gente sabe se divertir também (EP-8).*

*A economia né, a economia que fica forte durante essa época, divulgação da cidade do estado pra todo mundo, porque é transmitido por canal aberto (EP-10).*

*[...] o econômico, talvez seja um fator bem positivo, eu conheço muitas famílias que na época de São João, é a única época do ano que elas trabalham, que elas tem uma oportunidade de trabalhar. Donas de estabelecimentos de bebida e de comida quadruplicam o ganho na época de São João, claro que trabalham bem mais, mas também a demanda é bem maior. Então eu acho que o maior legado do São João atualmente é realmente pra economia (EP-11).*

*A festa gera renda né, vem turista, gera renda, com certeza melhora muita coisa, dá nome pra cidade, prestígio, a cidade fica conhecida mundialmente, até nos Estados Unidos o Maior São João do Mundo o pessoal conhece (EP-12).*

*A questão financeira, [...] é um período em que todo mundo aproveita, principalmente o pessoal que tem um poder aquisitivo menor, eles aproveitam sempre pra tá vendendo uma bebida, uma coisa, então a questão financeira né, a questão da visibilidade da cidade de Campina Grande. [...] a questão financeira, que dá muitas oportunidades de emprego pra muita gente (EP-13).*

*O comércio né, agita o comércio as vendas, hotelaria, restaurante, bares (EP-14).*

*Principalmente a economia né, que movimenta bastante, principalmente isso e assim o reconhecimento né, porque não só nacional, [...] internacional (EP-15).*

*Ela traz muita coisa positiva, o comércio funciona muito bem, a lotação de hotéis é espetacular, pessoal agora com airbnb, muita gente faz uma renda extra, os comerciantes pequenos vão vender suas mercadorias ali no entorno do Parque do Povo (EP-16).*

*[...] botou Campina Grande no mapa, quer coisa mais positiva? A gente tá no mapa do Brasil como Rio de Janeiro, Salvador, Olinda e Recife pra Carnaval, nós estamos como Caruaru no São João. [...] isso é [...] o grande feito de Ronaldo Cunha Lima ter botado Campina Grande no mapa do turismo brasileiro (EP-17).*

*[...] o ponto positivo do Maior São João do Mundo, o que ele tem de melhor é o povo da cidade de Campina Grande, é um pessoal muito hospitaleiro, então ele trata o turista, se for o possível e tu for pra casa de um campinense ele vai dormir no sofá e te dá a cama pra você dormir. Então você no São João vindo aqui e vendo na prática você vai ver que o calor do povo é o que é o melhor aqui. Principalmente emprego por pessoas que não tem carteira assinada, aqueles, tanto que trabalha no mercado informal, então são muita gente que trabalha com comida típica, trabalha com outras coisas, os motoristas de aplicativo, os taxistas, enfim, ele movimenta na realidade, [...] um valor satisfatório, tanto é que todo mundo fica na batalha as vezes, torcendo pra chegar o São João pra pelo o menos ter sua rendazinha pra comprar as coisas. (EP-18)*

*Ela atrai muito turista [...], gera bastante renda (EP-19).*

*Reconhecimento nacional (RPO -3).*

*Promoção da Cidade de Campina Grande (RPO-94).*

*Acessibilidade, mais saídas de emergência, maior preocupação e respeito à capacidade máxima do PP. Inclusão de cooperativas de coleta e reciclagem de lixo (RPO-150).*

*[...] emprego informal ueq só tem duração no período da festa (RPO-271).*

*Aumento de lucro para o comercio local (RPO-382).*

*[...] melhora na economia (RPO-398).*

*Aumento de turistas nos hotéis e restaurantes (RPO-451).*

*Oportunidade de reencontrar amigos e colegas (RPO-513).*

*Agrega nova opção de entretenimento para a cidade, haja vista sua limitação nesse sentido (RPO-599).*

*Entretenimento gratuito (RPO-612).*

*É um dos meses mais esperados da população de campina grande e regiões, mês de renda extra a qual o prefeito fez várias mudanças, e muitas pessoas foram prejudicadas (RPO -617).*

*Aumento de renda para a cidade (RPO-651).*

*Inclusão de bandas religiosas (RPO-363).*

*Quanto ao aumento que você declarou, reflete a música que roda mais na cidade, não é que Campina Grande “tenha” só pé de serra, existe de tudo e tudo é valorizado no nosso SJ (RPO-132).*

*Em contrapartida, a festa ganhou muita visibilidade, mas seria interessante equilibrar com o real forró paraibano (RPO-647).*

*Outra mudança nesses últimos anos foi a criação de outros locais que fornece amostras da cultura nordestina e paraibana, como o Sítio São João, Villa do Artesão e outras mais que fazem parte dessa grande festa (RPO-535).*

*[...] pra própria segurança dos frequentadores, hoje em torno tá melhor, essa mudança veio pra melhorar, foi feito estrutura de metal, com cobertura de telha brasilit, até evita um incêndio, evita até molhar os frequentadores (EP-3).*

*Tem muito forró, forró é acima de tudo e tem de tudo [...] tem o forró, tem a quadrilha, a quadrilha bem organizada, tem muita coisa (EP-5).*

*[...] é o mês completo quase todos os dias tem artistas da terra e um artista de nível nacional, já pra não ficar dias mais fracos que outros, ai sempre tem movimento (EP-3).*

*As características, a cultura eu acho que tem que ser mais [...] puxar mais pro Nordeste mesmo sabe, aqueles forrozin pé de serra que é bom (EP-7).*

*Eles deram mais valor a cultura, aos cantores daqui, teve um São João que eles não trouxe muita atração boa, deu lugar aos que mora aqui em Campina Grande, então, valorizou o trabalho de um paraibano, o sanfoneiro, o trio, não trouxe muito conhecido né, famosos, nacionais, mas só que depois que passou a ser privado começou o ano passado eles também trouxeram né, banda boa de fora, mas continuou valorizando os paraibanos (EP-9).*

*[...] por essa questão cultural, é, na questão de barracas do que é oferecido pra o turista e pras pessoas, deu uma mudança muito boa, você encontra todo tipo de comida, você encontra todo tipo de preço que tem locais caros, mas também tem locais acessíveis, entendeu? Então houve essas mudanças em relação a isso, com certeza mudou muito nesse tempo (EP-13).*

*Na verdade vem evoluindo a cada ano, o maior São João do mundo, então esse ano em relação aos outros anos ele foi diferente porque privatizaram com uma empresa na realidade, particular, mas continua o Parque do Povo na realidade sendo fechado, mas o bom também é que eles não cobram a entrada do povo, apesar de uns shows maravilhosos que tem, tanto artista da terra como do sul e do sudeste, todos tipos de músicas, de artista, apesar disso o povo não paga nada por isso (EP-18).*

*A festa foi se modernizando, a festa vem se modernizando e eu acredito que ela não vai parar de se modernizar, eu não me espanto se em alguns dias a gente ver no Parque do Povo uma tenda eletrônica no lugar de um sanfoneiro (EP-16).*

*Teve um ano ai que teve muito forró estilizado né. Mas já mudaram muito, esse ano já tem forró demais. Tem as duas coisas, sempre tem as duas coisas. Tem a galera que gosta do forró e as ilhas de forró né é a noite inteira, das sete e meia da manhã até a hora que tiver o show. O pessoal que gosta do forró não sai dali não. E o que gosta daquela baderninha dos forró estilizado vão pra lá também. Tem pra todos os estilos ai dentro. É muito diversificado.*

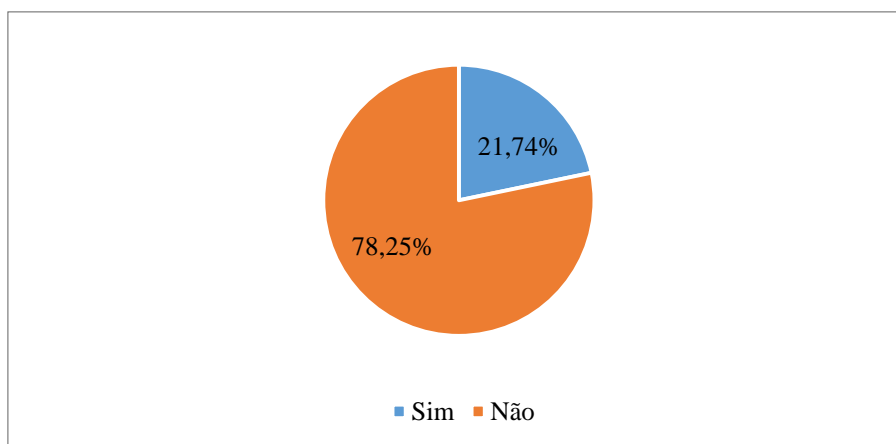
*[...] é muito animado, demais, aqui o povo vive o ano todinho esperando esse mês, é impressionante. Parece o Carnaval do Rio de Janeiro. Tem as quadrilhas de bairro, nossa, é festa o mês inteiro, em todo canto sabe? Bairro São José, o Bairro da Liberdade, o Bairro do Zé Pinheiro, cada um apresenta sua quadrilha. [...] Concurso de quadrilha tem, ai vem pra cá, tem o casamento matuto, o casamento, 100, 120 que casam. Um casamento comunitário. É muito boa essa festa. Sou até suspeita em falar (EP-1).*

*[...] gera muito trabalho, muito trabalho aqui pra todo mundo, a rede hoteleira, restaurante, enfim, tudo. Tudo que você imaginar ganha no São João, melhora muito a cidade (GE-8).*

*[...] o São João, o forró por exemplo corre nas veias do nordestino, e principalmente aqui na nossa região, nós estamos já é conhecido nacionalmente como a cidade, capital mundial do forró (GE-9).*

Um tema que foi abordado na pesquisa foi o da **segurança**, pois um evento que atrai uma multidão de pessoas durante os 30 dias de sua realização, deve se preocupar com essa questão social que é muito importante para proteger as pessoas, de modo que possam aproveitar a festa com tranquilidade. O resultado para essa pergunta (no questionário *online* – Gráfico 04) chamou atenção: quando questionadas se sentem seguras na festa, a maioria expressiva (78,25%) respondeu que não.

Gráfico 04: Você se sente seguro (a) na festa?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nas entrevistas da pesquisa de campo também se perguntou a opinião dos moradores sobre a **segurança** na festa. Sem sombra de dúvidas, a segurança é o ponto mais levantado e sobre o qual as pessoas reclamam. O aumento da criminalidade faz as pessoas ficarem com bastante medo das inúmeras situações que já aconteceram na festa. Alguns relatos das entrevistas:

*[...] em torno do Parque do Povo, nas saídas da festa tem os maus elementos [...] ficam ali aproveitando a saída do povo ou a chegada pra fazer pequenos furtos, ai no entorno do Parque é mais (EP-3).*

*[...] nenhum cidadão se sente seguro ir ao Parque do Povo hoje em dia. Nenhum cidadão se sente seguro, isso é o que mais fere a festa (EP-8).*

*A violência aumentou, infelizmente. É uma pena uma festa tão bela e boa acabar ter[sic] esse empecilho. (RPO-535).*

Houve rumores de que a **segurança** da edição da festa deste ano teria novas tecnologias, biometria facial, contabilização do público para não superlotar o evento. Nas respostas foi observado que a segurança precisa ser melhorada, que os organizadores precisam trabalhar mais para controlar situações que trazem insegurança. Seguem algumas das falas dos participantes da pesquisa no que se refere a esse quesito:

*Muitos contratados, mais policiais, vem de João Pessoa, vem do interior, eles botam muito mais segurança (EP-1).*

*Eu acho que é um gargalo a segurança da festa, porque, por mais que se tente é, o que se tentou fazer pra que fosse uma festa segura, não foi adquirido, porque já aconteceu, é, como se diz, todas as pessoas já sabem, que já aconteceram homicídios dentro do Parque do Povo (EP-2).*

*[...] esse ano vai ter a biometria facial [...]. A gente espera que essa nova tecnologia, ela meio que assim, barre essas pessoas que estão querendo fazer coisas erradas [...]. Infelizmente a gente tem esses casos né, a gente teve esses casos, mas a gente espera, e também vai ter a questão da contagem, e essa contabilização vai ser assim, tipo, não entra mais porque existe uma capacidade, e aí a segurança das próprias pessoas que estão dentro do Parque do Povo, ela vai ser no caso assegurada por essa contagem [...] o Parque do Povo comporta um número determinado de pessoas. E aí a segurança daquelas pessoas já não vai estar comprometida [...] acredito que vai ser interessante essa tecnologia que está vindo (EP-2).*

*A segurança é, nesses últimos anos deixou a desejar, por qual motivo, o motivo político, o governador de um partido e o prefeito de Campina Grande de outro partido, então o governador não dá o devido apoio a cidade de Campina Grande em relação a segurança, eles enviam, mas não como antigamente. Antigamente quando era o prefeito e o governador do mesmo partido, a segurança era bem maior (EP-3).*

*[...] segurança é o mais difícil, porque mesmo que a segurança seja grande, mas não resolve o problema não. As vezes eles botam detector pra quem entrar armado alarma, mas ali todo dia, há aqueles pessoalzinho [sic]desocupado, que chega, joga por cima, um já tá lá esperando, aí não tem como, muito difícil, é tanto que já cercaram o Parque do Povo, deram um jeito né, e não resolve não, não tem como resolver não, é complicado, muito complicado (EP-5).*

*[...] a segurança tem que melhorar mais, [...] a violência tá cada dia pior, não é só aqui não, é em todo canto (EP-6).*

*[...] no mundo inteiro tá deixando a desejar né, em qualquer canto que se vai hoje em dia, mas o ano passado foi muito bom a segurança, muito bom mesmo, o policiamento tava na rua, a segurança privada também né? (EP-7)*

*[...] a segurança da festa já foi boa também, hoje em dia não tem segurança, eu não sei como é que alguém aparece com uma faca dentro da festa, [...] tão proibindo algumas coisas devagarzinho, vender bebidas em garrafa, não pode mais (EP-8).*

*[...] em termos de segurança é o mês todinho né, não é fácil para os policiais trabalhar né, muita gente, mas eles desenrolam legal o papel deles, trabalhar, e é segurança é com eles mesmo (EP-9).*

*[...] pra multidão sempre acontece falhas né [...] é milhões de pessoas que passam durante as 30 noites (EP-10).*

*Investe-se bastante mas como em qualquer lugar do mundo do universo, é falha né, [...] nós temos [...] muitos casos emblemáticos aqui, geralmente as denúncias vem por parte das entidades de saúde como os hospitais que recebem diariamente durante o São João [...] pessoas esfaqueadas, tiro, [...] infelizmente é uma oportunidade ótima pra quem é do mal [...] praticar aquilo que não presta dentro da festa, mas assim, investe-se muito, tem se investido muito em segurança. O que é uma diferença eu que vou pra festa me divertir e alguém que vai pra festa pra praticar o mal (EP-11).*

*[...] com a quantidade de marginal, de bandido, de ladrão que existe na cidade, [...] é poucos policiais pra monitorar a segurança desse evento. [...] quando a gente vai eu me sinto segura sim, porque eu procuro local, bom, eu não procuro local, infelizmente eu não fico lá embaixo, eu fico lá em cima. Se você for pra outros locais é perigoso (EP-12).*

*Amada, segurança eu acho que ela tá em crise também, porque infelizmente [...] eu já tive uma pessoa perto que foi assassinada no Parque do Povo infelizmente. Eu sei que tanto a empresa que tá agora como a Prefeitura eles tentam investir, sempre tem uma coisa que deixa escapar [...] acredito que não é só por causa do órgão público, é realmente assim, as pessoas que vem, porque vem já com uma má intenção então, a segurança realmente deixa a desejar [...] falta muito pra dentro, pra tá 100% seguro, mas eu digo que assim, [...] como eu vou e eu sei os lugares que eu não devo ficar, eu evito determinados lugares porque eu sei por mim que sejam perigosos, então não vou (EP-13).*

*A segurança da festa eu acho bem articulada, bem projetada, mas eu não acho que dê conta não (EP-14).*

*Bem, a segurança é outro problema o ano passado o índice de violência, de até crime aconteceu com frequência assim, ficou um lugar totalmente inseguro, principalmente no dia que tem atrações em peso (EP-15).*

*[...] dentro do Parque do Povo existem furtos, existem às vezes algumas intercorrências de tentativas de homicídios, uma facada, uma coisa desse tipo [...] a festa em si ela tem um padrão de qualidade de empresa privada, então você é revistado na entrada, você é, tem um policiamento extensivo dentro da festa nos arredores, mas não deixa de ter a questão da insegurança que é um problema nacional, é um problema que você vive ele de Curitiba que é como cidade modelo ao Rio Branco no Acre, você vive, a insegurança pública no Brasil é total e Campina não escapa, todo lugar (EP-16).*

*[...] tem uma limitação de público, antigamente não tinha violência que tem hoje, as armas não entravam no parque [...] a festa era pequena, então a segurança era policial militar, guarda municipal [...] hoje em dia [...] passa por detector de metais. Hoje em dia tem controle, esse ano inclusive vão fazer um controle pela face, todo mundo vai tá lá cadastrado, o povo*

*fotografado e chegando já vai ser reconhecido, isso já é bastante interessante, bem mais produzido [...]. É a coisa da tecnologia, Campina tem uma parte tecnológica (EP-17).*

*[...] a gente ainda deixa muitas falhas em relação a segurança, estão trabalhando muito, fazendo muitas coisas como botando detector de metais na entrada, como fazendo essa segurança com câmera, com drone, com a coisa toda, mas eu acho que pela quantidade de pessoas a gente não tem um efetivo que seja capaz de dar conta da segurança (EP-18).*

*A segurança é muito fraca, muito fraca e muito violenta a segurança. [...] as pessoas que trabalham não tem [...] instrução [...] não são preparados para o evento pra trabalhar, eles pegam qualquer pessoa e bota só pra dizer que tem alguém (EP-19).*

*[...] quando eu vejo que há briga, há tumulto eu procuro sempre me afastar, [...] eu me afasto, porque a vida é bela, a gente sabe quem vai, mas não sabe quem volta. Pra evitar é melhor a gente se afastar de pessoas ruins (EP-9).*

*[...] a segurança tá bem precária da festa (EP-14).*

*Graças a Deus não, porque eu não vou pra frente do palco eu vou pro camarote, [...] eu não vou pra frente do palco, [...] porque eu desço do táxi na porta da entrada do camarote, quando saio do Parque do Povo, entro na porta do camarote, policiado, com segurança particular, tudo é tranquilo (EP-16).*

*Eu acho o seguinte, a segurança, porque é destinado muito policiamento pra o evento e eu acho que nos bairros ficam um pouco fragilizado (EP-10).*

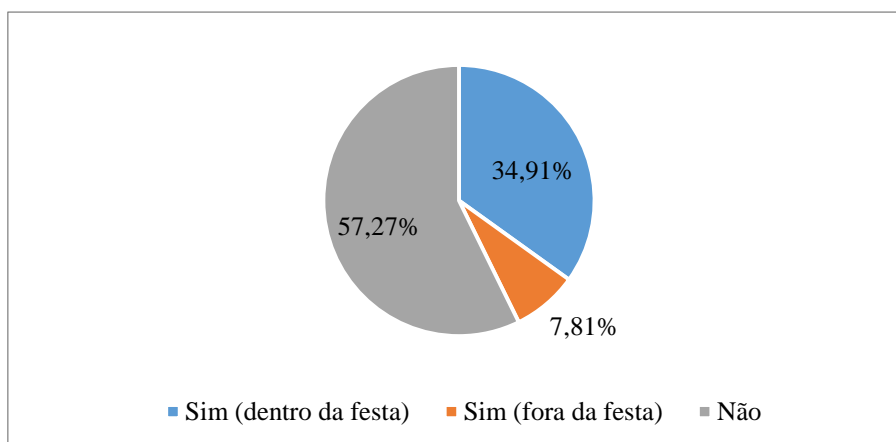
*Falta segurança no em torno do Parque do Povo (RPO-472).*

*O impacto negativo, seria da aglomeração de pessoas, a gente tem uma preocupação com a insegurança, é lógico, se você vai ter um aumento de pessoas, vai ter um aumento de receitas, você vai ter um aumento de dinheiro circulando na cidade, a primeira preocupação que você tem é com a segurança, com a segurança e com os serviços públicos, a gente tem que saber que ônibus tem que funcionar, os táxis, os transportes, então as coisas tem que melhorar nesse sentido (GE-1).*

Percebe-se, portanto, que a **segurança** é um ponto que precisa ser melhorado com urgência.

Outra indagação feita aos moradores foi a respeito de possíveis situações constrangedoras passadas. No Gráfico 05, pode-se constatar que mais da metade (57,27%) dos respondentes relataram não terem passado por esse tipo de problema, mas 34,91% responderam que sim, e que essa situação ocorreu dentro da festa.

Gráfico 05: Você já passou por alguma situação constrangedora dentro ou fora da festa?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Inúmeras situações já aconteceram no Parque do Povo no período de realização do São João, como: assédios, preconceitos, brigas, assaltos, e, até, homicídios. Em seguida tem-se o relato de algumas das **situações constrangedoras** que pessoas passaram **dentro da festa**:

*Assedio de homens (RPO-35).*

*Falta de segurança e exploração por parte de comerciantes sem escrúpulos (RPO-51).*

*Quando esfaquearam um rapaz e passaram com ele para prestar socorros (RPO-65).*

*Cliente da barraca não aceitava pagar o valor do consumo (RPO-67).*

*[...] brigas e mataram um amigo meu, o Gigante (RPO-78).*

*Pessoa sendo esfaqueada próximo de onde eu estava e vários assaltos (RPO-106).*

*Meu marido foi assassinado o ano passado dentro do Parque do povo (onde acontecme os shows). Também tem muitos assaltos (RPO-122).*

*Presenciei assaltos e agressões físicas (RPO-142).*

*Pessoas urinando na frente de todos; pessoas encarando e assediando (RPO-145).*

*Tentaram assaltar-me (RPO-157).*

*Ladrões em excesso, polícia que não respeita o cidadão de bem e costuma empurrar e até agredir as pessoas, além dos banheiros completamente sujos, lotados e sem condições mínimas de segurança (RPO-178).*

*Multidão, espaço insuficiente para a quantidade de pessoas (RPO-192).*

*Superlotação do espaço. Ainda cedo, o pessoal quis invadir as entradas e quem estava dentro não conseguia sequer sair (RPO-203).*



*Assédio, acontece muito na festa, os caras tentam te beijar a força, ou passam a mão em vc, te puxam enfim... comigo já aconteceu até de ter que ser escoltada por amigas ate a saída da festa, e o cara me perseguir e tentar me agarrar de todo jeito, as minhas amigas que impediram, na época eu era mais nova tinha uns 19, 20 anos não tinha a maturidade que tenho agora e no momento não procurei a polícia, até porque não havia policiais próximos (RPO-211).*

*Assédio, muitas brigas no loca” (RPO-246).*

*Principalmente a tentativa de assaltos e furtos, tanto dentro quanto fora do parque do povo. O maior índice, por experiência própria e pessoas que conheço, é de furto dentro a festa (RPO-256).*

*Távamos eu, meu esposo, cunhado e primo. Meu esposo tinha feito poucos dias que havia se mudado do RJ pra CG, távamos em uma barraca na parte de cima do PP<sup>13</sup> (Parque do Povo); dai saímos da barraca e fomos em direção a pirâmide<sup>14</sup> e no caminho um grupo de policial nos abordou e mandou apenas meu cunhado ir pra parede; ele é um negro bastante alto que gosta de usar chapeis [sic] e bota de cavalgada; os policia começou a revistar ele dai mandaram ele tirar a bota; enquanto ele tava tirando, de cabeça baixa um dos policiais ja foi agredindo ele do nada ficamos sem entender [sic] nada; fui ate eles saber o pq daquilo tudo e um deles me deu tapa com muita força na cara e veio pra cima d mim me agredir tbm; dai meu esposo entro [sic] na minha frente e começou falar: é assim q vcs tratam os turistas q vem conhecer a cidade d vcs e falou mais coisas; ai eles foram embora fomos no posto policial relatar o q tinha acontecido e la o comandante falou q nao podia fazer nada (RPO-269).*

*No Parque do povo tem muitos rapazes assediando as moças (RPO-273).*

*Assédio sexual (RPO-286).*

*No banheiro feminino, em um show de Zé Ramalho, eu e minha prima fomos agredidas por duas mulheres que queriam furar a fila e não deixamos. Entramos as duas juntas na cabine do banheiro pra evitar deixar uma sozinha do lado de fora. Elas começaram a xingar e bater forte na porta, quando saímos, elas nos agrediu [sic] ate minha prima cair de perna quebrada no chão, de um chute que levou. Terminamos a noite no hospital de trauma. Tiveram [sic] outras situações constrangedoras, mas acredito q essa foi a pior (RPO-309).*

*[...] dentro e fora da festa - assédios, revistas desnecessárias, tentativa de assalto (RPO-327).*

*Um rapaz tentou me furtar enquanto dançava no show (RPO-333).*

*Presenciar brigas violentas. A polícia jogar spray de pimenta sem nenhum motivo plausível nas pessoas que estavam em um bar considerado alternativo. Depois de um determinado horário me a insegura porque a polícia simplesmente foi embora (RPO-358).*

*Abuso, com uma mulher bêbada (RPO-359).*

---

<sup>13</sup> Parque do Povo.

<sup>14</sup> “Estrutura semelhante a uma pirâmide destinada à apresentação das quadrilhas juninas” (COSTA, 2016, p. 67).

*Situações de violência, bem como assassinatos, brigas/confusões, assaltos, falta de policiamento efetivo etc (RPO-393).*

*Ser constrangido tanto por policiais como por pessoas que estão lá apenas para fazer baderna (RPO-401).*

*Tentaram assaltar meu amigo e acabamos levando uns socos, outra vez vi pessoal (maloqueiros) abordando quem passava, abraçando e roubando. Além de ter dias que é muito cheio o parque do povo e não conseguir se deslocar no palco principa (RPO-451).*

*Com homens que insistem em dançar com você. Um deles me agarrou e não quis soltar, meus amigos tiveram que partir pra cima dele (RPO-459).*

*Foi o um dia que ficou conhecido como noite das garrafadas. Teve uma briga q generalizou e o pessoal começou a jogar garrafa de vidro pelo ar, atingiu varias pessoas. Que foram atendidas pelas ambulâncias de apoio da festa (RPO-470).*

*Estávamos eu e um amigo meu (homossexual) e um rapaz quis, de toda forma, "encrascar" com ele. Daí, segurei meu amigo pelo braço pq sabia que aquilo iria acabar em briga (por parte daquele "homem") (RPO-524).*

*Um homem passou a mão nos meus glúteos. E deixei de ir ao banheiro por causa dos assaltos (RPO-526).*

*Tentativas de assalto à mão armada dentro da festa/brigas dentro do parque do povo que colocaram em risco várias pessoas não envolvidas/superlotação no parque do povo chegando à beira de um desastre (RPO-539).*

*É aquele tipo de situação aonde precisamos gesticular MUITO pra explicar, mas basicamente um rapaz furtou um outro de uma forma que fez parecer que eu era o culpado (eu estava no meio, entre os dois.) Levei um soco de graça (RPO-560).*

*Homens se masturbando em no meio da festa (RPO-587).*

*Cheiro muito forte de maconha o que fez minha namorada passar mal (RPO-648).*

Pode-se deduzir, a partir da análise dessas opiniões, que a **segurança** é um quesito que precisa ser melhor trabalhado tanto do lado de dentro como do lado de fora, garantindo que as pessoas que frequentam a festa estejam seguras e tenham uma noite tranquila de lazer.

A seguir são transcritas algumas **situações constrangedoras** que as pessoas relataram ter vivenciado **fora da festa**:

*Falta de segurança nos portões de entrada que ocasionou uma invasão. Muita correria e spray de pimenta nas pessoas que estavam na fila para adentrar. Os vândalos arrancaram o portão. Show de Wesley Safadão no São João de 2017" (RPO-193).*

*Assaltos a ônibus, isto ocorre um mes antes da festa da [sic] inicio (RPO-202).*

*Assalto com arma branca (RPO-219).*

*Presenciei assaltos e abuso contra mulheres (RPO-233).*

*Bêbados brigando e meliantes circulando e procurando alguém para roubar (EP-278).*

*Estava na para de ônibus com uns amigos, quando chegou um grupo de adolescentes armados com facas (RPO-263).*

*Ser assediada por homens fora do Parque do Povo e ficar sem resolução pela falta de segurança (RPO-322).*

*Já fui assaltado em frente ao portão de entrada e ninguém fez nada pra me ajudar (RPO-532)*

*"Tem cara de ladrão" em uma abordagem policial (RPO-556).*

*Roubo e arrombamento de carro (RPO-568).*

*Quando estava saindo (no portão de saída para o açude velho) começou um arrastão e ouvi até tiros (RPO-584).*

*É sempre complicado aos redores [sic], por causa da insegurança e violência (RPO-647).*

*Assédio de pessoas alcoolizadas (RPO-652).*

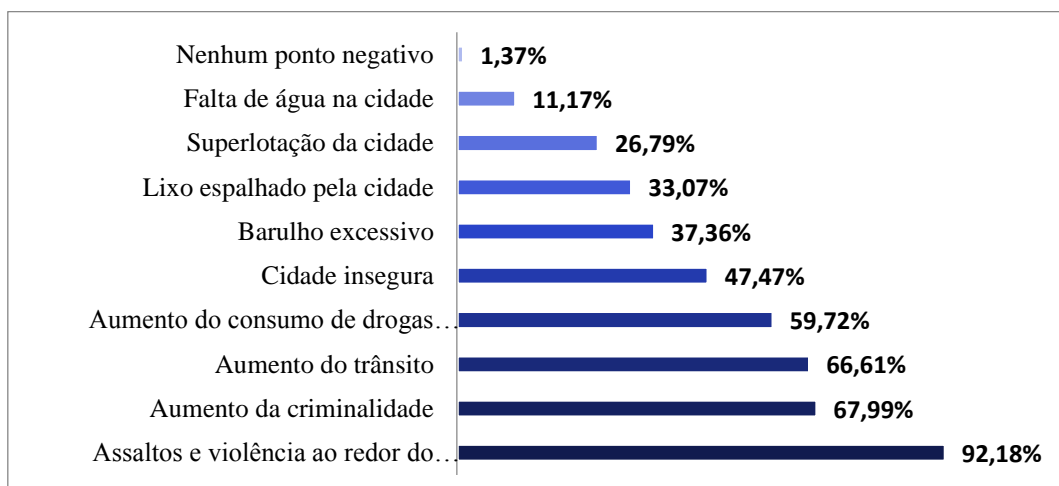
*Assaltantes me seguiram após que sai da festa, e na porta de casa fui assaltada por eles (RPO-398).*

*Taxistas brigaram para conseguir-me como cliente (RPO-34).*

*Fui assaltado na saída (RPO-608).*

Outra questão abordada na pesquisa (Gráfico 06) foram os **pontos negativos** que acontecem na cidade no período de realização da festa. No questionário as pessoas podiam marcar mais que uma alternativa entre as opções listadas. Com isso chegamos aos seguintes resultados: a maioria das pessoas (92,18%) marcou que um dos pontos negativos são os “Assaltos e violência ao redor do Parque do Povo”; em seguida temos com 67,99%, o “Aumento da criminalidade” A questão do “Aumento do trânsito” chegou a 66,61% das marcações. Cerca de 59,72% dos respondentes marcaram o aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas. A cidade insegura chega a quase metade das marcações das pessoas, com 47,47%. Outros **pontos negativos** que acontecem na cidade podem ser observados no Gráfico 06, logo abaixo:

Gráfico 06: Pontos negativos que acontecem na cidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Os respondentes tinham a opção de incluir novos **pontos negativos** que julgassem importantes, e que não estivessem listados nas opções propostas. A seguir, temos outros pontos negativos que acontecem na cidade na opinião dos respondentes da pesquisa *online*:

*A atenção das autoridades quanto a tais questões, centra-se no Parque do Povo. O restante da cidade é "esquecido". Há uma "maquiagem" para aparentar que as coisas funcionam. Afora esses pontos negativos, também há um aumento e concentração, no Parque do Povo, da violência estrutural (crianças trabalhando no parque do povo, catadores de material reciclado etc). Por outro lado, presenciei relatos de violência policial contra determinados segmentos sociais e culturais que frequentam o ambiente (negros, "pobres", principalmente jovens do sexo masculino) (RPO-332).*

*Acredito que quase todos os pontos, menos a falta de água, que foi resolvida no ano de 2017 (RPO-106).*

*Aumento nos acidentes do trânsito (RPO-382).*

*[...] um mês antes e durante a festa, aumenta os assaltos nos ônibus coletivos (RPO-451).*

*Preço das coisas como taxis, lanches, etc (RPO-466).*

*São tantas coisas que eu preferiria ser chamada para gravar um vídeo e não escrever. Eu iria cansar os dedos! (RPO-506).*

*A cidade não fica mais insegura, na verdade os turistas andam na cidade como se fosse segura, com seus objetos de valor e acabam sendo assaltados :/(RPO-523).*

*Assaltos e violência não só ao redor do Parque do Povo, pois os assaltantes ficam "arrecadando" dinheiro da população durante o dia nos ônibus e em todos os bairros para usar a noite no Parque do Povo (RPO-583).*

*Acho que falta mais segurança dentro e fora do parque do povo (RPO-617).*

Outro aspecto bastante recorrente nas respostas foi o **trânsito** que fica bastante complicado, não há estacionamentos que suportem a grande quantidade de veículos que circulam no período da festa. O fluxo de veículos acaba se tornando um ponto bem negativo na cidade durante a realização da festa, como pode ser comprovado nas respostas a seguir:

*O ponto negativo é só o quer dizer, não chega a ser um ponto tão negativo, é o fluxo de veículos que aumenta mais e fica muito tumultuado, principalmente no setores ali que, outro ponto que eu acho negativo é estacionamento, próximo ao Parque do Povo tem poucos estacionamentos, ai você dificulta, porque tem que colocar as vezes em fila dupla, as vezes é, em local proibido, porque se não fica muito distante do Parque do Povo (EP-3).*

*A mobilidade fica bem complicada, principalmente nas proximidades do Parque do Povo. Essa violência por mais que eu não perceba, ela existe né, existe. Porque assim, queira ou não os números de furtos. E o trânsito fica realmente um caos, principalmente como eu te disse, nas proximidades do Parque do Povo, fica complicado a mobilidade. Porque eles estreitam, eles trazem pra rua né? a marcação. Mas é, a mobilidade é complicada (EP-2).*

*[...] fica congestionado [...] fica aquele engarrafamento e tudo, fica isso aí, tudo isso influi também, o engarrafamento, tudo isso ai” (EP-6).*

*Para mim em especial o trânsito fica inferno, principalmente na minha rua, agora mesmo você tá vendo que tem um carro estacionado ali na frente da casa da minha avó que tem uma sinalização horizontal que não é respeitada entendeu? Porque não respeitaram, se meu carro tivesse aqui eu não poderia sair porque aquele carro tava empatando, então assim, em termos de negatividade principalmente é a questão do trânsito na minha rua, nas ruas circunvizinhas do Parque do Povo em especial, entendeu? Então o ponto negativo maior é esse, pra mim entendeu? Que mora aqui perto. A questão do barulho é muita gente fica assim Sarah e o barulho, minha gente sinceramente o trânsito me incomoda mais que o barulho, e até porque assim aqui eu não escuto tanto, mas se eu entro em casa realmente parece que tá na cozinha da minha casa, mas como é uma coisa, quando eu chego e durmo e tal, não incomoda tanto, quem sofre mais é minha mãe que fica em casa. A questão mais negativa pra mim como moradora das proximidades é o trânsito (EP-13).*

*O trânsito piora tudo. Principalmente nessas ruas aqui, já tá vendo ai que já tomou a metade da pista, que a pista ai ia até mais, botaram só a metade aqui, dificulta o trânsito, interditado ai, não da pra passar dois carros na via, não tem mais estacionamento aqui nessa rua, proíbe, ai eles cobram estacionamento nessas ruas aqui ao redor tudinho. Moradores não podem entrar por aqui, por que eles ficam proibindo, porque tem que botar um estacionamento aqui pra eles. A prefeitura né, o trânsito da STDP, eles ficam cobrando taxa de horários, tá entendendo? Aumenta as multas para os moradores e pra quem, estacionamento não tem por aqui, dificulta muita coisa (EP19).*

*O trânsito depende dos dias, não é todo dia que tá agitado, depende dos dias e das horas né, no horário de almoço, no final do expediente, sempre tá agitado (EP-14).*

*Eu assim, acredito que o **trânsito**, o trânsito aqui fica uma loucura, esse sentido ai precisa ser estudado e muito, porque assim como aqui é muito*

*pequeno e a quantidade de turistas é grande, dificulta tanto durante o dia e a noite, esse ponto aí eu acho que tem que ser bem estruturado, bem estudado (EP-15).*

*Eu acho que o trânsito como em toda cidade, Campina Grande é uma cidade que hoje temos aí em torno de 450 mil habitantes, por ser interior é uma cidade grande, porém é o seguinte, a quantidade de gente que vem de fora é muito grande, então na realidade pra gente aqui da cidade, a gente diz que o trânsito fica um caos, mas o caos que a gente diz aqui em Campina Grande mesmo com esse número de gente, pra quem mora em uma cidade como São Paulo, falando de Recife e Salvador, o pessoal que vai vir pra cá vai achar que o caos da gente é normal pra eles lá (EP-18).*

*O trânsito, o povo reclama bastante, aumenta, dá engarrafamento [...] tudo cheio (EP-1).*

Outro quesito pesquisado foi a questão do **lixo** na festa: se há lixeiras e se essas lixeiras são separadas por categoria de resíduos. A Tabela 07 mostra que mais da metade dos respondentes disseram que há lixeiras na festa, só que em número insuficiente (62,63%). Ao serem questionados sobre a separação do lixo, a maioria (44,25%) das pessoas não soube responder.

Tabela 07: Questões sobre o lixo

PERGUNTAS	GRUPOS	ALTERNATIVAS	REPRESENTAÇÃO (%)
Há lixeiras no espaço da festa?	Respondentes da pesquisa <i>online</i> – Grupo 3	Sim (em número suficiente)	24,96%
		Sim (em número insuficiente)	62,63%
		Não	5,51%
		Não sei	6,89%
Há separação do lixo na festa?	Respondentes da pesquisa <i>online</i> – Grupo 3	Sim	15,16%
		Não	40,58%
		Não sei	44,25%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na pesquisa de campo algumas pessoas relataram que há lixeiras, sim, e que quando pessoas “sem educação” jogam o lixo no chão. Em relação à separação do lixo, alguns afirmaram que não, mas que depois os resíduos são recolhidos por cooperativas que fazem o tratamento do lixo. Há o grupo responsável só pelas latinhas, papéis, descartáveis, por exemplo. Outros responderam que não há lixeiras, que só existem dentro das barracas.

Eis algumas opiniões dos entrevistados:

*Tem pessoas a noite inteira apanhando o copinho que cai. Tem muita gente que não se organizou né. Mesmo assim que aquele pessoal contratado, aquela equipe que trabalha, são duas equipes que trabalham, uma durante o dia né, uma já entra seis horas da noite e vai até meia noite e outra que vai de meia noite até terminar a festa. Essa empresa que contrata ai, que faz isso. E lixeiras tem muita. [...] tem o pessoal de lata, tem o pessoal da latinha. Esse pessoal da latinha já é outra equipe, que só junta a latinha e o que junta só o lixinho, copo descartável, papel. O da latinha só junta a latinha no local que estabelece (EP-1).*

*[...] isso é bem interessante porque de repente a gente poderia fazer uma campanha dessa coleta. Inclusive a gente está querendo fazer uma campanha, uma conversa que nós temos muito com a polícia militar que é a questão de não permitir vidros na festa [...] pra que seja proibida a comercialização de produtos com vidro (EP-2).*

*Não. Não tem. Tem, que eu acho muito em Campina Grande é o, nesse ponto não é que seja desorganizado é a população que não tem uma cultura pra usar um material e jogar no local correto, eles jogam em qualquer canto, é tanto que se você for pra festa você vê durante toda a noite o pessoal sempre passando varrendo, juntando os lixos (EP-3).*

*Outra vez o prefeito, ele botou umas lixeiras né? mas aí o povo acaba, os vândalos acabam com tudo e termina sem lixeira também (EP-5).*

*Sim. Só o povo que não se conscientiza de que cada coisa tem seu lugar (EP-10).*

*Tem poucas, minha amiga, tem poucas, você conta. Não tem, as lixeiras ficam encostadas em um canto, mas não tem separação de lixo (EP-12).*

*[...] eu não posso dizer com certeza, mas que eu me recorde assim eu lembro de ter visto tonéis que geralmente são marrons com nome de lixo, mas coleta seletiva não vi. (EP-13)*

*Em alguns lugares sim, mas na maioria, a maioria tem uma lixeira simples, pessoal passa lá é, tem cooperativa, muitas cooperativas aqui em Campina que já pegam esse material, já fazem o tratamento, tudo, é uma festa também com consciência ambiental (EP-16).*

*Tem, tem lixeira isso eu sei porque trabalho na produção dela. Nós temos, a prefeitura tem uma coisa chamada, não tem o maluco beleza? “Tem o matuto limpeza”, é uma geração de emprego e renda, umas 400 a 600 pessoas, eu não sei, posso até lhe dar isso mais preciso, de gente que ganha no São João, você não vê um copo no São João no chão, caiu, tem uma pessoa apanhando e pegando, é limpo. Como você viu, nossa cidade é uma cidade limpa, Campina não é uma cidade suja, então a gente tem uma cultura de limpeza, tem lixeiras e tem essa coisa do matuto limpeza que foi uma forma de conscientizar e de gerar emprego e renda (EP-17).*

*Tem não. Tem o pessoal da prefeitura que toda manhã varre tudinho. O pessoal da prefeitura passa limpando (EP-20).*

*Tem não, depois eles passam varrendo. Tem dentro das barracas (EP-19).*

É possível, agora, sintetizar, nos Quadros 05, 06, 07, 08 e 09 os resultados obtidos na pesquisa, quanto aos **impactos positivos** e **negativos** causados pelo Maior São João do Mundo na Cidade de Campina Grande/PB, na opinião dos frequentadores da festa.

Quadro 05: Impactos na dimensão ambiental

IMPACTOS DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO QUANTO À DIMENSÃO AMBIENTAL	
POSITIVOS	NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fechamento dos portões para evitar lotação;</li> <li>• Projeto Recicla Campina;</li> <li>• Mais segurança para os frequentadores com cobertura <i>brasilit</i>;</li> <li>• Maior preocupação com a capacidade de carga;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Superlotação da festa;</li> <li>• Estrutura física prejudica as barracas do local;</li> <li>• Cercamento da festa (tirou o ir e vir da população);</li> <li>• Aumento do trânsito;</li> <li>• Congestionamento;</li> <li>• Barulho excessivo;</li> <li>• Lixo espalhado pela cidade;</li> <li>• Falta de água na cidade;</li> <li>• Poucos estacionamentos;</li> <li>• Aglomeração de pessoas;</li> <li>• Espaço insuficiente para a quantidade de pessoas;</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quadro 06: Impactos da dimensão cultural

IMPACTOS DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO QUANTO À DIMENSÃO CULTURAL	
POSITIVOS	NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior valorização e divulgação da cultura paraibana;</li> <li>• Valorização da diversidade cultural;</li> <li>• Preservação da identidade local;</li> <li>• Visibilidade da cidade;</li> <li>• Criação de outros locais que mostram a cultura nordestina e paraibana (Vila do Artesão, Feira de artesanato e Sítio São João);</li> <li>• Apresentação de quadrilhas;</li> <li>• Encontra todo tipo de comida na festa;</li> <li>• Diversificação dos estilos de música;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São João dos bairros descentralizados e concentrados no Parque do Povo;</li> <li>• Aumento de shows de grupos e/ou artistas de música sertaneja;</li> <li>• Diminuição do número de grupos artísticos locais;</li> <li>• Diminuição do número de shows de forró pé-de-serra;</li> <li>• Desvalorização da cultura paraibana;</li> <li>• Pouco espaço para quadrilhas tradicionais;</li> <li>• Mudou a cultura da festa;</li> </ul>



<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inclusão de bandas religiosas;</li> <li>• Fortalecimento da cultura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ruptura do que era o São João;</li> <li>• Descaracterização da festa com outros ritmos (axé, pagode, sertanejo, <i>funk</i>);</li> <li>• Desvalorização da cultura local;</li> </ul>
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quadro 07: Impactos da dimensão social

IMPACTOS DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO QUANTO À DIMENSÃO SOCIAL	
POSITIVOS	NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inclusão de cooperativas de coleta e reciclagem de lixo;</li> <li>• As pessoas arrumam <i>biquinho</i>;</li> <li>• Empregos temporários que podem se tornar fixos;</li> <li>• Aumento da oferta de emprego e renda para população;</li> <li>• Benefício desde o pipoqueiro ao grande empresário;</li> <li>• Parceria com <i>Airbnb</i>;</li> <li>• Casamento matuto (casamento comunitário);</li> <li>• Oportunidade de reencontros;</li> <li>• Agrega nova opção de entretenimento para cidade;</li> <li>• Entretenimento gratuito;</li> <li>• Locais acessíveis (R\$);</li> <li>• Segurança com câmeras;</li> <li>• Ganho dos motoristas de aplicativo e taxistas;</li> <li>• Festa gratuita;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diminuição dos ambulantes;</li> <li>• Alto investimento para colocar barraca;</li> <li>• Segregação e privatização de espaços, camarotes, áreas <i>vips</i>;</li> <li>• Só é comercializado produtos de patrocinadores, produtores menores ficam de fora;</li> <li>• Famílias que trabalhavam como ambulantes estão sem emprego;</li> <li>• Falta segurança;</li> <li>• Aumento do número de restaurantes que não servem comidas típicas;</li> <li>• Diminuição de barracas menores com comidas regionais;</li> <li>• Exploração por parte dos comerciantes (R\$);</li> <li>• Furtos;</li> <li>• Homicídios;</li> <li>• Assaltos;</li> <li>• Assédio sexual;</li> <li>• Agressões físicas;</li> <li>• Hospitais recebem pessoas esfaqueadas, com tiros;</li> <li>• Preconceito racial;</li> <li>• Abuso com mulheres bêbadas;</li> <li>• Preconceito com homossexual;</li> <li>• Tentativa de assalto à mão armada;</li> <li>• Cenas pornográficas no meio da festa;</li> <li>• Aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas;</li> <li>• Assaltos a ônibus um mês antes do início da festa;</li> <li>• Roubos e arrombamentos de carros;</li> <li>• Arrastão;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assaltos e violência ao redor do Parque do Povo;</li> <li>• Aumento da criminalidade;</li> <li>• Brigas violentas;</li> <li>• Violência estrutural (crianças trabalhando);</li> <li>• Poucos policiais para monitorar o evento;</li> </ul>
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quadro 08: Impactos da dimensão política

IMPACTOS DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO QUANTO À DIMENSÃO POLÍTICA	
POSITIVOS	NEGATIVOS
NÃO FORAM RELATADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elitização da festa;</li> <li>• Prioridade aos grandes empresários;</li> <li>• Exclusão da população nas decisões da festa;</li> <li>• Decisões são feitas pelas autoridades;</li> <li>• Falta de apoio de governantes que não são do mesmo partido;</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quadro 09: Impactos da dimensão econômica

IMPACTOS DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO QUANTO À DIMENSÃO ECONÔMICA	
POSITIVOS	NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento do número de turistas na cidade;</li> <li>• Aumento das vendas do comércio;</li> <li>• Rede hoteleira cheia;</li> <li>• Movimento da economia;</li> </ul>	NÃO FORAM RELATADOS

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar os impactos causados pelo Maior São João do Mundo na cidade de Campina Grande/PB, a partir dos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. De tanto ouvir da festa, sempre associada a adjetivos comparativos – se não superlativos – tive a curiosidade de saber o que é de fato, ser o “maior”. De início, o pensamento remete-se a comparações entre qualidades, especialmente, do ponto de vista positivo. Entre nós, brasileiros, o “maior” é quase sempre associado a “melhor”. Considerando-se que estamos tratando de um evento de grande proporção, pareceu interessante buscar respostas para o que significaria, em termos de benefícios para a comunidade, ter o “maior São João do mundo”. Para isso, optou-se pelos princípios da sustentabilidade, uma vez que tratam de aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais, entre outros.

Uma vez construído o referencial teórico, partiu-se para a pesquisa de campo, com entrevistas pessoais com a população da cidade de Campina Grande e com alguns dos seus gestores. Além disso, disponibilizou-se um questionário na rede mundial de computadores, que possibilitou “ouvir” um número maior de frequentadores da festa.

As respostas obtidas foram sistematizadas com base nas diferentes dimensões da sustentabilidade, categorizadas como positivas ou negativas.

Feitas as análises desses resultados pode-se concluir:

- do ponto de vista econômico: sim, a festa traz benefícios para o município e seus moradores, uma vez que gera emprego e proporciona renda; movimentação o comércio e o setor de serviços em geral. Há pessoas que conseguem se sustentar o ano todo apenas com o dinheiro que arrecadam durante o São João. Praticamente todos os setores de serviços da cidade de Campina Grande trabalham em prol do evento nos 30 dias de festa, como os comerciantes, restaurantes, meios de hospedagem, agências, atrativos, meios de transportes e muitos outros serviços da cidade. Os ganhos, portanto, são em diversos setores. Contudo, não se pode ignorar que houve algumas mudanças na organização do evento que muitos dos que conseguiam trabalhar na festa, antigamente, como

ambulantes ou, mesmo, nas barracas, já não o fazem, por conta dos preços elevados para utilizar o espaço;

- do ponto de vista social: um dos pontos mais comentados foi a questão da (in)segurança. Nesse item, o peso negativo foi maior. Houve muitos relatos de situações constrangedoras ou perigosas tanto dentro como fora da festa. Apesar de surpreendentes, os relatos não surpreendem quando são associados a um evento de grandes proporções cujo planejamento não acompanhou o crescimento do volume de pessoas, de negócios e de demandas em infra e supra estrutura. No entanto, e por isso mesmo, deve-se atentar para que haja maior cuidado no entendimento da escala a que a festa chegou, com levantamento e análise criteriosa de dados relativos aos pontos fortes e eventuais fragilidades que demandem planejamento mais minucioso;
- do ponto de vista cultural: o São João da Paraíba já “não é mais o mesmo”, segundo a maioria dos seus frequentadores fiéis e constantes. Claro está que a cultura não é algo estático – é mutável e mutante. Modifica-se sempre. No entanto, quando se trata de uma festa carregada de tradições, é natural esperar-se que as modificações não sejam tão frequentes ou diferentes. Muitos dos moradores se queixaram da introdução de outros ritmos e de artistas não locais, por exemplo. Ora, a sustentabilidade considera a duração por um tempo maior, de um recurso, seja ele natural ou não. O turismo, por sua vez, necessita da cultura local pois baseia-se nas relações interpessoais. No presente caso, a festa de São João é a “mercadoria” apresentada ao turista e ao morador, que espera encontrar os sinais simbólicos já conhecidos e vivenciados durante anos. Assim, a introdução de certas novidades e consequente exclusão daquilo que foi estabelecido, resulta em descaracterização e, eventualmente, no estranhamento e no não pertencimento.

Para que o evento continue trazendo turistas para a cidade, a população precisa fazer parte da elaboração da festa, precisa ter sentimento de pertencimento da cidade. É preciso que a população conheça e enalteça suas raízes para que a cultura se perpetue por muito mais tempo. Esse sentimento de pertencimento vindo da população fará com que os que vierem de fora queiram, também, preservar a identidade local.

- do ponto de vista ambiental: os impactos negativos são facilmente percebidos pelos frequentadores. A falta de lixeiras, a inexistência de coleta dos resíduos, e a pouca estrutura para a limpeza dos sanitários foram pontos encontrados na pesquisa. Aqui pode-se refletir sobre o “maior” de forma bem clara: quanto maior o número de pessoas, maior deverá ser o espaço em que o evento se realiza, maior o número de banheiros, maior o consumo e o gasto de água e energia. Há diversos estudos, atualmente, que tratam de eventos ecologicamente corretos, em que, entre outros indicadores, até a emissão de gás carbônico pode ser calculada e, assim, torná-los menos impactantes ou poluentes. Volta-se, então, à questão do planejamento, numa fácil demonstração de que não há como ignorar a articulação entre os diferentes atores e agentes sociais e/ou naturais, políticos e culturais.

Diante do exposto, ao concluir o trabalho, é possível retomar seu título e seus objetivos, no intuito de refletir sobre o “maior” e a sustentabilidade. Se, por um lado, é motivo de orgulho para o morador de Campina Grande sentir-se dono do Maior São João do Mundo – no sentido de melhor, mais bonito, mais animado... por outro, tem pago um preço social e, mesmo, cultural. O que parece ter sido apenas um mote para o *marketing* de uma festa para a cidade há 35 anos – “O maior São João do Mundo” – hoje transformou-se em um evento de grandes proporções, que exige planejamento e investimentos que possam dar conta do “maior”. E isso, com certeza, não é uma tarefa fácil e pequena. Ser o maior tem seu “preço” – econômico, social, cultural e político.

Como se viu nesta pesquisa, os impactos econômicos da festa são facilmente percebidos pela população e pelos gestores. Já as questões relativas aos aspectos sociais de inclusão e melhor distribuição de renda, além da (in)segurança são apontadas pela comunidade como pontos frágeis. Os resultados mostraram, também, a necessidade de cuidados quanto às inovações culturais trazidas para a festa – grupos locais têm sido substituídos por artistas de fora da região, com música e ritmos diferentes dos tradicionais, por exemplo.

Ficam as perguntas: depois de 35 anos, a festa é para o povo ou para o turista? Buscam-se resultados sociais e culturais, ou, apenas, econômicos?

O estudo mostra a necessidade de diálogo entre os desejos e interesses da população e dos gestores locais, e as expectativas dos turistas. Para isso, é preciso conhecer os benefícios e prejuízos que o turismo pode proporcionar, buscando-se, após isso, o planejamento participativo. Dessa forma, governo e comunidade poderão encontrar os pontos de convergência e buscar soluções para os divergentes. A partir daí, o “Maior” São João do Mundo poderá se tornar, de fato, no “Melhor” São João do Mundo!

### **Limitações da pesquisa e Sugestões**

De modo geral, nas pesquisas de campo, os autores reclamam da falta de respostas ou da dificuldade em obtê-las. No meu caso, deu-se o contrário. A maior dificuldade encontrada para realização deste trabalho foi fazer o recorte do grande conteúdo obtido na pesquisa de campo, na cidade de Campina Grande, e na pesquisa *online*. Como houve grande adesão das pessoas, obtive um extenso material, de conteúdo rico nos mais variados aspectos. Não haveria tempo para analisar tudo. Contudo, o material que não foi utilizado no presente trabalho, posteriormente fará parte de pesquisas futuras da autora na área da sustentabilidade.

A grande adesão dos entrevistados e dos respondentes a respeito dos assuntos abordados neste estudo, demonstra que as pessoas têm bastante interesse nessa temática. Muitas delas chegaram a pedir o resultado da pesquisa pelo *e-mail* da pesquisadora. É bastante prazeroso saber que algumas pessoas que fizeram parte da pesquisa estão interessadas nos resultados. Com certeza elas os receberão.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: Significados do festejar, no País que “não é sério”. Tese de Doutorado, São Paulo, 1998.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ARAÚJO, Gisele Ferreira de. **Estratégias de sustentabilidade**: Aspectos científicos, sociais e legais, contexto global: visão comparativa. São Paulo: Editora Letras Jurídicas, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BENI, Mario Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BLOG CG RETALHOS. **O Maior São João do Mundo** – Primeiros Anos (1983 a 1986). Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2009/08/parque-do-povo-sendo-construido-o-sao.html#.WzVZ99JKi1s>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

BRITO, Mafalda Sofia Ferreira de. **Memória e identidade**: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/7011>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

CAMARGO, Patrícia de. Os impactos do turismo cultural. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Orgs.). **Turismo cultural**: Estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus (BA): EDITUS, 2009.

CASTRO, César Nunes de. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**: Transposição do Rio São Francisco. Repositório IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [online]. 2009, vol. 2, pp. 71-75. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim\\_regional/090725\\_boletimregional2.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_regional/090725_boletimregional2.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2018.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal (RN): EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. **São João na cidade**: Ensaio e improvisos sobre a festa junina. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

COSTA, Sandra Paula Veras Amorim. **O Maior São João do Mundo, de Campina Grande – PB e as Concepções de Desenvolvimento**: Uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formulação e realização. Campina Grande PB: UEPB, 2016, 113 p.

DIAS, Reinaldo. Características, definições e conceitos básicos do turismo. In: DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo: Política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo, Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008.

DRUMMOND, José Augusto. **Patrimônios natural e cultural**: Endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes et.al. (Orgs), Patrimônio natureza e cultura. Campinas. São Paulo. Papirus, 2007.

FERRETI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente**: Uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa**: Um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Lendas e tradições brasileiras**. Publicações da S.C.A., v. 3, 1917, 184 p. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6834>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20594>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

GOMES, Ivair. **Sustentabilidade social e ambiental na agricultura familiar**. Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 5, 2004. ISSN 1519-5228. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50050107>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

GOMES, Maryvone Moura. **Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários**: O caso do São João de Maracanaú – Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará). GeoTextos, vol. 7, n. 2, 2011, p. 99-120. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9771/1984-5537geo.v7i2.5647>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.



LIMA, Rossini Tavares de; ANDRADE, Julieta de. **Escola de Folclore: Pesquisa de Cultura Espontânea, Brasil.** São Paulo: Escola de Folclore. 2. ed. 1983.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB: Uma estratégia de folkmarketing.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.  
MARTINS, Clerton. **Turismo, cultura e identidade.** São Paulo: Roca, 2003.

MENDONÇA, Maria Luiza M. Turismo sustentável: Classes sociais e subjetividade. In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Cultura do turismo: Desafios e práticas socioambientais.** Brasília: Thesaurus, 2003.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural.** São Paulo: Autêntica, 2004.

MONTORO, Tânia Siqueira. **Agenda 21 do turismo: a construção do imaginário convocante.** In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais.** Brasília: Thesaurus, 2003.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIGI, Valdir José. **Narrativas do Encantamento: O maior São João do mundo, mídia e cultura regional.** Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

MTUR. Ministério do Turismo. **Edital de chamada pública nº 001/2017: Seleção pública de propostas relacionadas a festejos juninos para a participação de municípios em ações de promoção, comunicação e apoio à comercialização.** Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/images/edital\\_chamada\\_publica\\_festejos\\_juninos.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/edital_chamada_publica_festejos_juninos.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MURTA, Stela Maris. **Interpretar o patrimônio: Um desafio para o turismo cultural.** In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Orgs.). **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências.** Ilhéus (BA): EDITUS, 2009.

MUSEU DIGITAL DE CAMPINA GRANDE. **Inovação, Tecnologia e História.** Campina Grande: Museu Digital de Campina Grande, 2018. (material audiovisual).

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Trajatória da sustentabilidade: Do ambiental ao social, do social ao econômico.** Estudos avançados [online]. 2012, vol. 26, n. 74, pp. 51-64. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000100005>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

NÓBREGA. Zulmira Silva. **A festa do maior São João do mundo: Dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande.** Salvador: UFBA, 2010, 303 p.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).** 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

REIS, José de Ribamar Sousa dos. **São João em São Luis: O maior atrativo turístico-cultural do Maranhão.** São Luis: Aquarela, 2003.

RIBEIRO, Heloisa, **Rotas da fé: Festas Juninas.** Caderno Virtual de Turismo, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: < <http://ucsj.redalyc.org/articulo.oa?id=115418117004>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RODRIGUES, Cléa Cordeiro. **[informação pessoal]**. Informação coletada em: 09 maio 2018. Local de coleta: Memorial do Maior São João do Mundo, Campina Grande, Paraíba.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papyrus, 16 ed. 2012.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável: Idéias sustentáveis.** In: STROH, Paula Yone (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: Turismo cultural, ecoturismo e ética.** São Paulo: Aleph, 2000.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional: Dimensões, elementos e indicadores.** Caxias do Sul (RS): EDUCS, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Festejos juninos e os ritos de origem agrária.** In INTERCOM Revista brasileira de comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, nº 2, julho/dezembro de 1995.

TV ITARARÉ. **Programa Diversidade: TCC sobre o São João.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ba1ofcXt1pE&t=2s>>. Acesso em: 24 maio 2018.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Festas patrimônio: Os ciclos junino e natalino de Sergipe.** Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 252-273, ago/2014.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A POPULAÇÃO



O objetivo da pesquisa é identificar e analisar impactos positivos e negativos resultantes da alcunha de “maior São João do mundo” na cidade de Campina Grande/PB — o que a festa traz de bom e ruim para a cidade. Conto com a sua colaboração para responder essa pesquisa que será de grande contribuição para o meu trabalho e, espero, para a cidade de Campina Grande/PB.

<b>Sexo:</b> <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro	<b>Idade:</b> <input type="checkbox"/> Menos de 18 anos <input type="checkbox"/> 18 a 24 anos <input type="checkbox"/> 25 a 59 anos <input type="checkbox"/> 60 anos ou mais	<b>Grau de escolaridade:</b> <input type="checkbox"/> Sem instrução ou Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo ou Médio incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo ou Superior incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação (Especialização/Mestrado e/ou Doutorado)
<b>Estado civil:</b> <input type="checkbox"/> Solteiro (a) <input type="checkbox"/> Casado (a) <input type="checkbox"/> Desquitado (a) ou separado (a) judicialmente <input type="checkbox"/> Divorciado (a) <input type="checkbox"/> Viúvo (a) <input type="checkbox"/> Outro		
<b>Renda familiar:</b> <input type="checkbox"/> Sem rendimento <input type="checkbox"/> Até 1 salário mínimo (Até R\$ 954,00) <input type="checkbox"/> De 1 a 2 salários mínimos (De R\$ 954,01 até R\$ 1.908,00) <input type="checkbox"/> De 2 a 3 salários mínimos (De R\$ 1.908,01 até R\$ 2.862,00) <input type="checkbox"/> De 3 a 5 salários mínimos (De R\$ 2.862,01 até R\$ 4.770,00) <input type="checkbox"/> De 5 a 10 salários mínimos (De R\$ 4.770,01 até R\$ 9.540,00) <input type="checkbox"/> De 10 a 20 salários mínimos (De R\$ 9.540,01 até R\$ 19.080,00) <input type="checkbox"/> Mais de 20 salários mínimos (Mais de R\$ 19.080,01)		
<b>Profissão/ocupação:</b>		

- 1) Você mora em que cidade/estado?
- 2) Você já foi ao “maior São João do mundo” da cidade de Campina Grande/PB?
- 3) Quantas vezes você foi à festa de São João de Campina Grande/PB?
- 4) Você já trabalhou na festa? Se sim, em que? (Artista; Fornecedor; Gestor; Investidor ou patrocinador; Montador de *stand*; Organizador; Terceirizado)
- 5) Você acha que a população é incluída na organização da festa? De que forma?
- 6) Você acredita que a festa reflete a cultura de Campina Grande/PB?
- 7) A população da cidade vai à festa de São João de Campina Grande/PB? Ou ela tomada por turistas? Como é a convivência da população com os turistas?
- 8) O que você acha a respeito da segurança da festa? Você se sente seguro? Você já passou por alguma situação constrangedora? Dentro ou fora da festa? Como foi essa situação?
- 9) Você acha que com o passar dos anos a festa passou por mudanças? Quais foram essas mudanças? (Aumento de shows de grupos e/ou artistas de música sertaneja; Desvalorização da cultura paraibana; Diminuição do número de grupos artísticos locais; Diminuição do número de shows de forró pé-de-serra; Superlotação da festa)
- 10) O que a festa traz de positivo para a cidade de Campina Grande/PB? (Aumento da oferta de emprego e da renda para a população; Aumento do número de turistas na cidade; Maior valorização e divulgação da cultura paraibana; Preservação da identidade local; Valorização da diversidade cultural)
- 11) Há lixeiras na festa? Há separação do lixo na festa? (coleta seletiva: lixo orgânico, papel, vidro e outros)
- 12) Tem algum ponto negativo que acontece na cidade em decorrência da realização da festa? (Assaltos e violência ao redor do Parque do Povo; Aumento da criminalidade; Aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas; Aumento do trânsito; Barulho excessivo; Cidade insegura; Falta de água na cidade; Lixo espalhado pela cidade; Superlotação da cidade)
- 13) Você é a favor da realização da festa? Se não, por quais motivos?
- 14) Você acha que o recurso utilizado para realização da festa poderia ser gasto em outro setor da cidade? (Ciência, Tecnologia e Informação; Cultura; Desenvolvimento Econômico; Educação; Esporte, Juventude e Lazer; Infraestrutura Turística; Meio Ambiente; Políticas Públicas; Saúde)

**15)** Houve alguma promessa em relação ao uso dos recursos obtidos com a festa, que não foi cumprida? Se sim, em que? (Construção de áreas de lazer; Construção de hospitais ou postos de saúde; Criação de postos de trabalho; Cursos de capacitação, Gastos com segurança; Gastos referentes à logística de apresentações, Pavimentação de ruas)

**16)** Você já foi a outras festas de São João no Brasil? Qual(is) cidade(s)? Quais diferenças você identificou entre as festas?

**17)** Para você, o que significa ser “o maior São João do mundo”?

**18)** O que uma festa precisa ter para ser “a maior”?

**19)** Três palavras que descrevem o “o maior São João do mundo” para você:

Comentários/Sugestões/Críticas

---

---

---

**Muito obrigada por sua colaboração!**

**APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS GESTORES**

1. Qual a importância do “maior São João do mundo” para a cidade de Campina Grande? O que significa ser o “Maior São João”?
2. Quais são os benefícios que a cidade ganha ao realizar a festa?
3. A festa traz impactos negativos para a cidade de Campina Grande? Quais?
4. O que “o maior São João do mundo” representa para as dimensões: Ambiental, Cultural, Social, Política e Econômica?
5. Quais foram as mudanças que a festa passou desde a sua primeira realização?
6. Qual a relação da festa com o empreendimento turístico?
7. Quais foram os resultados obtidos em decorrência da realização da *Press Trip* que o Ministério realizou?

**Muito obrigada por sua colaboração!**

**APÊNDICE C: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA ONLINE****Perfil Socioeconômico****1. Sexo**

- Feminino
- Masculino
- Outro

**2. Idade**

- Menos de 18 anos
- 18 a 24 anos
- 25 a 59 anos
- 60 anos ou mais

**3. Grau de escolaridade**

- Sem instrução ou Fundamental incompleto
- Fundamental completo ou Médio incompleto
- Médio completo ou Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-graduação (Especialização/Mestrado e/ou Doutorado)

**4. Estado Civil**

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Desquitado (a) ou separado (a) judicialmente
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Outro:

**5. Renda familiar**

- Sem rendimento
- Até 1 salário mínimo (Até R\$ 954,00)
- De 1 a 2 salários mínimos (De R\$ 954,01 até R\$ 1.908,00)
- De 2 a 3 salários mínimos (De R\$ 1.908,01 até R\$ 2.862,00)
- De 3 a 5 salários mínimos (De R\$ 2.862,01 até R\$ 4.770,00)



- De 5 a 10 salários mínimos (De R\$ 4.770,01 até R\$ 9.540,00)
- De 10 a 20 salários mínimos (De R\$ 9.540,01 até R\$ 19.080,00)
- Mais de 20 salários mínimos (Mais de R\$ 19.080,01)

**6. Profissão/Ocupação:**

**O Evento**

**7. Você mora em Campina Grande/PB?**

**7.1** Caso tenha respondido “NÃO” na questão anterior (7), em qual cidade/estado você mora?

**8. Quantas vezes você foi à festa de São João de Campina Grande/PB?**

- Só 1 vez
- 2 a 5 vezes
- 6 a 10 vezes
- Mais de 10 vezes

**9. Você já trabalhou na festa?**

- Sim
- Não

**9.1** Caso tenha respondido “SIM” na questão anterior (9), marque a alternativa que caracteriza melhor sua participação na festa na maioria das vezes:

- Artista
- Fornecedor
- Gestor
- Investidor ou patrocinador
- Montador de stand
- Organizador
- Terceirizado
- Outro:

**10. A população é incluída na organização da festa?**

- Sim

- Não
- Não sei

**11.** A festa reflete a cultura local?

- Sim
- Não
- Não sei

**12.** A população vai à festa de São João de Campina Grande/PB?

- Sim
- Não
- Não sei

**13.** Você se sente seguro (a) na festa?

- Sim
- Não

**14.** Você já passou por alguma situação constrangedora dentro ou fora da festa?

- Sim (dentro da festa)
- Sim (fora da festa)
- Não

**14.1** Caso tenha respondido “SIM” na questão anterior (9), marque a alternativa que caracteriza melhor sua participação na festa na maioria das vezes:

**15.** Com o passar dos anos você acha que a festa passou por mudanças?

- Sim
- Não
- Não sei

**16.** Marque as mudanças que você identificou na festa (você pode marcar mais que uma alternativa):

- Aumento de shows de grupos e/ou artistas de música sertaneja
- Desvalorização da cultura paraibana
- Diminuição do número de grupos artísticos locais

- Diminuição do número de shows de forró pé-de-serra
- Superlotação da festa
- Não teve mudança
- Outro:

**17.** Pontos positivos que a festa traz para a cidade (você pode marcar mais que uma alternativa):

- Aumento da oferta de emprego e da renda para a população
- Aumento do número de turistas na cidade
- Maior valorização e divulgação da cultura paraibana
- Preservação da identidade local
- Valorização da diversidade cultural
- Nenhum ponto positivo
- Outro:

**18.** Há lixeiras no espaço da festa?

- Sim (em número suficiente)
- Sim (em número insuficiente)
- Não
- Não sei

**19.** Há separação do lixo na festa? (coleta seletiva: lixo orgânico, papel, vidro e outros)

- Sim
- Não
- Não sei

**20.** Pontos negativos que acontecem na cidade em decorrência da realização da festa (você pode marcar mais que uma alternativa):

- Assaltos e violência ao redor do Parque do Povo
- Aumento da criminalidade
- Aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas
- Aumento do trânsito
- Barulho excessivo
- Cidade insegura
- Falta de água na cidade

- Lixo espalhado pela cidade
- Superlotação da cidade
- Nenhum ponto negativo
- Outro:

**21.** Você é a favor da realização da festa?

- Sim
- Não
- Não quero opinar

**21.1** Caso tenha respondido "NÃO" na questão anterior (21), qual o principal motivo para não realizar a festa na cidade?

**22.** O recurso utilizado para realização da festa poderia ser gasto em outro setor da cidade?

- Sim
- Não
- Não sei

**22.1** Caso tenha respondido "SIM" na questão 22, marque a alternativa que caracteriza o setor que poderia receber o recurso:

- Ciência, Tecnologia e Informação
- Cultura
- Desenvolvimento Econômico
- Educação
- Esporte, Juventude e Lazer
- Infraestrutura Turística
- Meio Ambiente
- Políticas Públicas
- Saúde
- Outro:

**23.** Houve alguma promessa em relação ao uso dos recursos obtidos com a festa, que não foi cumprida?

- Sim

- Não
- Não sei

**23.1** Caso tenha respondido "SIM" na questão anterior (23), marque a alternativa que caracteriza o não cumprimento da utilização do recurso: (você pode marcar mais que uma alternativa)

- Abertura de linha de crédito para pequenos empreendedores
- Construção de áreas de lazer
- Construção de hospitais ou postos de saúde
- Criação de postos de trabalho
- Cursos de capacitação
- Gastos com segurança
- Gastos referentes à logística de apresentações
- Pavimentação de ruas
- Outro:

**24.** Você já foi a outras festas de São João no Brasil?

- Sim
- Não

**24.1** Caso tenha respondido "SIM" na questão anterior (24), em qual(is) cidade(s)?

**25.** Para você, o que significa ser “o maior São João do mundo”?

**26.** O que uma festa precisa ter para ser “a maior”?

Espaço aberto para comentários e sugestões:

**Muito obrigada por sua colaboração!**